OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XXVIII

QUATRO HORAS INNOCENTES

VOLUMES PUBLICADOS

I — Coisas espantosas.
II — As tres irmans.
III — A engeitada.
IV — Doze casamentos felizes.
V — O esqueleto.
VI — O bem e o mal.
VII — O senhor do Paço de Ninães.
VIII — Anathema.
IX — A mulher fatal.
X — Cavar em ruinas.
XI, XII — Correspondencia epistolar.
XIII — Divindade de Jesus.
XIV — A doida do Candal.
XV — Duas horas de leitura.
XVI — Fanny.
XVII, XVIII, XIX — Novellas do Minho.
XX, XXI — Horas de paz.
XXII — Agulha em palheiro.
XXIII — O olho de vidro.
XXIV — Annos de prosa.
XXV — Os brilhantes do brasileiro.
XXVI — A bruxa de Monte-Cordova.
XXVII — Carlota Angela.
XXVIII — Quatro horas innocentes.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

QUATRO HORAS
INNOCENTES

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1904

PREFACIO

Em vista da limpidez e pureza de ares que se respiram desde que á beira de cada pantano social se levantou um pulpito, é preciso que os titulos das obras profanas não desafinem da salutar harmonia em que as almas andam retemperadas.

Se por em quanto, a meu pesar, a falta de censura previa dos livros inquieta os escrupulos de quem os compra, obrigo-me a tranquillisar a consciencia do meu presado editor e amigo, e a do leitor principalmente, asseverando-lhes a innocencia do livro logo no frontespicio. Ainda assim não inculco a ninguem que esta obra possa medir-se quanto a espiritualidade e prestimo com a «Vida, milagres e visões da madre Leocadia da Conceição» mimo

reimpresso modernamente, o qual, se me não engana a piedade, é destinado a espancar algum demonio recalcitrante aos exorcismos.

Isto de novellas, poemas, dramas, lettras amenas emfim, está por um fio em Portugal. Os cemiterios absorveram a geração que lia e delinquia, vivendo consoante ás ruins paixões dos romances ou delirando nos arroubamentos do lyrismo. A juventude d'hoje em dia, mormente a portugueza, ganhou tão entranhado fastio a coisas de phantasia que já agora desdenhará do livro em que um autor imaginativo lhe descrever os raptos da idéa que o levantaram até inventar a graxa de lustro ou as pilulas de familia.

O descredito dos bardos e d'outros escriptores phantasticos tramou-lh'o o anjo que patrocina Portugal desde a batalha de Ourique até á evangelisação uberrima que n'este anno de 1871 troveja do pulpito de Cedofeita pelos labios ungidos de um missionario estrangeiro que, demais a mais, opulenta o lusitano vocabulario, rehabilitando palavras repulsas a requerimento da decencia.

A decencia!

Ora a decencia!

Que é a decencia nas palavras senão a mascara do vicio?

Quando se trata de intupir as gargantas do inferno, não é com periphrases, rodeios e figuras de

rethorica e phrases penteadas que hão de salvar-se as almas.

Regras de civilidade e palestras delicadas são bagatelas admissiveis, se acaso o espirito do orador academico se está narcisando no deleite do auditorio; quando, porém, o auditorio, abrutecido pelo peccado, vê o seu vicio arguido com a mais plebea palavra que lhe corresponda, a vergonha e o compungimento rebentam mais do intimo peito.

Ora este livro ainda vae medido pela pauta da decencia, bem que leva o intento posto em destravancar impêços á virtude. Imagine-se um braço herculeo repulsando d'entre a christandade, a murro sêcco, o eterno tentador, e ao mesmo tempo a mão

nervosa e inluvada de um paralta levando Lucifer pela lapela da casaca brandamente, com o mesmo proposito de o baldear aos gentios. 'Bem ou mal comparados, o missionario que, por amor ás almas, desacata os fóros da polidez, e o moralista que, por amor á decencia, desfolha as parreiras para vestir as estatuas nuas, ambos são dois meretissimos operarios; mas o primeiro, o que desdenha folhagens, e despe o vicio com a liberdade de Boccacio ou Gil Vicente, e com a liberdade apostolica de que nenhum santo padre lhe deu exemplo, este é sem questão o mais util.

Seja como fôr, nada de preferencias. Lidem todos. E, attendendo a que Satanaz, quando côa a

sua peçonha a corações incautos, não descarna as imagens dos vicios nem cata nos vocabularios a palavra mais polida para disfarçar-lhes a lubricidade, é acertado que do baluarte do pulpito se desembestem frechas ao peito perversissimo do diabo, embora a lingua seja asselvajada. Faz-se mister que o peccadar oiça da sciencia e consciencia dos padres a palavra sensual e carnalissima tal qual o vicio lh'a segredou na hora da tentação.

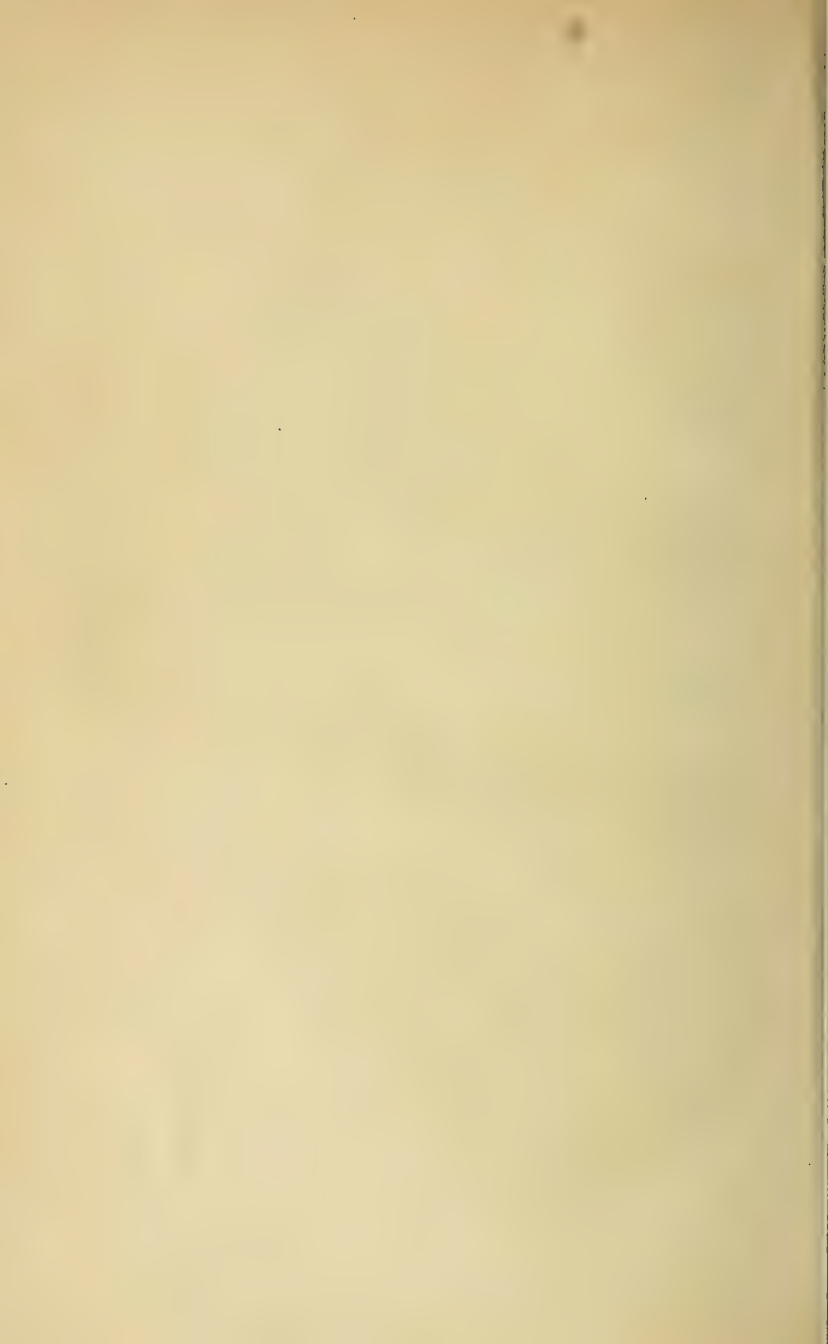
Não obstante, são decentes as palavras d'este livro, por isso que elle não pretende morigerar em tão larga escala. O autor, do mesmo passo que reconhece sua incompetencia, acha-se fallido d'aquella santa audacia do missionario que fórça ouvidos pu-

ros a filtrarem ás almas palavras impuras, e idéas de imagens tão á fresca, tão despeitoradas que só pela salvação das ditas almas podem aturar-se.

Mais nada a respeito das innocentes quatro horas d'este livro, senão que o autor aspira ao grandioso empenho de entrar no templo da Memoria com a decima edição vendida.

Assim seja.

Porto, 25 de julho de 1871

A FLOR DA MAIA

I

Assim era conhecida Maria n'aquella terra da Maia, onde ha moças formosas, e tantas que não sei de terra portugueza onde olhos de homem, pouco dado a contemplações seraficas, possam regalar-se mais.

Pois Maria do Val avantajava-se ás mais lindas, ás mais secias, ás mais ajuisadas e ás mais ricas.

E por isso lhe chamavam a Flor da Maia, como quem diz a mais primorosa de todas.

Ha quinze annos teria ella vinte e dois.

Mostraram-m'a na romaria da «Senhora das Dores», entre as carvalheiras que verdejam á beira de uma ermida que o leitor já viu talvez, perto da Carriça, nos seus passeios por este Minho tão festeiro.

Era mulher de estatura elevada; branca de leite ligeiramente purpurado; olhos não grandes, mas dulcissimos de meiguice, com um ar de namorados que parecia estudado para enfeitiçar homens gastos nas paixões das salas. Entre os nacarinos labios tinha ella então o pedicel d'uma cravelina, que natu-

ralmente lhe fôra dada por um gentil rapaz, que ali estava, muito guapamente vestido ao gosto da aldeia, bem que a physionomia lhe desdissesse do trajo.

Os atavios de Maria do Val, posto que de fina droga e bem talhados, denunciavam o descostume da formosa que os vestia sem bastante elegancia. Era um vestido roçagante de campo, um tanto antiquado no feitio, com refêgos nas hombreiras e o peitilho apresilhado de alamares de prata. Alteavam-lhe o seio quatro roscas de grilhões de oiro com relogio á cinta. Duas plumas brancas fluctuavam-lhe no rebordo esquerdo do chapeo de seda verde com pequenas abas. Não vestia luvas; todavia a mão, que brandia um chicotinho, era branca e, apesar de grande, em ajustada proporção com o braço cheio, nervoso, esculptural.

— Esta é que é a Flor da Maia — me disse o meu amigo Antonio Joaquim, sugeito dado aos folguedos populares do Minho, e não menos attreito á honesta admiração das mocinhas galantes.

E accrescentou:

— Aqui tens a mulher que eu amaria, até morrer por ella, se não fosse casado. E tu?

— Eu tambem sou capaz d'amal-a; mas até morrer por ella, não. Eu, quando amo, não me lembro do esquife, nem pretendo que o coveiro me feche o capitulo final do romance. Uma mulher d'este feitio, amigo Antonio Joaquim, faz-me vontade de viver, assim como a *montre* do Matta me faz vontade de comer. Se alguma vez senti desejos de morrer.

foi quando alguma mulher mal encarada me esgazeou um olho ameaçador da sua ternura. Quanto, porém, a esta Flor da Maia, sou a dizer-te que vou namoral-a, se o sujeito que está com ella não é algum amante facinora.

— Olha lá como brincas...—atalhou, sorrindo, o discreto Antonio Joaquim—Aquelle sujeito é capaz de te guindar acima d'um carvalho, e mandar-te gorgeiar de lá os teus amores á pequena. Vê lá se te sentes com vocação para pintasilgo de azas de marmeleiro... Repara no robusto páo argolado de prata que elle dobra entre dois dedos como se aquillo fosse a tua chibatinha de caoutchout!

— Estou reparando na cara d'aquelle homem... —disse eu, lembrando-me de outro que muitas vezes havia encontrado no «café Guichard» do Porto, vestido com extremada casquilhice.

— Não te enganas—confirmou Antonio Joaquim, conjecturando a causa do reparo—E' o mesmo homem, é o morgado de S. Martinho... Lá está elle agora reparando tambem em nós...

Era com effeito o morgado de S. Martinho, o galhardo môço que alardeava no Porto soberbos cavallos, ás vezes soberbas mulheres, e sobre tudo as côres rosadas de uma saude e alegria que o estremavam dos pallidos e tristonhos filhos da cidade.

O morgado reconheceu-nos, cortejou-nos de longa, e veiu depois cumprimentar-nos com ademanes muito cortezes que destoavam notavelmente do seu trajo.

Vestia elle jaqueta de bom panno preto com ala-

mares de seda, collete de setim com listas côr de laranja, faxa de seda azul, calça branca, sapato de coiro cru apertado por cordões variegados com muitas borlas de retroz, chapéo de fêltro alvadio debruado de vermelho com duas fitas largas ondulando-lhe nos hombros.

Deteve-se comnosco breves instantes, e voltou para a beira da Flor da Maia que parecia esperal-o com impaciencia.

— Esquisito homem! — observei eu — E' preciso ter a coragem toda que póde dar a tolice para calçar aquelles sapatos e vestir semelhante collete um homem que me pareceu mais intelligente que o commum dos morgados portuguezes!

— E é. — obtemperou o meu amigo—Este morgado tem estudos regulares, cursou alguns annos da universidade, conversa com irreprehensivel grammatica, e faz-se respeitar dos seus caseiros, não cedendo a ninguem em fóros de antiga fidalguia.

— Mas então que farcolice é esta de andar assim vestido, de varapáo nas unhas, pelas romarias?

— Foi o amor que fez isto. Por amor da Flor da Maia é que o morgado de S. Martinho se transfigura d'aquelle feitio. Ora eu te conto o que me referiu o feitor do morgado, quando na feira de maio lhe vendi um cavallo.

II

— Constou ao morgado que havia na Maia uma rapariga muito linda, filha unica de um lavrador abastado, pretendida dos mais ricos rapazes do concelho, e esquiva para todos.

Quiz vêl-a.

Veiu a esta romaria, onde lhe disseram, que a Flor da Maia nunca faltava.

Vestiu-se lepidamente ao costume da cidade, cavalgou o seu cavallo mais folhão, e rompeu em soberbas upas por aqui fóra, seguido de lacaio de farda azul com debruns escarlates e bota de picaria com prateleira.

Estava então a Flor da Maia sentada á beira do pae comendo cavacas e desentupindo os gorgomilos com uns tragos de vinho maduro.

Viu o cavalleiro, gostou dos corcovos do arrogante cavallo, e notou que o gentil moço a remirava attentamente.

O morgado de S. Martinho apeou, atirou a redea ao lacaio, e entrou na ermida para fugir ao spasmo curioso dos romeiros.

Voltou pouco depois, e parou perto de Maria, olhando-a de esconso.

A rapariga deu tento da envesgada olhadella, e disse de si para comsigo:

— Parece torto o homem!

Apparece n'este comenos o abbade de Rebordãos, que foi cumprimentar o fidalgo.

— Vossa excellencia—disse o abbade jovialmente —está embasbacado na cachopa!... Tem rasão, que ella é a melhor fatia d'estas dez leguas em roda. Aquillo é peixe!

Estylo de sacerdote minhoto.

— E' linda mulher, abbade!—disse o morgado— Vim aqui de proposito para vêl-a. Excede o que me pintaram! Como é possivel conservar aquella côr e delicadesa de feições n'esta vida da lavoira?

— Ella não vae ao campo — explicou o padre — Está mimosa como poucas fidalgas. Deve ter os seus trinta contos e talvez mais. O pae não vê outra coisa n'este mundo. Tem-lh'a pedido os mais ricos brasileiros da Maia, um medico do Porto que a veiu tratar d'umas maleitas, um delegado, tres ou quatro doutores, emfim, o diabo, não fallando n'um barão não sei de quê. A rapariga disse que não os queria, mesmo sem os enxergar. O pae cuidava de morrer de alegria, quando a sua cachopa lhe jurava que, em quanto elle vivesse, não casaria nem com um principe.

— Vejo—atalhou o morgado—que o meu amigo conhece muito esta familia.

— Ora, se conheço! Sou muito amigo do Joaquim

do Val. Se vossa excellencia quer, venha comigo, e conversamos todos.

Aceitou alegremente o morgado.

Joaquim do Val abraçou o padre. Maria apertou-lhe a mão com força e desembaraço; abaixou a cabeça ao fidalgo, e tornou a sentar-se com semblante muito agraciado e risonho.

O lavrador conversava com o abbade, que o distrahia acintemente para que o morgado pudesse palestrar com a moça.

Não sei o que elle disse que desfez o ar alegre de Maria. E' certo que ella nem mais o encarou a fito, nem respondeu aos murmurios do fidalgo, que provavelmente lhe pedia perdão de a ter encarecido de formosa.

O rapaz cuidou talvez que estava com senhora cultivada...

— *Cultivada!*—atalhei, protestando contra o termo agrónomo de mais—*civilisada*, queres dizer...

— Sim civilisada; senhora de salas que não só tolera, mas agradece que lhe gabem a pequenez da mão e o arqueado pé, e o jaspe dos hombros...

— Pois por que não? Se ellas mostram essas divinas coisas é para que lh'as desgabem, Antonio Joaquim?

— As coisas divinas veneram-se; os pés divinos...

— Beijam-se.

— D'accordo. Deixem-se beijar onde quizerem; mas não consintam que um lorpa as esteja profanando com olhos e com prosa vil de coudel que te gaba as fórmas das suas eguas mais castiças.

— Pois sim; guarda-me essas moralidades para o meu livro intitulado *Thesouro de Meninas* e conta-me a historia da Flor da Maia, se não acabou n'isso.

— N'isso quê?

— Nos arrufos á conta d'elle lhe gabar as mãos, os pés, ou lá o que foi.

— Não sei o que foi. O que sei é que o morgado foi triste para casa, depois de haver dito ao abbade de Rebordãos:

— Esta mulher é capaz de me apaixonar, alli onde a vê!

— Não admira.—assentiu o abbade—Olhe que eu, aqui tambem onde me vê, andei atrapalhado mais d'anno e meio, quando a vi e conversei com ella. Eu não comia, eu não dormia, eu trazia a cabeça a juros, emfim, o que me valeu foi...

— A religião.. —atalhei eu.

— Não. — emendou o Antonio Joaquim — O que lhe valera fôra apaixonar-se por duas freguezas, que ficaram sendo duas vezes freguezas da residencia abbacial. Como eram duas, contrapesaram a paixão de uma, e assim se remedeou o Eurico de Rebordãos, attendo-se á arithmetica e ao equilibrio das qualidades com as quantidades.

— Mas não me contes agora a historia do abbade de Rebordãos; deixa-me isso para o meu livro do *Clero lusitano antes e depois do Concilio Tridentino.* Vamos á Flor da Maia que me não cheira a padre.

— O morgado, vinha eu contando, foi para casa, e tão scismatico andou uns dias que, á mingua de

mais profano confidente, contou ao seu capellão o que passara com Maria do Valle, e o descanço em que ella deixara o coração. Riu-se o padre ás escancaras como quem conhecia de raiz a naturesa calida do fidalgo, e havia assistido, mais ou menos escandalisado, a repetidas combustões do mesmo gráo, que esfriavam depressa. Porém, vendo que o morgado se desagradava das facecias com que elle costumava lisongear-lhe as proezas femineiras, compoz o semblante e alvitrou seriamente sobre o caso, perguntando-lhe se Maria do Val lhe serviria para esposa. Respondeu o morgado que, se ella o amasse, bem poderia acontecer que afinal se casasse; mas não era elle um homem que a pedisse na incertesa da resposta.

Quanto á conveniencia de tal casamento discorreu o padre-capellão affirmativamente, passando por alto a desegualdade de nascimentos, como coisa sem importancia real no seculo das luzes. Toda a solida argumentação do sisudo administrador da casa de S. Martinho batia no ponto de estar o casal empenhado em bons vinte e cinco contos. Ora, tendo Maria do Val para mais de trinta em dinheiro e terras, o morgado, sobre desaggravar sua casa, adquiria uma esposa nova, bonita, sem nodoa, e de mais a mais não affeita a bailes, theatros e pompas.

Concordou o fidalgo em tudo, menos no pedil-a sem a previa certesa do consentimento, visto que não seria de espantar que ella o regeitasse tendo já desdenhado de ricos brasileiros...

— E do barão de Vougado—ajuntou o capellão.

— Que é um burro. — tornou o morgado para fazer sentir ao padre a distancia intellectual que o separava do outro pretendente.

— A respeito d'isso, —replicou padre João — se elle é burro ou lettrado, não se lhe importa a moça saber. Vossa excellencia não tem visto meninas da cidade, a saberem grammatica, francez, geographia e varias sciencias, casarem com ricaços burrissimos? Como quer então que a ignorante filha d'um lavrador da Maia dê apreço a vossa excellencia por que tem estudos, e regeite o barão de Vougado por que diz parvoices que elle não entende melhor que as discreções que vossa excellencia pode dizer-lhe?

— Tem rasão, padre João. —assentiu o morgado.

— Meu amigo e senhor: —volveu o capellão—Vou contar-lhe uma rapaziada minha; mas fique isto aqui entre nós. Quando eu era estudante em Braga, fui a uma festa á Falperra, e vi lá uma rapariga das Taipas, a coisa mais fresca, mais puchada á sustancia, mais bem feita que os meus olhos lobrigaram. Aquillo foi como um ar que me deu! Segui-a por toda a parte; e guando a vi partir á noitinha, as bagádas subiram-me aos olhos, e o coração não me cabia no peito de triste e cheio de saudades. D'ahi a dias fui ás Taipas, e vi-a sentada á porta de casa, comendo tremoços com azeitonas. Deus sabe com que vergonha a cumprimentei! Ora, como a minha paixão era sincera, não tive mais do que deixar fallar o coração. Disse-lhe quanto e mais do que imaginava dizer-lhe. Ouviu-me tudo, emquanto duraram os tremoços e as azeitonas; depois

ergueu-se, deu-me as boas tardes, entrou em casa, e fechou a porta. Eu fiquei alli corrido, mas parado a olhar para a porta. N'isto appareceu ella no postigo da varanda, e disse-me: «Não nasci para vossemecê; converse com fidalgas da sua laia». E retirou-se.

Entendi que o casaco e o chapéo redondo eram o meu alvará de fidalguia aos olhos da rapariga. Pensei no modo de me desfazer d'estes incommodos brazões. Chegadas as férias grandes, inventei uma mortal bretoeja nas pernas, e obtive de meu pae licença para tomar banhos nas Taipas. Despi o casaco e fui de jaqueta, chapéo braguez, e sapato branco para as Caldas. Relacionei-me com os lavradores da terra, com as raparigas que dançavam, toquei viola, cantei a chula, dancei, emfim, ganhei o coração da rapariga, com quem a esta hora estaria casado, se meu pae não apparece nas Taipas a saber como ia a minha bretoeja, Quando elle chegou estava eu á entrada da ponte cantando ao desafio, com duas pennas de pavão no chapéo, e cigarro ao canto da bocca, e páo de lódo argolado atravessado por debaixo da perna em postura de pimpão de aldeia. Ao encarar no rosto espantadiço do meu progenitor, engasgou-se-me a cantiga nas campainhas da garganta, e fui beijar as mãos do velho que se apeou do macho e me cruzou nas costas uma grande benção de cacete. Segui com humildade até á estalagem, e confessei a minha mentira. Depois fui para casa e voltei para Braga a tomar ordens menores...

— Apaixonado pela rapariga? — interrompeu o morgado.

— Assim, assim... — disse o capellão — Isto das paixões bem sabe vossa excellencia que são como as melancias: incham a gente depressa e depressa desincham. A môça póde ser que resistisse toda á vida ás seducções d'um casaco; mas não tinha virtude que resistesse a uma jaqueta...

— Percebo. — disse o morgado.

— Ora se percebe! — tornou o risonho clerigo — Applicando o conto, meu caro senhor, não tema que os barões e os brasileiros lhe disputem a Flor da Maia; se tem a recear alguem, é uns de que vossa excellencia se não lembra; são os de jaqueta, os lorpas que vão ás espadeladas, ás descamisadas, ás romarias, e são certos nas occasiões perigosas, nas tardes do estio, nas manhãs da primavera, nas horas da sesta, emfim, tema-se vossa excellencia d'uns homens que vivem muito ao natural. Não sei se me entende? Olhe que eu tenho visto casos!... A naturesa é muito caprichosa cá pelas aldeias, e pelas cidades tambem, com a differença de que nas cidades a naturesa anda de casaca, e cá fóra nas aldeias de jaqueta.

III

Estas e outras considerações operaram no animo do morgado de S. Martinho uma espantosa deliberação.

Por denuncia do abbade de Rebordãos soube o fidalgo que a Flor da Maia gostava muito de ouvir tocar clarineta, mas propriamente clarineta aldeã, como ella se grita e grunhe e chilra e assobia na desgarrada. Por lhe dar gosto, o pae muito a miudo chamava os mais formosos clarinetistas para a sua eira, e via com prazer paternal a filha a dançar mordida da tarantula do enthusiasmo, principalmente se uma requinta acompanhava com os seus silvos estridentes a clarineta.

Esta noticia poderia tornar ridicula a rapariga no conceito do morgado, se o mythologico tapa-olhos de Cupido não nos estivesse significando que o amor não deixa ver as ridiculesas do objecto amado. Alto conceito explicado em estylo ainda mais alto.

Lançou o morgado inculcas que descobrissem um professor de clarineta e requinta. Soube que o mes-

tre da musica de Ruivães primava na musica dilecta da Flor da Maia. Propoz-lhe seductoras vantagens, levou-o para casa, comprou os instrumentos de bom auctor, e entrou a soprar berros dilacerantes, noite e dia, com horror dos passaros e dos visinhos, e mortiferas enxaquêcas do capellão, providencialmente punido.

Collaborava com elle o amor na adquisição da prenda rara. Era um progredir prodigioso!

Ao cabo de um mez, acompanhava com bastante geito uma chula; e, na imitação da parte cantante, puchava uns guinchos peregrinos de infernal melodia. Findos dois mezes, não era menos perito na requinta. E, na volta do terceiro mez, declarou o mestre ao illustre discipulo que podia tocar affoutamente onde quizesse.

Convencido pelo testemunho do proprio capellão, o morgado escutava-se a si proprio seriamente, e remirava-se n'um espelho estudando os tregeitos usados pelos tangedores dos sympathicos instrumentos. Estes ensaios até certo ponto denotam que o maganão do morgado abraçara a theoria do padre e não esquecia as minimas particularidades que melhor o desfigurassem aos olhos de Maria. Dizia-lhe a razão que, se elle bufasse na sua requinta seductora com o aprumo hirto e inflexo d'um mestre de banda regimental, denunciaria logo o paralta faceira sem os esgares typicos do tangedor aldeão. Pelo que, seria irrisorio, se não fosse preciso, aquelle estar-se ao espelho a cabecear e a revirar contra o céo o branco dos olhos, e a tregeitar de braços

e pernas, e a lamber a palheta do instrumento.

Feito conscienciosamente este não facil estudo, encarregou o abbade de saber a noite em que houvesse esfolhada de milho em casa de Joaquim do Val; e, bem informado, chamou as duas melhores rebecas do concelho, quatro violas, uma trompa da musica de S. Thiago Dantas, o José Gallego, cantor de ropia das Lagôas, a famosa cantadeira Custodia de Famalicão, e um dos seus caseiros com zabumba. — Festa real, na opinião do regedor, que tambem foi tocando ferrinhos como finesa ao morgado.

Ao intardecer de um calmo dia de agosto, na eira de Joaquim do Val foliavam as mais guapas moças da Maia, trajadas domingueiramente, com os alterosos seios sustidos por garridas fitas de varias côres, e velados pelas rendas alvissimas das camisas. Os braços nus não se resguardavam mais castamente que as pernas. A innocencia não estremava umas extremidades das outras; se havia differença a notar, mas a meu ver tambem innocente, era nos olhares entre-parvos e lubricos dos rapazes, e talvez n'uns reparos tambem honestos do abbade de Rebordãos e d'outros clerigos que levavam nas algibeiras espigas vermelhas.

Ora o leitor sabe que achar uma espiga vermelha em descamisada é adquirir direito a um abraço de cada rapariga, abraço casto, em que o apertar e o apalpar não quer dizer nada, nem deixa signal sensivel senão — e não é sempre — passado um certo numero de luas.

Em um d'esses innocentes episodios das espigas vermelhas andavam embaralhadas as raparigas e rapagões na eira do Joaquim do Val, quando subitamente estralejou uma girandola de foguetes, e logo rompeu a consonancia instrumental da chula.

As raparigas conclamaram um grito de alegria, e a Flor da Maia que estava em casa moirejando com as creadas na lauta ceia, assomou a uma janella exclamando:

— Quem são?! Quem toca a clarineta?

Ninguem lhe podia responder senão o abbade de Rebordãos, mas esse tinha promettido ao morgado guardar segredo.

Joaquim, o alegre velho que já se estava deliciando no regosijo da filha querida, foi ao portão receber a festa.

Os seus olhos não podiam convencer-se de que o fidalgo de S. Martinho era o galhardo moço que empunhava a clarineta.

A festa entrou o portão, sem descompor a fórma que trazia, porque é de praxe inalteravel que os cumprimentos de parte a parte, entre hospedes e hospedeiros, se troquem em prosa, depois que os cantores tem dito em verso ao que vem.

Chegados em marcha triumphal á eira, a Custodia de Famalicão declarou em rythmo irreprehensivel:

Venho cantar n'esta festa
Que um fidalgo aqui vos traz:
Gabar-se de honra como esta
Ninguem no mundo é capaz.

E o cantador, que tinha mais malicia do que genio, acrescentou:

> Nem no mundo ha quem mereça
> Um fidalgo de tal laia,
> A não ser quem se pareça
> Co'a iinda Flor da Maia.

A um signal do morgado parou o instrumental. Maria estava ainda perplexa na duvida do tangedor de clarineta, quando o pae lhe disse que era o morgado de S. Martinho.

A este tempo, o gentil rapaz saiu do grupo dos festeiros e foi cortejar o velho e a filha com a sua usual gravidade, pedindo desculpa de ir, sem ser convidado, tomar parte nas alegrias d'uma familia que apenas conhecia.

O lavrador agradeceu a sua excellencia tamanho favor, e Maria apenas entreabriu um sorriso de agrado, por não poder exprimir a sua alegria e al voroço d'outro feitio.

Já o festivo velho saía da adega com um cantaro de vinho e canecas em uma grande travessa.

O morgado, á feição dos outros, abeirou-se do distribuidor do vinho; porém, o velho tirando o de parte, segredou-lhe:

— Vossa excellencia hade subir á sala para beber vinho do Porto que o tenho da fundação da companhia.

— Não, sr. Joaquim. — recusou o fidaldo — Eu aqui sou um homem de aldeia que se diverte e bebe como os outros.

Tomando então uma caneca do verde, bebeu á saude do sr. Joaquim do Val e de sua filha.

E, embicando a bojuda vasilha aos beiços, emborcou de um jacto aquella tizana de fel com admiração e jubilo dos seus companheiros que beberam duas para graduarem respeitosamente as distancias.

Consummada a primeira libação, pegaram dos instrumentos, e recomeçaram a desgarrada.

O morgado, revesando-se com a requinta, fez milagres de sopro: foi superior a si mesmo!

A Flor da Maia, fitando n'elle os graciosos olhos, onde a alma transparecia a rir, de vez em quando abria os labios para deixar sair francamente um suspiro de admiração. As outras raparigas, todas lindas, todas infeitiçadas pelos filtros da harmonia, pareciam disputar a Maria o prazer de admirarem o morgado de S. Martinho.

Quando o lavrador annunciou que a ceia estava na mesa, já a filha tinha dado pasto á murmuração das amigas e do proprio pae; porque, em vez de ir moirejar em casa nos aprestos da ceia, abandonara ás creadas esse cuidado, e ficara-se na eira a contemplar o morgado, e a deixar-se fascinar dos sonoros feitiços que lhe elle assoprava pela clarineta ao coração.

Logo ahi, ao desfazer-se o grupo dos instrumentistas chamados para a unctuosa ceia, consta que o fidalgo, abeirando-se de Maria lhe segredara o que quer que fosse. Não devia de ser coisa funebre, visto que a moça, muito fita n'elle, sorrira primeiro;

e, depois, com requebrada jovialidade lhe apertara a mão e dissera: «muito obrigada. Eu não sou merecedora de tantos favores.»

— Provavelmente — observei eu no proposito de preencher o vasio mysterioso — quiz depôr-lhe aos pés a clarineta á imitação dos provençaes que depunham as mandóras ás plantas das castellãs.

— Não seria isso...

— Então offereceu-lhe as inspirações da requinta e o supplemento d'um beijo...

— Estava perdido, se o fizesse com a temeridade dos Tenorios que beijam as Elviras das salas. Nas eiras da Maia quem offerece um beijo deve levar o nariz encouraçado para rebater a catapulta d'um ou dois murros d'aquellas gentis virágos. Não é difficil topar n'aquellas terras commendadores; estes, porém, quando algum D. João lhes deshonra as filhas, em logar de imitarem o commendador hespanhol, que morria e ressuscitava de pedra, matam ás pedradas os malandrins. A maxima liberdade que o morgado de S. Martinho pôde usufruir foi um abraço...

— Está feito!... Isso não é desgraça das maiores que eu conheço... Como se ageitou a occasião?

— D'esta maneira innocente: Quando findou a ceia, o rancho desceu á eira a continuar a descamisada. N'este comenos, o abbade de Rebordães chamou o fidalgo de parte e deu-lhe uma espiga vermelha, ficando ainda com duas para seu consummo, e observou ao seu amigo:

— Não lhe vejo outro meio de abraçar a rapariga. Aperte-a, e aperte-m'a bem, morgado!

Movido pela seraphica exhortação, o morgado sentou-se no fundo d'um cesto voltado ao ar, e entrou a desfolhar espigas festejado por alegre vozearia das moças e dos rapazes que exprimiam a urros o seu jubilo.

A Flor da Maia, que adivinhava as boas manhas da cortezia, foi offerecer uma cadeira de palhinha ao fidalgo. Obrigada suavemente a sentar-se n'ella, ficou Maria muito á beira do seu homem fatal.

— Olé! — exclamei — Temos romance? temos patife mascarado de Fausto? Temos uma Margarida na Maia a desplumar as azas innocentes com ar de perúa choca que perde a penna? Deixa-me cá esses homens fataes para os meus livros fatalissimos, e não me andes com estylo nem mais acima do abbade de Rebordães, nem mais abaixo do capellão do fidalgo. Ias tu contar-me que o morgado, fingindo que achara a espiga vermelha...

— E' verdade, mostrou-a com modestia não usual, e, quasi obrigado pelo direito consuetudinario das esfolhadas, abraçou uma por uma as raparigas...

— Ao estylo do abbade de Rebordães?

— Não: abraçou-as com fraternal commedimento e distancia; posto que nos braços de algumas se sentisse apertado, em termos de cuidar que lhe intortavam a espinha. Quando chegou a vez á Flor da Maia, levemente lhe cingiu com o braço direito as espaduas, murmurando: «Os anjos não se abraçam: adoram-se.»

— Oh! que anjo de homem! — exclamei eu — E ella que lhe disse?

— Nada. Fitou-o sorrindo; e parecia adoral-o n'aquella silenciosa contemplação.

— Pois eu havia de ir jurar que essa rapariga tinha mais espirito, quero dizer, mais critica...

— Como critica? Então que idéa fórmas tu d'uma rapariga do campo? Como querias que ella recebesse uma phrase capaz de apaixonar a mulher illustrada que houvesse lido e intendido os teus romances?

— E' que eu tenho encontrado na mulher da aldeia um certo bom senso de rir, uma zombaria discreta e pungente que te deixa corrido, se tu, no acto solemne de uma desfolhada de milho, e no momento festivo de a receberes francamente nos braços, lhe disseres que os anjos não se abraçam, mas adoram-se. Que nas salas, nos corredores, nos patamares das escadas, essas phrases mysticas aformosentem o rosto da donzella d'uma seriedade beata; isso, além de ser convencional, é não só bonito, mas tambem necessario. A naturesa, nos amores das pessoas bem educadas, representa só no ultimo acto, quando as visualidades da arte já gastas e destingidas deixam ver o papelão; e, ordinariamente, desde que ella assoma na rampa, as tretas e tramoias da arte, nem tem que fazer nem podem competir com ella em interesse dramatico. O resultado é o que nós sabemos. As scenas e peripecias correm tão naturaes, tão humanas, tão aprosadas que o poeta, quando mal se precata, em

vez de sobraçar a harpa dos seus cantares, acha-se com um menino robusto nos braços que lhe chama pae; e a poetisa loira, quando o marido lhe explica as vantagens de ser director da Companhia ou fiscal da Santa Casa da Misericordia, está fazendo uma açôrda para o pequeno que lhe desfaz os boucles.

— Oh! formosissima naturesa é essa! — exclamou o meu amigo Antonio Joaquim, como excellente esposo e pae que era.

— E é. — confirmei eu — E por isso mesmo que o amor é bello, e util e santo, quando a arte o não cavilla e enreda, has de tu observar que as mulheres da aldeia tem o instincto da formosissima naturesa que te arrancou essa exclamação digna de Buffon e de ti. E, por amor d'esse nativo instincto, é que ellas motejam no lirismo dos poetas que vão ás campinas dar verde ao genio.

— Quando o teu genio tiver verde bastante, avisa-me para eu continuar a historia.

— Podes continuar, na certesa de que já a sei.

— Já sabes a historia? Então que estou eu aqui a fazer?

— Quero dizer que me é facil adivinhar o que vaes dizer, por que todo esse machinismo gira em eixos usados, e os productos são sempre os mesmos, logo que na fabrica dos amores entram umas determinadas peças. Eu concluo a historia, se dás licença.

— Podes concluir.

— O morgado de Santa Marinha avassalou o coração da moça; e, sendo o coração a viscera mais

importante da mulher, — orgão vital por excellencia—aconteceu que todos os mais orgãos componentes do funccionalismo physiologico da Flor da Maia, seguiram o pendor e rotação do seu centro, com a submissão de satellites no systema astronomico interior da mesma rapariga.

— Então isso é que é a conclusão da historia?! — perguntou Antonio Joaquim.

— E'. Uma pessoa bem creada não deve concluir d'outro feitio historias que, no tempo de Camões, se completavam com dois versos indecentes hoje em dia.

— E's esperto e morigerado. — confessou o meu amigo — A Flor da Maia, segundo todos affirmam e ella não desmente, é hoje amante do fidalgo de S. Martinho. Alli a vês formosa, mas pallida; feliz, mas inquieta; contemplada, mas já não invejada das suas amigas de infancia. Amou-o tanto e tão cegamente que não soube prevalecer-se da sua bellesa e patrimonio para entrar na casa solarenga do esposo com a corôa virginal. Dizem que o morgado lhe quer muito e a segue, como vês, ainda vestido com os trajos que a infeitiçaram. O que serão estes amores d'aqui a annos, mezes, ou dias? Como acabará isto? Em nada. Um opprobrio arrependidido, uma desgraça obscura, ou, talvez, uma alegre festa de noivado, em que a Flor da Maia, para vingar-se do fidalgo de S. Martinho, case com o barão de Vougado. Que te palpita, visto que adivinhas o remate d'estes contos? Dize lá qualquer coisa physiologica e astronomicamente fallando.

— A mim bacoreja-me, amigo Antonio Joaquim,

que esta mulher, assim que os missionarios vierem á Maia, faz confissão geral, corta o cabello, restaura com jejuns a sua innocencia arruinada, e, depois — ahi vae agora a parte physiologica — como de dez em dez annos as moleculas de cada individuo são substituidas por outras, por effeito das decomposições e vaporações que successivamente se operam na economia animal — aquella rapariga, já convertida n'outra, guardará escassa lembrança do que foi, e ao mesmo tempo não terá quem a culpe do seu lapso por que as pessoas do seu tempo hão de estar renovadas tambem, e portanto esquecidas. E' d'este modo que se explica o audacioso aprumo com que muitas mulheres infamadas affrontam o pudor publico: não é desfaçatez, é esquecimento de si mesmas — é a reformação das moleculas integrantes e constituintes. E, se o pudor publico se não escandalisa, é pela rasão de o pudor andar tambem ás décadas, recompondo se de fluidos renovados — admittida a hypothese de que o pudor é um fluido aeriforme — composição subtilissima de gazes.

— De gazes!... Então a innocencia que se purpureja na face de uma donzella é um gaz?

— E' um gaz de innocencia, é a emanação mais subtil, mais inflammavel do sangue, é o fluido em fim que, se o sangue se alvoroça, sobe ao rosto, por ser volatil de sua naturesa.

— Estou satisfeito. — concluiu Antonio Joaquim reformando a meu respeito a opinião em que me elle tinha de homem pouco versado em sciencias naturaes.

IV

Mas a historia estava apenas começada.

Dez annos passaram sem que eu me esquecesse da Flor da Maia, por que muito a miudo vi o morgado de S. Martinho no Porto, nas feiras grandes de Famalicão e Penafiel, e onde quer que um fidalgo minhoto costuma estadear-se com os seus cavallos, e a sua ruina sobre o panno verde.

Decorridos, porém doze annos, ouvi contar que o morgado estava pobre, e reduzido a passar uma vida ignobil com expedientes improprios do seu nascimento e educação.

Por esse tempo, encontrei o meu amigo Antonio Joaquim, e perguntei-lhe o que sabia da Flor da Maia.

— Ai! pobre Flor! — disse elle — Pois não sabes nada d'aquella ditosa gente que vimos em 1853, na romaria da Senhora das Dores?

— Apenas sei que o morgado está pobre...

— Pobre? só pobre?!...

— Pois ha coisa peor! Então inventou-se alguma incognita desgraça para elle! E ella?...

— Eu vou contar-te um caso estranho, com pre-

cedentes vulgares, ordinarios, mas assim mesmo não os previste, quando pedi á tua phantasia a continuação da historia. O morgado chegou a projectar casar-se com Maria do Val. Constrangiam-no á reparação as supplicas da rapariga, o abatimento do pae ancião que sabia do descredito da filha, o abbade de Rebordãos picado pelos remorsos de haver coadjuvado aquelles amores, e tambem o deterioramento da casa de S. Martinho, desfalcada por credores usurarios, e infinitos parasitas que se banqueteavam com o fidalgo, já bastante embrutecido pela convivencia de gente da infima plebe. Esta ultima causa que o estimulava sobre as outras a casar-se, demonstra que elle já não amava Maria com tanta vehemencia que se dispensasse dos trinta contos d'ella e do espectaculo pungente das lagrimas do velho deshonrado.

N'esta deliberação foi o fidalgo a Braga diligenciar licença para casar-se com Maria sem a precedencia dos banhos, receoso de que outras mulheres, illudidas em sua boa fé, lhe saissem aos pregões com os filhos ao colo. Não sei quem lhe aconselhou a cautelosa providencia: foi um dos dois padres: ou o capellão ou o abbade de Rebordãos.

Estava elle em Braga solicitando a licença, quando uns parentes o convidaram a passar as noites em sua casa. Entre as vinte e sete primas que festejaram o primo morgado de S. Martinho preluzia uma peregrinamente bella, candida, sympathica e cheia de graças que desculpavam uma paixão subita. Esta menina, educada nas Ursulinas, saira do

convento para o fim honesto de grangear marido que a indemnisasse do infortunio de ser filha segunda em casa de morgadio. O pae já trazia de olho uns quatro brasileiros opulentos, negreiros aposentados, com o figado turgido e os joanetes do tamanho dos figados respectivos. Adozinda, a ideal Adozinda fôra intimada a escolher um dos quatro, quando lhe appareceu o primo morgado de S. Martinho a contemplal-a com uns olhos pensativos, e a fallar-lhe com umas vozes tremulas e um tom de maviosa meiguice.

O pae, e os tios e toda a parentella observaram a insistencia das quadrilhas, das polkas, dos passeios na sala, dos colloquios meio secretos entre os dois. Decidiram que flamejava paixão, ou pelo menos sympathia mutua, com base bastante sobre que levantar projectos de casamento.

Os parentes da menina cooperaram a despersuadir o pae de casal-a com algum dos quatro argentarios — cujos progenitores haviam sido sapateiros de seus avós, ou ferradores das suas parelhas, agora principalmente quando se lhe ageitava um enlace com parente abastado, elegante e de apuradissima educação. Convenceram-n'o. As pessoas empenhadas no consorcio rodearam o morgado, encarecendo-lhe os dons de Adozinda, e pedindo-lhe que, sem contar com a rara formosura e virtude de sua prima, timbrasse em dar posição brilhante a quem recebera do céo prendas que a dispensavam de ser rica.

O morgado sentiu dôres intimas das que a Pro-

videncia inflige aos corações máos como prenuncio de grandes desgraças. Quiz fugir covardemente ás prezas da paixão nascente que o illaqueavam; mas não pôde. Maria do Val figurou-se-lhe talvez ajoelhada, pedindo-lhe que não a abandonasse; mas, se a consideração dos trinta contos não teve mão d'elle, outra qualquer não valeria a antepôr ao rôsto primoroso de Adozinda a face lagrimosa da Flor da Maia.

Assediavam-n'o entretanto com instancias os parentes, e tambem a menina, com denguices de mimosos amuos e despeitos, uns que lhe ensinavam as tias velhas, outros a naturesa. Como quer que fosse, o morgado fechando olhos ao futuro e o coração ao remorso, pediu formalmente sua príma, aprazando as nupcias no mais breve termo que pôde ser.

Não sabia elle, entretanto, como cuspir á cara de Maria do Val a noticia da sua deshonra irreparavel.

Consultou o capellão. Este padre que mordomisava os bens espirituaes e temporaes do fidalgo, viu a consulta á luz do seculo XIX. Fez mediocre reparo na immoralidade do caso, e poz o fito da sua argumentação no empenho da casa, demonstrando arithmeticamente que o morgado, volvidos dez annos, não teria de seu senão um simulacro de vinculo que renderia cem medidas de milho; e, se os credores penhorassem os rendimentos da terra vinculada, elle fidalgo pediria esmola com o chapéo na mão, ou com o chapéo na cabeça. «Mendigo ou ladrão» concluiu o padre.

Ficou o sujeito abalado; mas a sua palavra não podia retroceder, dizia elle com fidalga hombridade.

Aporfiou o capellão em estorvar clandestinamente o casamento com a menina pobre, já enredando na relação ecclesiastica as licenças com impedimentos canonicos, já com avisos por mediação de terceiras pessoas á filha do lavrador, instigando-a a procurar em Braga o perversissimo amante.

Maria não foi porque uma febre fulminante a prostrou na cama; porém o velho, conscio da triste nova que adoentara sua filha, chamou o auxilio do abbade de Rebordãos, e foi a Braga.

Tardias e decerto inuteis tentativas. Quando Antonio do Val procurava o morgado na hospedaria, as bagagens do fidalgo saíam para casa do sogro.

— Matou-me a mim, e á pobre rapariga!... — soluçou o velho nos braços do abbade.

V

A Providencia divina amiserou-se de Maria do Val, permittindo que a morte lhe sahisse do seio na torrente das lagrimas. A deshonrada e trahida mereceu compaixão aos olhos de seu pae, que a não arguiu, antes a exhortou a soffrer com paciencia a sua sorte.

Por espaço de annos a Flor da Maia não apparebeu em romagens, nem seu pae nas feiras.

As festas da casa do Val acabaram. Uma só vez se reuniu muita gente nos eirados e pateos d'aquella casa: foi quando o cadaver do pae de Maria saíu para a egreja, arrancado aos braços da filha.

Então se soube que os haveres de Antonio do Val excediam em dinheiro os mais arrojados calculos, visto que sua filha unica herdeira, receando que os ladrões amaltados na Terra Negra lhe assaltassem a casa, mandara depositar em um banco do Porto algumas duzias de contos de réis.

Esta nova deliu inteiramente da memoria de homens a data da queda de Maria. Dos seus antigos pretendentes alguns sentiram-se novamente incom-

modados por um profundo amor. O abbade de Rebordães, cuidando que se alliviava do peso de sua responsabilidade no infortunio de Maria agenciando-lhe marido, propoz-lhe proprietarios, lavradores de primeira ordem, negociantes acreditados, um ou dois barões. Maria, depois que se cançou de o dissuadir com delicadesa, repelliu-o com desabrimento. Foi grande parte n'este azedume contar-lhe o padre com ares de vingativa alegria que o morgado de S. Martinho, oito annos depois de casado, caira em tanta pobresa que já todos os seus predios haviam passado aos credores; que a sua vida era jogar com umas migalhas que lhe emprestavam ou esmolavam os seus antigos servos; que a esposa, illudida quanto aos bens de fortuna do marido, não tivera virtude bastante para perdoar-lhe o engano, e se tornara intractavel, cruel, e por isso mesmo digna do despreso e sevicias com que o desesperado marido a castigava; que era uma dôr de coração ver seis creanças, filhas d'estes dois infelizes, sem futuro, sem pão, maltrapidas, e sempre escondidas para que ninguem as visse; e, por fim, acrescentou o informador, sem attentar nas lagrimas de Maria, que a mãe d'estes seis meninos, forçada pela fome, abandonara os filhos, e se refugiara nas Ursulinas, onde as suas antigas mestras a receberam por caridade, em rasão de não ter parente que a recebesse.

Desde a hora d'estas revelações o abbade não entrou mais na casa do Val.

O quadro, porém, que elle descrevera era verda-

deiro, tirante a calumnia de haver Adozinda abandonado os filhos por não poder aquinhoar da fome d'elles. Gasta pela desgraça infatigavel de oito annos, desamparada dos parentes que lhe haviam aconselhado o casamento, atormentada pelos phrenesis do marido que se arrancava os cabellos embranquecidos quando os filhos o rodeavam a sorrir-lhe sem a consciencia da sua penuria, a lastimavel senhora deu os primeiros symptomas de thysica, e logo os extremos tão aceleradamente sobrevieram que não havia já duvidar de sua morte proxima. Foi então que lhe aconselharam ares patrios; mas seu pae era fallecido, e seu irmão ausente de Braga. A pobre mãe queria viver ainda que fosse com a condição de mendigar para os filhos, e cuidava que o transferir-se a Braga lhe restauraria as forças, fechando lhe as ulceras dos pulmões, e alteando-lhe o seio retrahido por dolorosa oppressão. N'esta esperança, recorreu ás suas amigas e mestras do convento, e teve animo de apartar-se das creanças que ficaram fechadas em um quarto, ao mesmo tempo que o pae, ajoelhado aos pés da esposa que saía, lhe beijava as mãos descarnadas, e por entre soluços lhe pedia perdão.

Adozinda sabia que seu marido abandonara uma menina para casar com ella. Sabia-o por que o capellão do morgado nem esse recurso omittira para impedir o casamento. Ao delicto do marido attribuia ella as incessantes desventuras da vida d'elle; e da cruesa com que despresara o aviso do padre se considerava ella tão justa e severamente casti-

gada. Estes terrores, quasi supersticiosos, oppri-miam-lhe muitissimo a alma, quando o dia das contas se aproximava. Quer espontaneamente, quer por suggestões do seu confessor, a moribunda escreveu a Maria do Val, supplicando-lhe que perdoasse a seu marido, e lhe perdoasse a ella, e a seus innocentes filhinhos, que ficavam muito desamparados com o crime de seus paes atravessado no caminho da sua vida. Instava pelo perdão do crime de seus paes afim de que os meninos ainda encontrassem no mundo almas bemfasejas que os creassem e agasalhassem.

Quando Maria recebeu esta carta, Adozinda era já morta.

O portador da noticia para o morgado encontrou-o, noite alta, com o filho mais velho nos braços, debatendo-se nas angustias do garrotilho. A creança de oito annos, nos intervallos de repouso, chamava pela mãe a grandes brados. Depois, sobrevinha o trance da suffocação, o sibillo despedaçador d'aquella incomportavel agonia, e por fim o anjo da morte cobriu com a sua aza livida o rosto desfeito do filho mais extremecido d'aquelle incomparavel desgraçado.

Estava presente o antigo feitor do morgado — o mesmo homem que me contara as rapasiadas de seu amo, e depois me referiu o termo de suas expiações. Foi elle quem lhe tirou dos braços o filho morto, e o depoz sobre o leito d'onde os outros meninos olhavam horrorisados para o trespasse do irmão.

E acrescentou o feitor que seu infeliz amo, com as fontes apertadas entre as mãos, saira do quarto, soltando gritos agudos e pedindo a Deus que o matasse; que o seguira, receando que se désse a morte; mas que já não podera impedir que elle desfechasse contra a cabeça uma pistola que parecia ter já preparada na algibeira para aquelle intento.

E mais nada a respeito do moço que viste no adro da ermida da Senhora das Dores, folgando com o amor de uma linda moça que então chamavam a Flor da Maia, e hoje chamam a *Flor do Céo*.

— Então porque? Ella morreu tambem?

— Não. Deus quer que vivam n'este mundo as almas que LHE demonstram a existencia, a bondade e a justiça. Maria do Val vive. A' volta d'esta mulher, que hoje tem trinta e tres annos, estão cinco filhos...

— D'ella?!

— Não; do defuncto morgado de S. Martinho e de Adozinda. Dois dias depois que o suicida fôra sepultado, chegou á casa do Val a noticia da sua morte. Maria ajoelhou e orou largo espaço. Depois, chamou um clerigo ancião que lhe administrava a sua casa, e disse-lhe que procurasse em S. Martinho os filhos do morgado, e lh'os levasse, se ninguem lh'o impedisse. O padre achou as creanças sentadas á lareira do antigo feitor que repartia com ellas do seu jantar, ao mesmo passo que lhes enchugava as lagrimas, e embebia as suas no canhão da jaqueta. A mais velha das creanças era uma lin-

da menina de sete annos; as outras eram meninos: o mais novo estava no seio da ama.

Disse o padre a sua missão. O feitor poz as mãos, e disse: «Bemdito seja o Senhor!»

Os orphãos não tinham lucto que vestir. Reflexionou o pobre amparador dos meninos que seria feio sairem com os fatinhos de côr. O clerigo respondeu que o lucto mais triste e sincero era o da alma.

N'esse mesmo dia partiram os cinco filhos do morgado para a Maia.

Maria saiu ao portão a recebel-os, beijando-os um por um, e levando ao colo o mais novo que lhe estendera os bracinhos do seio da ama, balbuciando a palavra «mamã».

A creancinha confundira dois semblantes lividos, mas ainda formosos.

D'ahi a dias, os meninos vestiam de lucto com decencia e elegancia. O clerigo ensinava aos mais velhos as primeiras lettras. Maria assistia ás lições, contemplando com um sorriso angelical as lindas e loiras cabeças dos seus orphãosinhos. Volvido um mez, a Flor da Maia, abalada por um caso de morte subita na sua visinhança, disse ao padre que lhe escrevesse o seu testamento, e o legalisasse. Os grandes bens acumulados no decurso de doze annos, presume-se que são legados aos filhos do morgado de S. Martinho. Todos os dias de manhã, Maria, a quem o povo chama a *Flor do Céo*, entra na capella, que mandou construir, seguida dos seus cinco filhos adoptivos, e assiste a uma missa que o

seu capellão celebra por alma de Adozinda e de seu marido.

Antonio Joaquim concluiu assim, ha oito annos, a sua historia da Flor da Maia.

Os apontamentos, que então escrevi, ordenei-os agora com as reminiscencias que o meu amigo me suggeriu, e pouco mais esclarecimentos ácerca dos filhos do morgado.

Maria do Val é ainda bella. Tem quarenta annos, quando muito. Vi-a, no anno que passou, na Povoa de Varzim, onde acompanhou Amelia, a filha do morgado, menina de quinze annos, com semblante doentio, e uns olhos coruscantes em que parece luzir a chamma de uma vida que arde muito, e se consome rapida. Ahi me disseram que os outros quatro meninos estavam em collegio no Porto.

Depois, nas minhas frequentes excursões pelo Minho, vi um palacête que me disseram ser a casa de S. Martinho.

— A casa qne foi do morgado que se suicidou? — perguntei.

— Sim, e que é hoje de seus filhos.

— Como assim? quando o morgado morreu, já esta casa era dos credores.

— Sem duvida; mas uma santa, que hoje chamam a Flor do Céo, comprou os bens do morgado para os restituir aos filhos.

E eu repeti as palavras d'aquelle antigo servo do fidalgo:

«Bemdito seja o Senhor!»

O LIVRO DE LASARO

Toda a gente medianamente lida sabe que Henri Heine dictou o *Livro de Lasaro*, quando a cegueira e a paralysia o atormentavam. Os derradeiros versos do brilhante humorista formaram-se no espirito infernado em abysmos de dôr, que espantam a mais corajosa indole. E todavia ha ahi umas estrophes, que parecem lampejar d'uma alma ebria de alegria a doidejar n'um corpo exuberante de saude. Como quer que seja, quem tiver coração da pouco vulgar tempera de chorar, doer-se-ha tanto das amarguras como das facecias do *Livro de Lasaro*.

Abstive-me de traduzir o que era satyricamente allusivo a coisas allemãs nimiamente restrictas. Nem cá se perceberiam, nem a graça seria desconto ao inintelligivel. O melhor do livrinho é a paixão ungida de lagrimas, ao alcance de todos os que padeceram e desesperaram.

I

Sangrem tuas feridas, golphem incessantes as tuas lagrimas. A dôr das devassidões tem secretas voluptuosidades, e o chorar é balsamo dulcissimo.

Se mão estranha te não apunhalou, será bom que te firas a ti proprio; mas não deixes de agradecer com bom rosto ao Deus benigno quando as lagrimas te orvalharem as faces.

Calou-se o rumorejar do dia. Rojam na terra os longos crepes da noite. Que os biltres e os parvos me não venham aqui perturbar.

Eis aqui um abrigo contra a musica, contra o flagicio do piano forte, contra a magnificencia da grande opera, contra esses horrendissimos estridores das arias de bravura.

....

O' campa, és o paraiso dos ouvidos melindrosos e espavoridos do ruido plebeu das turbas. Bello é o morrer; mas melhor seria não ter nascido!

II

Os amigos que amei dardejam-me immerecidas maguas. Desfibra-se-me o coração; e, no entanto, lá no alto o sol saúda com risos o mez da voluptuosidade.

Inflora-se a primavera. Trila nas selvas verdejantes o hymno jucundissimo das aves. Donzellas e flores sorriem o mesmo sorriso virginal. O' mundo encantador, que horrendo és!

Salteam-me tentações de louvar o inferno; ahi não ha os constrastes mortificantes. Para corações dilacerados, é doce errar na ourela da corrente negra do Styx.

O rugido soturno, o grito asperrimo das stymphalides, o cantico das furias, agudo, estridente, e os uivos do Cerbero: que lugubre harmonia com tristesas e desgraças! Delicioso deve de ser o pranto no valle tenebroso onde negreja o reino maldito de Proserpina.

Aqui, porém, como o sol e as flores me torturam! O céo escarnece-me... o céo tão formoso, o céo de maio!... O' mundo encantador, que horrendo és!

III

Disse ao corpo a triste alma:

«Não te deixo, comtigo fico, comtigo me quero engolphar na noite e na morte, comtigo anniquilar-me. Tu has sido sempre eu mesma; tu me envolvias amorosamente como um vestido de seda afofado de placidas zebelinas... Ai! E' forçoso agora que eu, nua, despojada do meu corpo querido, pura chimera, vague lá pelas alturas como um ditosissimo *nada*, nas regiões luminosas, nos frigidos paramos do céo, onde as eternidades mudas me hão de comtemplar bocejando! Pois não se arrastam ellas por lá cheias de tedio estrondeando ingratamente com os seus pantufos de chumbo! Pavorosa coisa! Oh! não me deixes, meu querido corpo!»

E o corpo disse á pobre alma:

«Consola-te. Não te afflijas assim. Supportemos serenos o destino. Eu era a torcida da lampada: é forçoso que eu me extinga; tu, espirito, has de luzir lá no alto, linda estrellinha, com purissimos resplendores. Eu por mim sou um andrajo, materia, fulguração nitrosa que reverte em cinzas. Adeus, e resigna-te. Bem póde ser que no céo te divirtas mais do que imaginas. Se encontrares a ursa maior entre os astros, dá-lhe recados da minha parte.»

IV

A morte chama-me. Eu quizera, ó minha amada filha, deixar-te em matagaes onde uivam os lobos e os abutres se aninham, e grunhe a femea do javali de cerdas loiras.

A morte chama-me. Ó minha amada filha, melhor seria deixar-te no mar alto, quando nortadas alcantilassem as vagas, e do profundo abysmo emergissem, com os colmilhos hiantes, os crocodilos e tubarões.

Crê, minha filha amada, que nem o mar espumando iras, nem a formidavel e escura selva, são tão perigosos como a paragem em que estamos. Terribilissimos são o lobo, o abutre e o crocodilo e todos os monstros marinhos; mas Paris encerra feras mais sanhudas — Paris, a esplendida capital do orbe, Paris que canta e tripudia, a formosa Paris, inferno dos anjos e paraiso dos demonios! Pensar que te hei de aqui deixar sósinha... é espedaçar-se-me o cerebro, é endoidecer!

....

V

Nada de parabolas sagradas, nada de hypotheses piedosas. Resolvam-me, sem rodeios, estes infernaes problemas:

O justo arrasta-se espedaçado, miseravel, sob o peso da cruz. O máo, feliz como um triumphador, estadeia-se sobre o seu corcel orgulhoso. Porque é isto?

Quem é d'isto causa? Não é nosso Senhor omnipotente, ou o auctor de tal desordem é elle? Ah! seria atroz!

Estas perguntas repetil-as-hemos sempre até que nos fechem os beiços com um punhado de terra. Mas será isso resposta?

*

* *

A *mulher negra* estreitou ternamente a minha cabeça sobre seu coração. Ai! que onde suas lagrimas cairam, os meus cabellos encaneceram.

Abraçou-me, e eu paralysei; abraçou-me, e todo meu vigor se exhauriu. Beijou-me os olhos: fiquei cego. A medula de meus rins sorveu-m'a nos seus beiços selvagens.

Meu corpo está sendo agora um cadaver onde está preso o espirito. Bastas vezes a minha alma se sente afogada, estrebucha, dementa-se furiosa, grita, blasphema!

Baldadas imprecações! a tua mais tremenda maldição não matará um mosquito. Soffre a tua sorte, e cura de choramingar e resar mansamente.

*

* *

Como se ella arrasta devagar esta lesma horrivel chamada tempo! E eu, entretanto, immovel no mesmo ponto.

No meu sombrio quarto nem restea de sol, nem lampejo de esperança. Bem sei que trocarei este fatal antro sómente pela fosso do cemiterio.

Talvez que desde muito eu esteja morto. Quem sabe se é espectros tudo isto, estas phantasias que, de noite, tumultuam multicores no meu cerebro!

Não serão as larvas de todo o pandemonium de deuses gentilicos que escolheram para os seus pagodes a caveira d'um poeta morto?

E porque não é a pavida mão do cadaver, que no dia seguinte descreve esta saborosa e louca orgia, esta nocturna bacchanal dos espiritos?

VI

Vi-as rir, vi-as exultar, e por fim as vi resvalar á voragem. Ouvi-lhes o soluçar e o estertor da agonia, e não me commovi.

Vestido de lucto, segui-lhes até ao cemiterio o saimento; depois — francamente o digo — ceei com appetite.

Hoje, porém, eis-me de subito a meditar com tristesa n'esse cortejo de amigas, ha tanto tempo mortas. Um amor instantaneamente abrasado flammeja em meu coração com um fogo nunca sentido.

Mais que tudo recordo-me das lagrimas de Julieta. Volveu-se em desejo ardente a saudade suave. Chamo-a noite e dia.

Nos delirios da minha febre, muitas vezes vejo aquella bonina morta; e reanimo-me como se ella assim ressequida ardesse no fogo do meu amor.

O' formosa larva, cinge-me nos teus braços! Mais, mais contra o teu seio! Colla os teus labios nos meus; adoça-me o travo da hora derradeira!

VII

Eras uma loira rapariga, cheia de graça, radiosa de gentilesa, mas tão glacial! Em vão, esperei que esse teu coração se abrisse em explosões de enthusiasmo — o enlevo das coisas sublimes que o siso e a prosa desdenham, é certo, mas por amor das quaes, soffre, arde e sangra tudo que ahi ha bello, bom e nobre.

A's margens do Rheno, pelas encostas verdejantes de vinhêdos, iamos nós d'antes nos dias do estio. Sorria-nos o sol; fragrancias balsamicas vaporavam do calice amoroso das flores.

Dos cravos purpureos e das rosas nos vinham uns beijos candentes como lavaredas. Como que por entre boninas rasteiras se pasciam delicias do viver ideal.

Mas tu caminhavas serena a meu lado, com a tua alva tunica de setim, casta e adoravel como a imagem das virgens creadas pelo pincel de Netscher.

E' que o teu peito encerrava um coração com as frialdades d'uma sorveteira.

VIII

Foste, no tribunal da rasão, unanimemente absolvida. Resa assim a sentença: A menina não transgrediu uma promessa nem por acções nem por palavras.

Na verdade, em quanto eu me abraseava nas chamas d'um amor delirante, permanecias tu inerte, silenciosa. E' certo que tu não atiçavas o brasido, nem bocejavas palavra; apesar d'isso o meu coração condemna-te.

Em meus sonhos de cada noite, surge uma voz que se queixa da tua má fé, e sustenta que has sido a minha ruina. Provas, testemunhas, argumentos, tudo ella produz; todavia, a cada alvorejar de manhã, a accusadora e o meu sonho esvaem-se ao mesmo tempo.

No amago do meu coração é que ella se refugia com o seu libello. Na minha memoria, porém, o que sobrevive é que eu estou perdido.

IX

Foi a tua carta como relampago de trovoada que alumia a subitas a noite d'um abysmo. Eu vi n'ella, á luz do inferno, quanto a minha desgraça é profunda, e para entranhados horrores.

Eis-te compadecida, tu mesma, que no deserto da minha vida, te quedavas muda, sculptural, bella e fria como marmore.

Meu Deus! é força que eu seja miseravel! Eil-a que me falla, chora, condóe-se... Ella!

X

Os jardins celestiaes na mansão dos bemaventurados não me fascinam grandemente, visto que não ha lá mulheres mais formosas do que uma que eu vi n'este mundo.

Anjo de finissimas azas, que me valha tanto como minha mulher, não creio que o haja lá. Cantar psalmos em uma cathedral de nevoeiros, não me parece divertimento que me convenha muito.

O' Senhor! melhor será que me deixes cá estar n'este mundo; mas, antes de tudo mais, cura-me o corpo e não te esqueças tambem de me curar a algibeira.

Sei que este mundo extravasa de vicios e peccados; porém eu já me acostumei a pisar gentilmente o betume d'este inferno terreal.

O estrondear do mundo não me será penoso; porque eu saio raras vezes. De *robe-de-chambre* e chinelos folgo de estar em casa á beira da minha esposa.

Deixa-me viver com ella. Quando a escuto pala-

vriar, a minha alma aspira deliciada a musica da sua voz encantadora. Que fitar d'olhos tão honesto e leal o d'ella!

O que eu sobre tudo te peço, Senhor, é saude e algum dinheiro. De mais, consente que eu ainda viva dias ditosos ao lado de minha mulher no *statu quo!*

XI

O corpo estava no esquife; mas a pobre alma, segregada do tumultuar da terra, ia já caminho do céo.

Chegando lá acima, aldravou no immenso portão, suspirou do intimo, e disse o seguinte: «S. Pedro, vem abrir. Estou cansadissimo da faina do mundo; desejo prostrar-me em almadraques de seda no reino celestial; queria jogar a cabra-cega com os lindos anginhos; queria, emfim, saborear o socego e o contentamento.»

Então se ouviu um arrastar de chinellos, e um tinir de mólho de chaves, e logo no postigo da porta assomou a cara de S. Pedro que respondeu assim:

— Apparece-nos por aqui muita somma de vagabundo, de bohemio, de bandido, de pirata, de hottentote, ou sós ou abandados a quererem entrar no céo e passarem a anjos e bemaventurados. Arreda! Arreda! a côrte celestial não se fez para malandrins da tua laia que me cheiram á forca. Tu és

propriedade do diabo. Pôe-te fóra depressa! Vae-te n'um prompto ás negras voragens do eternal inferno.

Assim resmuneou o velho S. Pedro; mas o máo humor durou-lhe pouco.

Já com branda voz disse elle estas consolativas palavras: «Pobre alma, figura-se-me que não pertences á canalha. Não! Vou fazer-te o que pedes, porque é hoje pontualmente o dia da minha festividade, e sinto-me tocado na alma por uma phantasia piedosa. Dize-me cá: de que reino e cidade és? Dize-me tambem se és casado.

A paciencia do marido expia muitas vezes os mais graves peccados do homem. Um marido não precisa de ser grelhado no inferno; nem deve esperar muito tempo á porta do céo.»

A alma respondeu: «Sou da Prussia, cuja capital é Berlim... onde cursei philosophia. Casei com uma dama, n'outro tempo conega [1], que me ralava endiabradamente, sobre tudo se em casa não havia pão. Ganhei doença mortal, e aqui estou morto.»

E S. Pedro exclamou: «Ai! que triste officio é a philosophia! Verdadeiramente não entendo como ha quem queira ser philosopho! E' uma sciencia enjoativa, que não rende nada; e, de mais a mais, impia. O que ella dá é angustias de incertesa e de fome; e, afinal, chega o diabo que vos leva. E' cer-

[1] Na Allemanha subsistem conventos, onde as reclusas se denominam *Conegas*.

to que a tua Xantippa se lastimava a miudo d'um magro caldo onde os olhos da gordura lhe não piscavam. Não obstante, consola-te, mesquinha alma! E' verdade que eu recebi as mais severas ordens contra os que, durante a vida, hajam tratado philosophias, sobre tudo a philosophia atheista dos allemães. E' meu dever enxotal-os ignominiosamente d'aqui a tagante. Todavia, como hoje é a minha festa, não te expulso. Vou abrir as portas do paraiso. Entra depressa!... Bem! Estás livre!

«Durante o dia todo, desde manhã até á noite, podes passear no céo, e bandarrear pelas ruas lageadas de diamante; mas não me faças philosophias, que me expões terrivelmente. Quando os anjos cantarem, faz um trejeito beatifico; se o cantor é um archanjo, enthusiasma-te, e dize-lhe que excede a Malibran no soprano. Applaude sempre a voz dos cherubins e serafins; compara-os a Rubini, a Mario e a Tamborini. Dá-lhes excellencia, e dobra-te em zumbaias cerimoniosas. Cantores querem-se lisonjeados no céo como na terra...

«Que não te esqueça: se algum dia te enfastiarem as magnificencias do céo, vem procurar-me no meu escriptorio, onde jogaremos uma bisca. Conheço toda a casta de jogo, desde a lasca até ao monte. Beberemos tambem... Mas, a proposito! Se acaso Deus te encontrar e perguntar d'onde és, não lhe digas que és de Berlim; dize-lhe antes que és de Munich ou de Vienna.»

XII

Choras, contemplas-me, e imaginas que o meu infortunio e o que te faz chorar. Mulher, mal sabes tu que essas lagrimas é por ti e não por mim que as vertes.

Ai! dize-me: nunca teu coração previu, nunca te fulgurou a crenca de que a sorte nos havia destinado um para o outro?

A união devia ser-nos a felicidade: separarem-nos era a desgraça.

O destino ordenara que nos amassemos. O teu logar era o meu seio, a consciencia de teu ser devia alvorecer-te em meus braços; meus beijos, ó peregrina flor, iriam acordar-te do somno vegetal; meu halito accenderia a flamma das bellas paixões humanas; eu te exalçaria até mim, até á vida suprema: dar-te-ia uma alma.

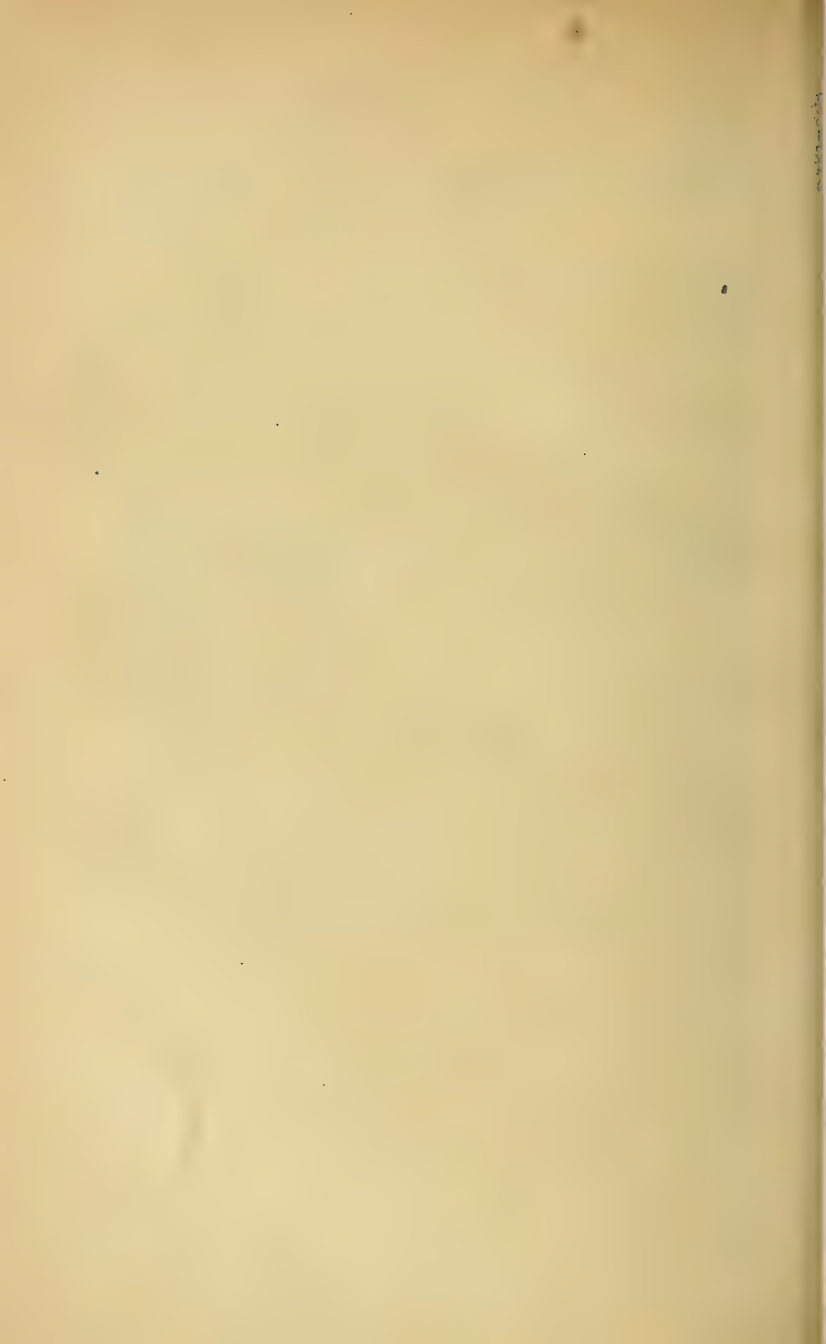
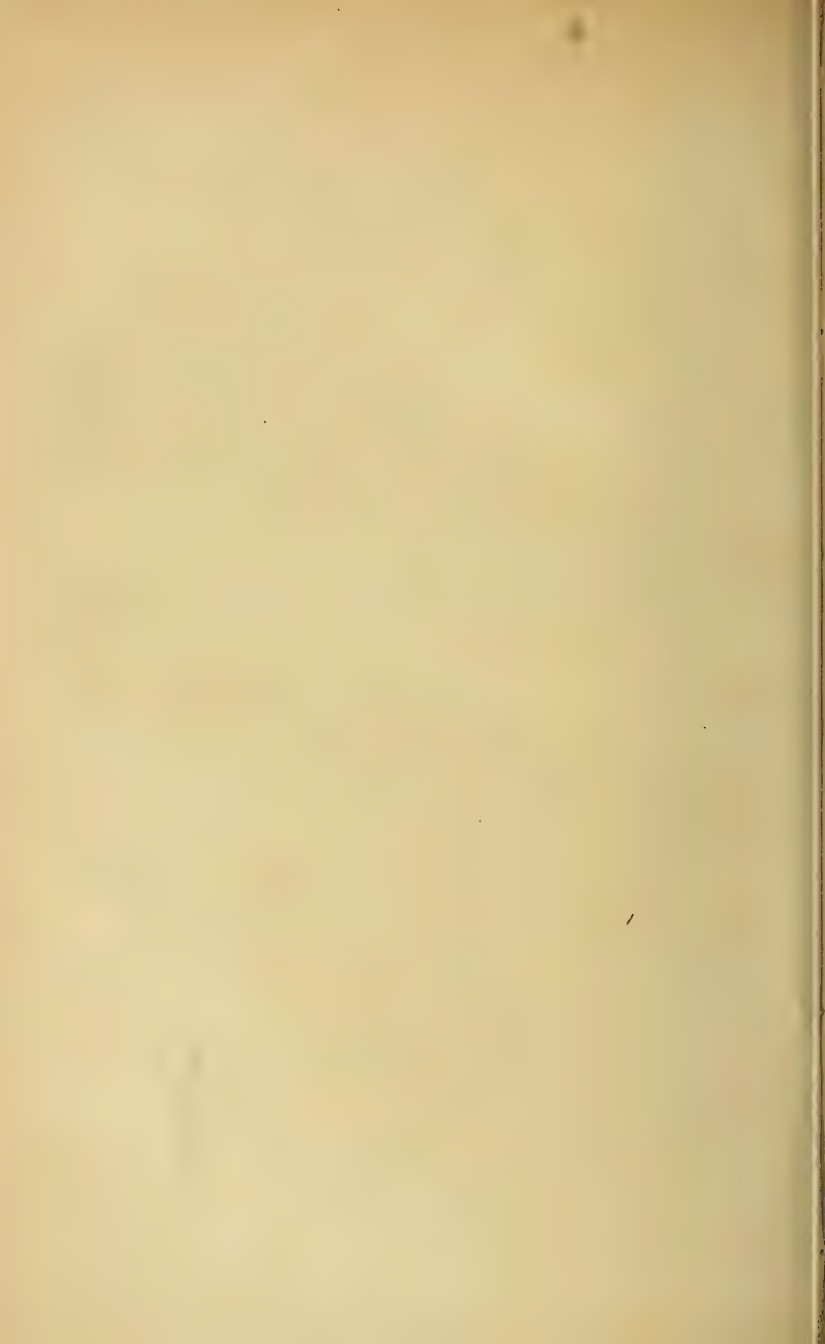
Já agora, porém, que todos os enigmas se desvelaram, e que o derradeiro bago de areia se coou na ampulheta, ai! não chores! Era forçoso isto. Eu vou morrer, e tu, aqui tão só, vaes emmurchecer,

ainda antes de florecente; vaes ser anniquilada antes dos primeiros ardores; vaes morrer...—morta és antes de ter vivido!

Agora sei, por Deus te juro, que te amei. E que destino acerbo á mesma hora que nos reconhecemos, ser forçosa a separação eterna! As palavras da boa-vinda são ao mesmo tempo um... adeus! Hoje nos apartamos e para sempre. Não nos resta a minima esperança de nos encontrarmos em outro mundo. A bellesa reverteu ao lodo! Vaes ser desfeita, esvaida no seio do vacuo! A sorte dos poetas é diversa: não póde a morte completamente extinguil-os. Nós temos que viver no dominio da poesia, na ilha encantada d'Avalon, paiz das fadas.

Adeus, para sempre, formoso cadaver!

EPILOGO

Dizem que a minha sepultura será aquecida pela gloria. Que parvoiçadas ahi se dizem! Eu mais quizera as rudes caricias de uma leiteira amorosa, para me aquecer. Antes, para aquecer entranhas, vinho, ponche ou grog, bebido em ignobeis lupanares, em companhia de ladrões e facinoras reclamados pela forca, mas que vivem, que respiram, que resonam, e são mais de invejas que o filho de Tetis glorioso. Rasoavelmente disse o filho de Peleu que viver cá em cima, na terra, como servo miserabilissimo, é muito melhor do que ser á borda do Stix um generallissimo de phantasmas ou um dos ingentes heroes celebrados por poetas.

A COROA DE OIRO

Em meio de tantas e tão diversas magoas, o espirito de José Cardoso Vieira de Castro deve ter sentido alguma consolação—se por ventura cabe luz de contentamento na cerração da sua vida—ao saber que os seus amigos do Rio de Janeiro preparam um dom gloriosissimo para Jayme Moniz, seu defensor. A corôa de oiro vem laurear o honrado moço que aceitou a defeza do nobre desgraçado, sobre quem trovejavam calumnias e vituperios, já manifestados por uma imprensa bandeada com a prostituição brilhante, arrogante, victoriosa; já armando, sob capa de piedade, aos odios, á exulceração das paixões, e ao horror de um desventurado, que affogava nas lagrimas do opprobrio o mais extremoso coração de quantos souberam amar e perder-se, e um dos mais energicos talentos da geração nova.

Jayme Moniz, desviado das lides do fôro, poderia ter declinado o tão formidavel quanto preclaro feito de sair ao encontro dos odios aparcelados, encostando ao seu peito a face d'aquelle mancebo encanecido em breves dias. Entre o egregio coração

e o genio esforçado de Jayme ia amparada a alma, cuja dignidade inquebrantavel a peso de angustias parecia dar e não pedir alento e denodo ao defensor, talvez abatido na presença da opinião publica obcecada.

Era para temer que Vieira de Castro, no tribunal, inflammasse os colmilhos ás coleras das turbas algum tanto amordaçadas. O seu silencio no carcere dava a esperar animo enfraquecido pelas vaias injuriosas da imprensa, ou dilacerado pelos remordimentos do delicto. Esperavam que o réo, descondensada a noite que lhe fizera na alma a allucinação, caisse de rosto no pó por onde os diffamadores lhe tinham andado a espesinhar o nome, as dôres horrendissimas, e o coração cheio ainda da imagem de uma esposa que expiara no mesmo altar em que havia sido adorada.

Não foi assim.

Vieira de Castro entrou no tribunal levando comsigo o mais relevante da sua condição, a firmeza da honra de que a desgraça não podera desbalisal-o. Eil-o ali. Não se defende accusando. Accusa-se e chora; mas não chora como quem supplica. Semelhante homem, se pudesse supplicar, pediria de mãos erguidas que o convencessem de assassino d'uma esposa innocente. Ao proferir o nome de seus paes, chora. Introverte no fundo de sua alma o grito de sua justiça, e chora. E' o chorar saudades de sua infancia, quando balbucia os nomes de pae e mãe. Chora o amor, a fé, a felicidade que lhe anniquilaram, quando no coração lhe relampeja

a imagem da esposa que, mezes antes, elle estremecia.

Não accusa. Vieira de Castro está deante de uma sepultura defeza, e quer que a seu lado se não sente uma sombra para ser julgada. A mulher que o matou está debaixo dos olhos de Deus. Elle está ali assistindo ao despedaçarem-lhe todas as fibras, estorcendo-se n'aquelle inferno incomportaval. Não quer saber se nos olhos dos jurados reluz a brandura da commiseração, ou rutilam áscuas de rancor. Aquella alma agiganta-se á medida da catastrophe.

E, comtudo, o homem que ali está deixa-se esmagar desde o cerebro até ao coração, desde a intelligencia até ao amor. Tudo é morto n'elle, salvo a probidade. Essa não tem que temer: está imperterrita, inflexivel, eterna para lhe redoirar a memoria, quando o seu nome nem já fôr pó. Salvou-a e perpetuou-a elle desde que se entregou á consciencia dos juizes, desde que em seu proprio coração abafou o direito de se defender.

Eis aqui o réo que Jayme Moniz vae levantar nos braços do seu amor em raptos vehementes do talento acrisolado pela consciencia. Que monta, porém, o colossal talento do causidico de par com a colossal generosidade do accusado? Se é forçoso que se parta uma campa, Vieira de Castro inclina o rosto e o seio sobre essa pedra como para preserval-a dos insultos dos embaidores que fingem deploral-a.

E' então que Jayme Moniz abre o prodigioso co-

ração. A palavra tremula, funebre, ungida de lagrimas, portentosa, afflue lhe da consciencia e dilucida o silencio d'esse singular desgraçado que, investindo-se do direito de punir uma affronta irremediavel, quiz forçar a alçada da justiça humana a emmudecer. Não o conseguiu. O jury, obrigado a responder a uma interrogação estolida e cruel, respondeu em termos pouco menos de irrisorios n'um lance dolorosíssimo. Que afflictivo não seria para Vieira de Castro o espanto de alguns e o sorriso de tantos provocado por uma perversa delicadesa!...

Vieira de Castro foi condemnado; mas o respeito á sua desgraça, á sua justiça, ao transe da sua insondavel agonia, incutiu-o, insinuou-o Jayme Moniz nos animos prevenidos pelo pregão d'uns especieiros das lettras, que vendiam as columnas ao alardo do aleivoso libello quando já de antemão sabiam que a contrariedade havia de ser offerecida no dia do julgamento.

Não obstante, o defensor tinha mansamente acurvado a calumnia; e sem ostentação nem violencia de gestos ou brados, forçara a infame a escabujarlhe aos pés, e a esconder-se sob a banca do accusador alquilado — besta energumena que se debatia em corcovos e galões, causticada pelas tres esporadas da estupidez, da cubiça e da maldade.

O odio implacavel e inconverso tinha propalado que Vieira de Castro se tornara repulsivo aos homens de bem que, no Rio de Janeiro, o haviam recebido com estrondosas e notorias manifestações de

amisade e acatamento. Para os despresiveis que, mezes antes, se dispendiam em encarecimentos ao grande orador, era já motivo de assombro que á beira do infeliz se devotassem homens como Rodrigues Sampaio, como Jayme Moniz e outros somenos em graduação social, mas opulentissimos d'aquella rarissima moeda do affecto aos caídos. Uns devassos que ahi se estadeiam provando a inutilidade das galés, teimam em levantar-se como odres de touro, por mais que os baldões os sacudam e resvalem por atoleiros, uns taes, cujo nome infame ha de sobreviver ás producções gafadas, e cuja probidade é tão sómente a necessaria para não serem enforcados, como dizia Molière, segredavam aos raros amigos fieis de Vieira de Castro a conveniencia de não se andar polindo a lousa, em que se havia de escrever o epitaphio do illustre preso.

Os magarefes da carne putrida, que lhes sobeja nas alcovas, não comprehendiam que um homem de tanto vulto e já grangeador de tantas glorias trocasse futuro, liberdade e vida pelo direito de ser encarado com respeito ou ainda com rancor, mas nunca envilecido com o sorriso da mofa. Eram esses os nuncios da ira que lavrava contra Vieira de Castro entre os portuguezes residentes no imperio brasileiro; eram esses os emissarios das calumnias impressas para além-mar, e os plangitivos pregoeiros das angustias que acerbavam o seio da familia, onde as consciencias dos magistrados portuguezes eram pesadas a tinteiros de oiro, offerecendo-se pouco mais ou menos o valor de dois negros

robustos pela consciencia branca d'um delegado.

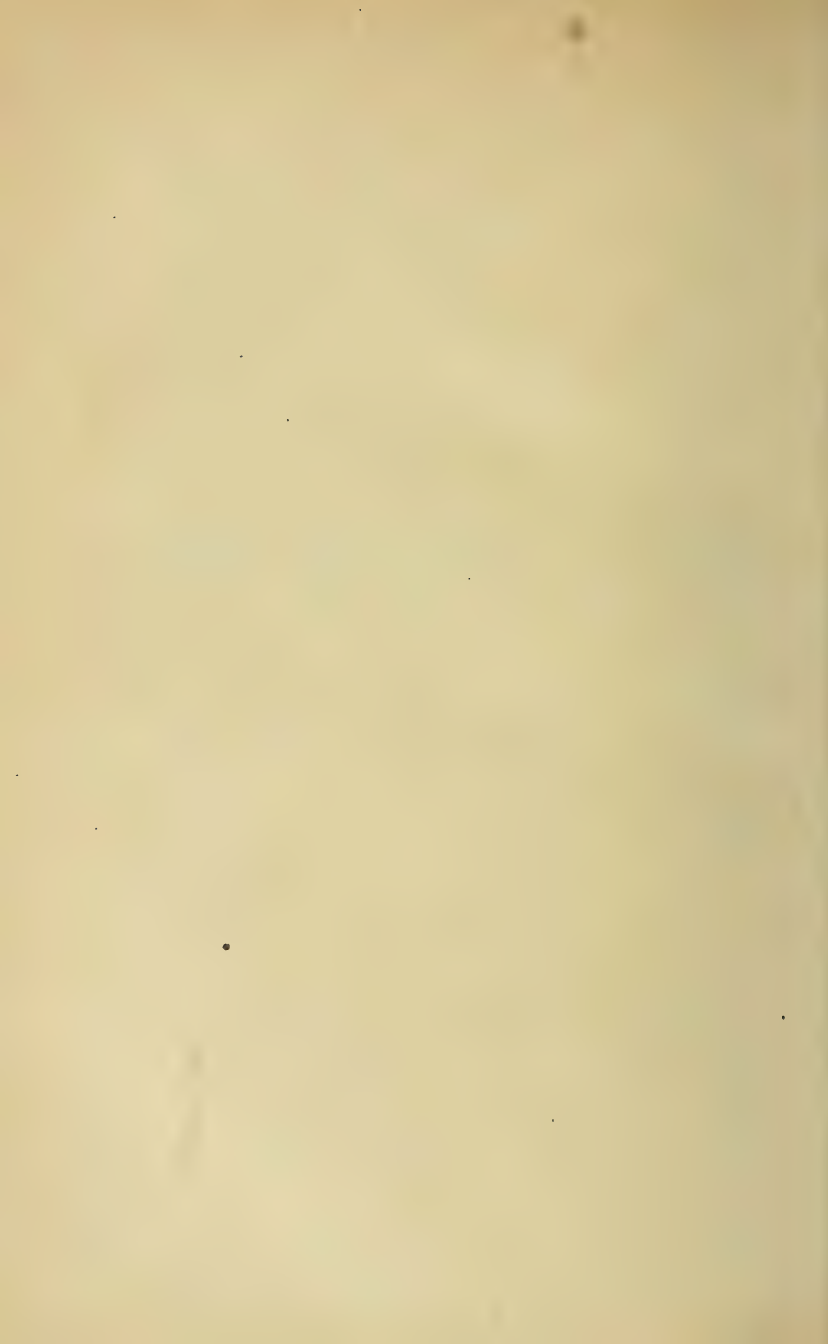
Esses mesmos vem hoje divulgando que os portuguezes residentes na capital do imperio brasileiro abriram uma subscripção publica no intento já realisado de galardoar o defensor de José Cardoso Vieira de Castro com uma corôa preciosa. Urgia-lhes porem a estes forçados noticiadores d'um facto, que não póde ser obscurecido, abastardar, falsificar o intento da dadiva. Mas de que sorte? que expediente póde suggerir a malevolencia a uns biltres que dissolvem lama no tinteiro? Escrevem que o presente da corôa procede *dos amigos e enthusiastas do doutor* Jayme Moniz.

Se o doutor Jayme Moniz houvesse defendido um réo odiado pelos portuguezes do Brasil, os seus amigos offerecer-lhe iam uma corôa como testemunho do seu enthusiasmo. Isto é concludente.

Se Vieira de Castro não tem honrados e excellentes amigos no Rio, onde elle com primoroso pundonor aceitou uma esposa que parecia amal-o, o seu digno professor grangeou-os optimos em virtude de ter defendido um delinquente, cuja causa é odiosa no Brasil. Concludentissimo.

E' pois certo que a corôa d'oiro não promana dos amigos de Vieira de Castro, agradecidos á vigorosa e lucidissima defesa do seu advogado. Amigos de Vieira de Castro, se alguns houvesse, brindariam com uma corôa, provavelmente, o insultador abjecto que certa dama brasileira atirou para dentro do tribunal, onde a rethorica das tavernas carecia de ser pautada pelo afferidor d'um tagante.

Como quer que fosse, o resplendor que reverbera d'essa corôa de oiro, menos valioso que as lagrimas — unica moeda de bom quilate na alma de Jayme Moniz — deve chegar como luz amortecida dos bens d'este mundo, onde podem ir ainda contentamentos a dentro do tristissimo viver de Vieira de Castro. A gratidão é viventissimo prazer da alma. Vieira de Castro affaga hoje mais a condolencia com que o lastimam, do que d'antes acariciava os louvores com que o exaltavam. Os seus amigos do Brasil deram-lhe uma vez uma corôa opulenta cravejada de valiosas pedras. Esse primor d'arte e primor de generosas indoles tem de ser enviado com o restante do seu patrimonio á algibeira de sua sogra, que regorgita tinteiros d'oiro. Que importa? O Brasil que lhe deu uma corôa, hoje envia outra a Jayme Moniz em virtude d'elle ter posto em evidencia que o homem, condemnado a dez annos de degredo para a Africa, era um homem de bem, hoje perdido, porque amara muito sua mnlher e a sua honra.

POR CAUSA DO PANNO DA BOCCA

Na noite de 12 de dezembro de 1825, representou-se no real theatro de S. João, d'esta heroica cidade, *Palafox em Saragoça*, comedia opilada de vento patriotico que sibilava em tempestades de rethorica na miserrima França, então acalcanhada nas pessoas do seu imperador e dos seus generaes pela peninsula hispanica. Portugal, quinhoeiro por metade nos heroismos da nação visinha, rejubilava de ver-se engrandecido n'aquella tramoia theatral. Vinte e quatro vezes se havia enchido o theatro; mas, na citada noite, os bilhetes eram disputados a dinheiro, a injurias e murros dignos d'um povo bravo.

A causa mais que muito justificada era a inauguração do novo panno de bocca, pintado pelo hespanhol João Rodrigues de collaboração com Theodoro Albinola scenographo do theatro.

Na casinha do bilheteiro vendia-se um folheto intitulado *Bosquejo descriptivo da pintura do novo panno da bocca do J. e R. theatro de S. João da cidade do Porto, exposto pela primeira vez na noite*

de 12 de dezembro de 1825. Porto. Imprensa do Gandra. Com licença.

O author do opusculo, rebuçado em modestia já hoje rara e n'aquelle tempo realço vulgar dos bons engenhos, esquivou-se ás ovações dos seus contemporaneos e ás nossas. Esquadrinhei diligentemente o nome do sujeito entre os mais abalisados da sua geração, pensando que me seria facil encontral-o com o lampeão do seu escripto: baldaram-se porém esforços, á conta de serem tantos os escriptores da sua pôlpa e craveira no mesmo anno que não havia distrinçar entre talento e talento. O Porto era então um alfôbre de capacidades que, se não tinham academias, é porque no craneo de cada sabio roía um genio inventivo e universal á medida d'este que descreveu as figuras allegoricas do panno da bocca.

Um dos felizes que vingou comprar o folheto, depois de bracejar e desentalar-se da mó compacta da multidão, tinha deixado incautamente a esposa não menos apertada entre tres desembargadores e o chanceller que n'esta noite se viram desacatados pela turba.

Quando o sr. Amaro voltava a suar para o lado da esposa tinha ella a côca da mantilha embicada contra os bofes da camisa do chanceller; e como um dos desembargadores, levado á sirga pelos seus collegas, guinasse contra um quadril da sr.ª Feliciana, ella então sentiu-se beliscada nas suas pôlpas immaculadas de mão estranha,—salvo a do esposo que era carne da sua carne — e não digo osso do

seu osso porque os ossos n'estes conjuges esponjosos eram apenas uma hypothese anatomica. A sr.ª Feliciana regougou um gemido casto, e quasi duvidou da sua puresa espousal quando se viu tanto ao vivo apalpada do physico.

O desembargador lubrico olhou-a de soslaio por cima dos oculos de tartaruga, e murmurou:

— A baleia é sensivel!

Os collegas espirraram um frouxo de riso pulverisado com rapé princesa, e desistiram de experimentar a flacidez da escandalisada senhora, porque a viram rolar para o esposo, e exclamar nos braços d'elle:

— Amaro!

— Apertaram-te? — perguntou elle.

— E bem! — esbofou ella, arejando o carmim oleoso da cara com o capuz da mantilha de lapim. —Aposto — ajuntou ella com ancias de uma possivel Lucrecia de 1825 — aposto se eu ámanhã não tiver uma pisadura n'esta ilharga...

— N'esta? — exclamou o sr. Amaro assentando a mão fremente sobre o quadril profanado.

— Fazes lá idéa, homem! Não me tornes a largar, ouviste? Ha creaturas muito mal creadas...

— Que é d'elles?—bradou o espheroide, realisando com os braços nas almofadas da cinta o mais imaginoso idolo de Fernão Mendes — Que é d'elles?

A prevista esposa, para evitar desordens, tirou pelo marido com meiga força, e metteu-o no camarote, onde já os estava esperando o seu compadre Mathias com a sua mulher e nove filhos, e as espo-

sas d'alguns d'estes, todas fecundas segundo se via dos muitos e gordos rapazinhos que mutuamente se encavalgavam para verem o panno da bocca.

— Você não vem bom, compadre! — disse Mathias.

— Se lhe parece! — explicou Amaro — um homem onde quer acha a sua perdição... Minha mulher esteve perigosa lá em baixo, que m'a iam abafando...

— Botaram-me as unhas aqui a uma perna: — illucidou a sr.ª Feliciana, compondo a romeira que se lhe amarrotara nos seios arquejantes.

— E então p'ramôr d'aquillo!... — disse o sr. Amaro apontando com a bengala para o panno que absorvia a geral attenção. — Que diabo tem aquillo que ver?

— O' compadre — accudiu o discreto Mathias, sugeito lido para quem «o Feliz independente» não era de todo em todo uma novidade — você não aprendeu o necessario para apreciar esta obra. Sente-se que eu lhe explico.

— Não é preciso que eu tenho o folheto.

— Pois eu lhe conto o que diz o folheto. Você vê aquella mulher?

— A que tem as pernas á vista?

— Tal e qual: é mãe d'aquella sucia de femeas que se chamam musas.

— E aquelle guerreiro que lá está com ellas?

— E' o mestre das moças e chama-se Apollo.

— Então que quer dizer aquillo? E aquelles que fallam com o mestre que dizem?

— O Apollo está dizendo ao Porto... tal et cætera... O author é que explica... Veja lá.

O sr. Amaro leu, onde Mathias lhe apontou:

Apollo conduz o Porto a esta divinal assembléa e lhe mostra as irmãs empregadas em diffundir...

— Que é *diffundir?* perguntou o leitor ao compadre.

— Diffundir é... é assim a modo de obsequiar —explicou Mathias.

Amaro continuou:

De diffundir no clima portuense as aspirações do seu defluxo.

— Esta não é má!—exclamou elle—Então aquella canalha vem trazer ao clima portuense defluxos?

— Você não leu direito, ha de perdoar...—atalhou Mathias com a magnanimidade tolerante de quem entende—Isso o que diz é *diffundir no clima portuense inspirações do seu influxo*; quer dizer que o theatro influe nos climas, isto é, que o Porto, como diz o folheto aqui adeante, tem duas patronas...

— Duas patronas!...

— Ora leia: *As deusas da pintura e da esculptura, são patronas do espirito scientifico dos filhos e habitantes do Porto.*

Progrediam as explicações, quando a sr.ª D. Feliciana languidamente encostou a cabeça á espadua do esposo, que, n'este ensejo, em vez de attender ao restante do folheto, fixava um olhar fulgurante no chanceller da Relação, alojado no camarote proximo, e quasi hombro com hombro d'ella.

Que é o que vira Amaro José Dias? Quem lhe

accendeu os coriscos que lhe satanisam a cabeça sublime de horror?

Dize-lh'o tu, esposa pallida, que inclinas a fronte mimosa ao seio do teu amparador.

Dize-lh'o com o destemor da tua innocencia, e enche de jubilo e orgulho o seio d'este teu serafim.

O chanceller havia-lhe beliscado o hombro por cima da espadua d'um desembargador.

Ella tinha-lhe arrevesado os olhos murmurando:

— Pedaço de mariola!

Isto passara despercebido ao esposo preoccupado com as duas patronas do Porto.

Seguiu-se depois o escandalo, que a minha penna quasi repugna em delatar... já por amor da historia, já em respeito aos nossos costumes... Vá, diga-se tudo:

O desembargador lançou-lhe no regaço um maçapão.

N'este lance é que a esposa ía perdendo os sentidos, ao mesmo passo que lhe adormecera um pé e o formigueiro lhe atacara um joelho.

Seis mezes depois, Amaro José Dias venceu iniquissimamente uma demanda em que sua esposa figurou de Themis, sem balança, nem espada, nem véo. O véo apertou-o o marido sobre os proprios olhos, respeitando as tradições mythologicas. O homem, desde que lera o folheto, affeiçoara-se á fabula. Não sei para quê. Não se ganha coisa de conta n'este estudo. Mal por mal, a jurisprudencia da mulher.

O INFERNO

Até hoje não decidiram os sabios onde está o inferno. Eu tambem não decido. A minha ignorancia n'este objecto é crassa e sincera.

Consola-me, porém, ver que sapientissimos varões, de mais a mais santos inspirados, me não ganharam o passo, tendo a partido o vagar de entender e esquadrinhar n'este assumpto, allumiados sobrenaturalmente.

Que existe inferno é dogma, é fé, é evidencia invisivel. E, se não fosse dogma, a rasão humana o crearia tal para prefixar a paragem futura de certos velhacos.

Li um sermão d'aquelle fecundissimo S. João Crysostomo em que o padre discorre ácerca da Gehena ou Inferno. Refere o «Bôca d'oiro» que no seu tempo alguem conjecturava que o inferno estivesse situado no valle de Josaphat. Impugna judiciosamente o santo esta opinião, motivando a existencia do inferno no ar caliginoso que está sobre nós. S. Paulo authorisa este parecer, conformando-se a S. Matheus e a Job, nas passagens que omitto, por não offender o leitor illustrado.

Outros alvitristas opinam que o inferno está nos antypodas, S. Isidoro vae para aqui, declarando que, no fim do mundo, sol e lua ficarão immoveis, elle ao oriente, ella ao occidente; por maneira que os antypodas, onde está o inferno, ficarão ás escuras. S. Isidoro, como se vê, era do partido dos ordeiros em materia de astronomia. Os juizes de Galileu abonaram-se com elle.

Veiu depois o insigne Scoto e disse que não era possivel a homens determinar geographicamente o inferno; mas duvidar-lhe a existencia seria um ultraje á fé christã.

O agudissimo polemista com tres textos provou exuberantemente que ha inferno.

1.º Quando Christo diz por S. Matheus: «Ide, malditos, ao fogo eterno... Ite maledicti in ignem æternum...»

2.º Quando ameaça a cidade de Capharnaum: «In infernum descendes...» descerás ao inferno.

3.º Quando Jeremias, arguindo os réprobos, exclama: «Veniat mors super illos, et descendant in infernum viventes: Venha sobre elles a morte e desçam vivos ao inferno.» (Aqui ha mysterio: se a morte os matou, como iriam elles vivos ao inferno?)

Mas o meu empenho já agora é saber onde elle está.

Puz grande confiança em S. Agostinho, o mais sabio dos padres, o platonico argutissimo, que, antes de ser christão, tamanho medo incutia aos fieis com a sua logica cerrada, que elles conclamavam

em oração: «Livrae-nos, Senhor, da logica de Agostinho» «á logica Augustini, libera nos, Domine!»

Consultei-o na sua «Cidade de Deus» liv. 20. Resposta do douto santo: Ninguem o póde saber: «hominem scire arbitror neminem.»

Desisti de interrogar santos, e entrei em averiguações com os pagãos.

Aqui está Virgilio a contar-nos no livro 6.º da Eneida que o amado da rainha Dido desceu ao inferno e por lá andou em consultas de negocios de seu defuncto pae. A porta por onde a Sibilla o encaminhou era uma caverna que levava ao centro da terra.

Bastar-nos-hia a decisão de Virgilio, se um escriptor de polpa como fr. Dimas Serpi nos não argumentasse contra o mantuano tratando-o de mentecapto como todos os gentios. Mafoma de egual modo assevera que o inferno está nos reconcavos da terra; mas o frade Serpi assevera que o propheta era um bebado. *Sic.*

Sem embargo, S. Boaventura dá como averiguada a estancia infernal nas entranhas do globo terraqueo, inferindo concludentes testemunhos das irrupções vulcanicas e terramotos. Adduz em prova aquillo do psalmo: «Livraste, Senhor, a minha alma do inferno que é lá em baixo.» E, no Apocalipse, tambem se lê: «Não se achou debaixo da terra quem fosse digno de abrir aquelle livro.» Logo, conclue o santo, ha moradores lá em baixo, onde está precisamente a gehena.

Ora, se o inferno está no centro da terra, como querem doutores venerandos, alguma esperança deve contentar os condemnados de se remirem no fim do mundo; porque a terra ha de volver-se ao nada, e o fogo do centro acabará com grande satisfação dos biltres que lá estiverem. Não é bom que isto chegue ao conhecimento dos velhacos nossos contemporaneos; mas deante das revelações da sciencia todas as considerações são mesquinhas.

Dos que duvidam da existencia do inferno occorre-nos uma rasão de Plinio, encontrada na Hist. nat. liv. 2, cap. 63. Diz o naturalista: «Se houvesse inferno, já lá teriam furado as minas da avaresa e da luxuria para buscar oiro: «Si ulli essent inferi, jam profecto illos avaritiæ atque luxuriæ cuniculi refodissent.»

Outro impugnador mais antigo dava contra o inferno uma rasão mais frivola. Dizia Thimeu de Locres, philosopho da laia de uns que por ahi vos derrancam a alma, que o inferno e demonios eram ficções talvez uteis para certos lorpas, cuja rasão não bastava a encaminhal-os virtuosamente.

Mas a nossa questão não é saber se ha; é tão sómente decidir onde está o inferno.

E isso está decido: é... não nos occorre agora onde é que deixamos acima decidida a situação do nfierno...

Procurem-no em si os que não procuraram o céo na vereda escabrosa da virtude.

E deixem lá fallar os santos.

E, a proposito de santos...

O SANTO DE MIDÕES

Um santo em Midões! Custa a crer

No curso de trinta annos, Midões desacreditou-se por tanta maneira que difficultosamente vingará que lhe canonisem um filho.

Saibam, todavia, os detractores d'aquella villa, hoje em dia malsinada de alfôbre de faccinorosos, que, ha bons dois seculos, Midões teve um santo, pregoado tal pela opinião popular; e, se hoje os não produz da marca d'aquelle, compensa-nos vantajosamente dando-nos homens de bem, que é melhor. O santo que vou historiar muito pela casca, é quem poderia, sem offensa dos agiólogos, ser considerado o ascendente dos epicos assassinos que deixaram para longo tempo aquella terra estigmatisada. *Assassinos*, digo eu, declinando a responsabilidade da injuria sobre a imprensa e os juizes que condemnaram e perseguem determinadas pessoas; que eu de mim sigo a opinião de não sei que escriptor inglez, o qual disse que era prudencia retirar o titulo de amigo intimo ao scelerado, só depois que elle acabasse de pernear na forca.

Vamos ao santo.

Ha cêrca de duzentos e trinta annos que o padre Antonio da Fonseca, missionario de fama, e capellão do Senhor da Serra, no bispado de Coimbra, foi prégar a Midões. Esta povoação antiquissima era então habitada por familias illustres que por ali e nas circumferencias honravam os paços senhoriaes de seus avós. Ora, como a fidalguia das montanhas exercitava pouco as forças em trabalhos fatigantes da alma e do corpo, os vicios entravam facilmente n'aquellas casas ociosas, e regalavam-se de sevar prêas para o demonio, rebalçando as nos seus lamaçaes.

Pelo quê, algumas pessoas escandalisadas com o desenfreamento dos costumes, e compadecidas de tanta perdição de almas baptisadas, mandaram d'ali nove leguas chamar o famigerado padre Antonio da Fonseca, o qual, ao tempo, vivia vida eremitica na capellinha do Senhor da Serra.

O missionario, com quanto se temesse de Midões como o leitor se temeria hoje se para lá o mandassem administrar o concelho, foi disposto a combater o diabo cara a cara.

Os primeiros trovões da sua eloquencia apavoraram os peccadores por tanta maneira, que a reforma dos costumes deu logo signal de si. Pessoas que viviam em patente e escandalosa incontinencia vomitaram a peçonha das entranhas aos pés do missionario, e cingiram aos rins as rosetas dos silicios, adelgaçando o sangue com jejuns, e vigiando os assaltos do demonio com orações e jaculatorias que era coisa mui piedosa de ver-se.

Deteve-se largo tempo o missionario n'aquellas paragens, estanciando nos pulpitos de Bobadella, Tábua e outras povoações contaminadas, onde elle ganhou fama de santo, grangeada com os effeitos do seu apostolado e com os milagres authenticos da sua virtude em cura de molestias.

O leitor ha de ser logo edificado com a noticia de alguns dos milagres, referidos em documento insuspeito.

Uma vez, durante o anno de 1648, estando o padre Antonio da Fonseca a missionar, disse que tivera revelações nas quaes se lhe mandava fazer uma congregação de mulheres, composta de treze, as quaes seriam umas como columnas sobre as quaes se havia de estabelecer a fé. E, proseguindo, disse: que, ao mesmo tempo tivera uma visão das pessoas que deviam congregar-se. N'este proposito, discorreu com diffusa piedade, á mistura com raptos e extasis de que o auditorio ficou attonito e cada vez mais compenetrado da santidade de tão apostolico varão. Descido do pulpito, e rodeado pelos principaes fidalgos da comarca, o missionario explicou litteralmente a revelação, e acceitou desde logo avultadas esmolas para edificar um recolhimento, no sitio que hoje em Midões se chama a «Torre».

Competiram os fidalgos em aprestar achêgas para a obra, e os alveneis eram tantos e tão aporfiados na lida, que, em breve tempo, se saiu o santo com o convento e egrejinha á proporção.

Construida a colmêa, cumpria escolher as abe-

lhas celestiaes a quem a revelação destinara o fabrico da ambrosia dos anjos.

Começou o padre, apoz longa oração mental, a chamal-as por seus nomes, uma a uma, no arco da egreja onde se passava o solemne recenseamento das eleitas do Senhor.

Eram treze as escolhidas para os divinos esponsaes; treze, porém, como o leitor as escolheria para si, se a tamanho peccador fosse permittido fazer convento e rusga de noviças para treze cellas.

Eram as mais formosas meninas de Midões e terras circumvisinhas, umas loiras, outras morenas, umas de olhos e cabellos negros, outras de vista quebrada e suave como ao despertar d'um sonho amoroso, todas queridas dos gentis parentes que as requestavam, todas sedentas de viver como suas mães, como suas avós, como todas as mães, incluindo a santa Mãe de Jesus, que, tão maviosa, filtra maternidade nas almas virgens com o seu divino filho nos braços.

As donzellas nomeadas ergueram-se trementes e acercaram-se do missionario, que as abençoou, e convidou a entregarem seus corações ao divino esposo.

Concluida esta cerimonia em que as senhoras velhas lagrimaram copiosamente, as familias separaram-se á porta da egreja, conduzindo cada uma a sua victima com triumphante alegria e tanta vaidade que era muito de reparar o sobrecenho desdenhoso com que uma fidalga de Tábua olhava para outra de Bobadella, cuja filha não fôra das treze,

com quanto a sua piedade, mas não a bellesa, se avantajasse a todas as outras mais ou menos suspeitas de galanteadoras.

Das treze houve, porém, uma que reagiu contra a revelação, contra a visão, contra o pae; mas, todavia, houve de succumbir. Era D. Elena Pereira, filha de Gonçalo Pereira de Midões, em cuja casa, decorridos tres quartos de seculo, se aliançaram por casamento os Soares d'Albergaria.

Recolhidas as treze meninas ao convento, fez-se um sepulcral silencio á volta d'aquelle ninho de anjos.

Constava, entretanto, cá fóra que o espirito santo as visitava em seus cubiculos, aureolando-lhes as formosissimas cabeças com resplandores de uma luz estranha, que ninguem via, senão ellas em reciprocos arrobamentos.

Raras vezes o santo eunuco d'aquelle divino harém saía fóra, receoso de que o diabo, tambem chamado pelo padre Bernardes o principe das moscas, se insinuasse desfigurado em borboleta branca e pousasse na espadua immaculada d'alguma para quem saudades do mundo ainda volitassem na luz crepuscular e scismadora do claustro. Nas raras occasiões da saida contava elle aos paes das austeras recoletas que aquillo lá dentro era um continuado trilar de avesinhas do céo anciosas por avoarem ao seio do esposo, que em sonhos lhes sobpunha os braços como reclinatorio e lhes offerecia o peito como espaldar de leito de infinitas delicias.

Se ás vezes os paes e mães das predestinadas

mostravam desejos de ver suas filhas atravez dos espessos rotulos, o padre rebatia suavemente o licito desejo, allegando que Jesus Christo mandava ás suas esposas que, por amor d'Elle, abjurassem pae, mãe, mundo, amores terrenos, ligações temporaes tecidas mais ou menos pela ardilosa mão de Satanaz.

Eram passados tres annos d'esta mystica insulação, quando na cerca do convento entrou pela primeira vez um hortelão, encarregado de preparar a terra para plantio de legumes.

Convem saber que este jardineiro entranhava odio ao missionario, cuja vinda a Midões havia sido na vida do trabalhador uma desgraça irremediavel. Fôra o caso que as tremendas pinturas do inferno prodigalisadas com furor de artista pelo santo, aterraram de modo a mulher do hortelão que lhe apagaram a luz do entendimento, ficando o pobre trabalhador sem a companheira do seu trabalho, com tres filhinhos ainda não creados, e uma doida ao canto do lar com os olhos cravados nas chammas da fogueira, e a permanente imagem do inferno a sacudir-lhe os nervos.

O hortelão não ousava queixar-se do causador do seu infortunio; mas de si para si dizia elle que se encontrasse o santo em despovoado, que Deus lhe perdoasse, mas era certo dar-lhe na testa com o olho da enxada.

Uma vez, o hortelão dissera ao missionario com muita humildade:

«Se vossa mercê fizesse o milagre de me dar

juizo a minha mulher, que era tão boa, tão trabalhadeira, e amiga de mim e dos filhos...

— Não tentes a Deus, irmão — disse o santo, levantando para o céo uma seraphica olhadella—Tua mulher perdeu a rasão, mas lá tem dentro de si a alma prompta para ir ao reino eterno da gloria *per omnia secula sœculorum.*

— *Amen* — tornou o jornaleiro christãmente por ver que o sitio não era despovoado.

Ora, foi este o escolhido para cultivar a horta do recolhimento.

Havia elle dado as primeiras enxadadas, quando ouviu tossir em uma das rotulas gradeadas. Olhou, e viu descer uma linha com um papel enrolado e muito estreito, sem poder entrever ao travez das rotulas quem desenrolava a linha. Abeirou-se do papel com certa desconfiança, quebrou a linha apressadamente, e saiu como quem adivinhava que n'aquelle papel estava a sua vingança do padre.

Sabia o hortelão que no recolhimento estava a sr.ª D. Elena filha de seu compadre Gonçalo Pereira.

Occorreu-lhe logo ir mostrar o bilhete a seu compadre, um dos poucos fidalgos da terra que sabiam ler.

Gonçalo Pereira, apenas desenrolou o oitavo de papel, exclamou sobresaltado:

— Esta lettra é de minha filha Elena!

E, ao passo que lia o escripto, mudava de côr, e abria os olhos pavidamente.

Releu terceira vez o bilhete, entrou allucinado na sua alcôva, saiu com uma clavina, e dando de rosto com sua mulher que o sustinha com as mãos postas, exclamou com vozes roucas:

— O missionario tem deshonrado algumas recolhidas, e nossa filha está em perigo de ter a sorte das outras.

A mãe de Elena, espantada e incredula, susteve o impeto do marido, raciocinando que a filha entrara constrangida na clausura, e talvez calumniasse o missionario para esquivar-se á religião por tão culpavel expediente.

Na noite d'esse mesmo dia, Gonçalo Pereira saiu de Midões. Ao romper da manhã estava em Coimbra, pedindo audiencia ao inquisidor, a qual lhe foi logo concedida como o familiar do santo officio, que elle era.

Ao anoitecer do dia seguinte, o santo de Midões era chamado á portaria do recolhimento, e levado entre quatro quadrilheiros do santo officio, acaudilhados por Gonçalo Pereira. E ao repontar da aurora do outro dia, os paes das recoletas eram convidados por ordem do bispo de Coimbra a reconduzirem suas filhas, ficando o recolhimento vasio e abandonado.

Divulgou-se a prisão; mas o delicto do padre Antonio da Fonseca não transpirou, visto que as cumplices, industriadas por seus paes, não fizeram alarde da sua irrisoria desventura.

Rodaram muitos annos sobre o caso nefando. Novas do missionario não transpirava alguma das

paredes do carcere da santa inquisição. Conjecturava-se que o preso houvesse morrido antes de condemnado; mas nos autos da fé, celebrados em Coimbra nos trinta annos decorridos até 1680, o retrato do execrandissimo réo não figurara na galeria dos que haviam expirado nas torturas ou nas enfermarias.

N'este longo trajecto, as formosas pombas d'aquelle pombal do padre Antonio envelheceram. A tradição não guardou memorias das virtudes que ellas exercitaram fóra do claustro. E' de crer que requintassem nas que levaram do cenobio, derramando exemplos e preceitos por treze familias, visto que ellas eram treze, e bem é de crer que todas se maridassem, com a recommendação de meninas creadas em mosteiro.

Mas, em 1688, quando já eram mortas algumas, e muito velhas as outras, appareceram em Midões deprecadas do santo officio de Coimbra chamando á barra do tribunal as discipulas de padre Antonio, que ainda vivessem para testemunhar no processo que ainda corria, depois de quarenta annos de carcere.

O comparecimento, apesar do pudor, das cans e dos netos, era inevitavel.

As respeitaveis matronas de Midões, invejando a sorte das suas companheiras mortas, lá foram testemunhar, na presença dos dominicanos, palavras e obras, que poderiam escandalisar um bordel, e não amordaçaram os beiços do inquisidor que dictava a sentença.

Ai! a sentença, leitor! Quanto daria v. ex.ª se lh'a eu confiasse a occultas de sua esposa, de suas filhas, e talvez ainda de seu pae, suppondo até que seu pae haja sido o mais desempoado e estrovinhado e despejado galã da Cotovia e salas adjacentes!

Eu aqui a tenho, e á beira d'ella o meu frasquinho de carbonato de amoniaco.

E' um documento subtrahido ás estantes do cartorio do santo officio, escripto em presença de Jesus crucificado e do patriarcha Domingos de Gusmão. E' emfim uma pagina dos fastos da egreja lusitana — baluarte inexpugnavel da orthodoxia, — catholica estreme, onde nunca entrou gafa das religiões que não queimavam judeus, e enforcavam os scelerados como o padre Antonio da Fonseca.

Pois a inquisição queimava lá padre que não houvesse hebraisado, ou pactuado com o diabo?

Aquelle caso de Midões era atrocissimo na verdade; mas não se dispensava um homem de ser israelita ou socio do diabo para o praticar? Padre Antonio da Fonseca, louvado Deus, não era judeu nem demoniaco para que merecesse morrer. Já não foi pouco prival-o das ordens e do poder de fundar mosteiros de treze meninas para no regaço d'ellas se asssentar a fé, e mais elle.

Ainda assim, o santo officio, esbulhando o padre das ordens sacras, entendeu que devia indemnisal-o. Atiral-o á rua sem officio era expôr a religião na pessoa no satyro açamarrado de Midões — era forçal-o a mendigar o pão que a caridade publica denegaria ao reprobo. Então que fez a santa inquisi-

ção? Deu-lhe cama, roupa lavada, e mesa em sua casa, por espaço de cincoenta annos, que tantos viveu o antigo capellão do Senhor da Serra ás sopas untuosas de S. Domingos.

Mas a sentença!

Vou fazer um esforço de quem quer servir um ou dois amigos que me promettem rasgar as duas ou tres paginas seguintes d'este livro, assim que sentirem o fremito de vestido de senhora. Respigarei as phrases que podem ser lidas em congresso de pessoas cujos pudor e puresa forem menos hypotheticos que os das filhas espirituaes do padre Antonio.

Corem e desculpem. Ahi vae:

«Accordão os inquisidores, etc., que vistos estes autos, culpas, declarações e confissões do padre Antonio da Fonseca, sacerdote do habito de S. Pedro, morador na villa de Midões, d'este bispado de Coimbra, réo preso e que presente está... [1]» E depois de resarem as Ave Marias, ao tempo que certas pessoas devotamente resavam e beijavam a terra, elle réo dava osculos em certa pessoa do sexo feminino; e, reparando ella n'esta digna acção, elle lhe dizia a modo de reprehensão que ella dita certa pessoa era terra, e que tanto importava beijar a

[1] Segue a enunciação das torpesas, classificadas com os termos que é preciso procurar em Sanches no tratado do *Matrimonio*, ou em *Larraga* no artigo *Castidade*, ou n'alguns livros do Velho Testamento, como *Ezequiel*, etc.

terra como a ella; e dava-lhe tres osculos em honra da Santissima Trindade, e mais sete pelos dons do Espirito Santo. E, depois de certas pessoas commungarem, com o pretexto de lhe dar a paz, elle as abraçava, dizendo que buscava Christo no peito d'ellas... A outra que fazia repugnancia em lhe dar certa pessoa[1] para ir para o recolhimento, vindo elle réo de dizer missa, lhe disse que ainda lhe sabia a bocca a sangue de Christo, e que, se lhe não dava a dita pessoa, ella se não ausentaria d'aquelle logar sem Deus lhe dar um grande castigo... A outras dizia que, se queriam seguir o caminho da virtude, se haviam de fazer doidas, e confirmar tudo que elle dissesse, ainda que fosse mentira; e a outras pessoas dizia que vindo certas pessoas de certa parte, haviam de ver brincar o Menino Jesus com ellas pelas taboinhas da casa, e que estas eram relicarios do Espirito Santo, e que lhes não fazia Deus maior bem depois do baptismo, que trazer-lh'as para casa, e que uma d'ellas já era toda espirito. E as outras a quem............ lhes dizia que tivessem fé, e cressem que Deus as movia e que no logar em que astavam não havia peccado........

....

[1] Conta a sentença os embustes que o padre exercitara para induzir as treze meninas, ou columnas em que Deus havia de estabelecer a sua fé. Traslada-se um caso de violencia que valeu ao missionario a posse de uma que não devia ser das menos appetitosas columnas da Fé, a julgal-a pelos esforços de padre Antonio.

[2] Mãe que recusava dar-lhe a filha.

E logo sarou sem dores uma mulher que tinha uma inflammação em um olho, dizendo-lhe: «sare que mando eu.» A outra disse que trabalhasse como um cavallo, e logo lhe rugiram as tripas com grande estrondo, até que sarou por ordem do réo. Outra, que estava desconfiada da vida, mandou que não morresse, e não morreu, dizendo-lhe «vá e suba»... [1] Estando uma pessoa fechada em uma casa, entrou o réo; e vendo-o a outra pessoa que tinha a chave da porta, ficou admirada; e o réo disse que d'aquelles milagres fazia muitos.............

E disse o réo que tambem acreditava que assim como a lenha verde, que se ajunta com a sêcca, arde melhor, assim tambem o réo que era lenha verde por imperfeito, se unira a certa pessoa que era lenha sêcca para mortificar-se; e como essa pessoa ardia no amor divino, ardia elle tambem.....
....»

Para padre Antonio quasi todas as mulheres eram lenha sêcca pelos modos; e todos os actos significados pela comparação, os suppunha elle provindos de inspiração divina, e innocentissimos, porque, di-

---

[1] E' um não acabar de milagres, quasi todos bastante sensaborões, e que nos fazem ganhar engulho nos inquisidores que os acceitavam, sem discussão, como obra do diabo. Falla-se aqui d'um relicario que tinha o padre, com o qual fazia coisas extraordinarias. Mulher a cujo seio elle o chegasse rompia em gritos e ancias de uma naturesa que não abonava as reliquias, a menos que ellas não fossem de uma divindade que os romanos incensavam, e da qual Petronio vos descreve graciosamente as festas, os votos e as virtudes afrosidiacas.

zia elle com Luthero, as acções são maliciosas quando a intenção é má. Ora, elle asseverou que não queria senão arder para se purificar. Logo: a intenção era boa.

Além d'isso, faz muito á justificação de padre Antonio convencer-se elle de que, se peccava, não era com o proprio consentimento: força superior o impulsava.

Era o diabo, dizia o João de Molina, o hereje; mas fr. Antonio, o missionario catholico, dizia que não era o diabo que o esperava para a congregação das treze; mas sim Deus. Outro artigo de defesa apresentava o santo contra o articulado da concupiscencia: «que os homens não se salvavam por obras; mas por fé.» O sardanapalo tonsurado aproveitava de Luthero, infamado por elle, quanto podia frizar-lhe as manhas.

A santa inquisição ouviu este Santo Antonio de Midões, admoestou-o tres vezes a que confessasse tudo, (parecia-lhes ainda diminuto aos juizes!) e condemnou-o a não confessar, a não dizer missa, a não trabalhar, a não sair de casa, a comer, beber, dormir, e vestir á custa da inquisição; e... (ó refinada maldade!) condemnaram padre Antonio a pagar as custas do processo!

E mais nada.

CELESTINA

I

Celestina!...

Como a dilecta do rei de Israel, era morena e formosa.

Adorei-a com paixão e susto — susto d'alma virginal; paixão de homem sem pae, sem mãe, sem amigos, sem Deus.

Eu era atheo: dizia-me a rasão que o fôsse.

Amei-a, e fiquei atheo: dizia-me o coração que ficasse.

Já tinha um Deus.

Para que me eram necessarios dois?

Olhos de mulher!... Os véos translucidos da Providencia.

Eu vi por elles o céo.

Não ha dezerto innoitecido onde elles fulgem.

Olhos de mulher!

São cruz e redempção.

Desde Eva até Maria, desde o Eden até ao Calvario, desde a serpente que matou, até á cruz que reviveu, sempre a mulher.

Olhos são cruz, são supplicio. Que importa?
Seja cada homem o redemptor de si mesmo.
Chore, e soffra e morra.
Que o chorar é remir-se;
E o soffrer purificação;
E o morrer... esquecer-se.

Para os que, hoje em dia, se perdem e erram nos areaes d'este mundo, o maná que lhes chove o céo, é lagrimas.

II

D'onde vem um suão escandecente que bate n'alma com aza de fogo e lhe vibra as cordas todas e a põe em tremuras como á pomba que vasqueja ferida no pequenino coração?

Do céo ou do inferno?

São halitos da região dos esplendores que bafejam, ou espiraculos dos vulcões subterreos que resfólegam?

Não sei.

III

Uma noite quando a lua se espelhava no Tejo, e as brisas riçavam o lago dormente, um bote, vindo d'além, voluptuoso como a gondola das amadas de Bryon, aproou á lagem onde eu sentado esperava a noite alta para lhe perguntar quantas infamias vinha proteger com o seu manto.

Porque eu, n'aquelle tempo, fazia trevas no meu quarto, quando o sol nascia; e assim que as estrellas rutilavam no espaço negro, saía do meu antro á busca de silencio e trevas.

E depois, o meu corpo regelava-se retransido das nortadas.

E o vento sibilava-me nos ouvidos um estrondear de metaes, um retinir rispido como o rebater de espadas e broqueis nas batalhas antigas.

E eu dizia á noite:

— Vens ver sobre que palhas moídas e infectas dormem as creancinhas que adormeceram com fome?

E' Deus que te manda?

Se é, vae; e dize-lhe o que viste, ó noite!

Dize-lhe que as creanças, ao bater lento das onze horas, acordaram a tiritar, e por entre os dentes amarellidos e convulsos murmuravam: «mãe».

Dize-lhe que a mãe os aconchegou do peito sêcco e frio; e elles, sentindo tão perto um coração cheio de lagrimas, romperam clamorosos, pedindo pão.

Dize-lhe que a mãe dos famintos olhou pelos resquicios do telhado para o céo; e, como só visse a negridão das sombras, segredou aos filhos: «Ainda não é dia.

Assim que romper a manhã, iremos pedir. Dormi, meninos, dormi.»

O' noite! é Deus que te manda?

Se é, vae, e dize lhe o que viste.

IV

Ora, os felizes anceiam por ti, ó noite. Quando chegas, accendem-se os brilhantes nas espaduas nuas das mulheres; carminam-se as caras; matisam-se de flôres e estrellam-se de perolas os cabellos; afivelam-se as cinturas com os cintos da Venus carnal; palpitam os desejos em cada fibra que arde; coriscam os olhos, e aveludam-se os labios para a suavidade dos beijos, que tu, quando voltares, encontrarás já frios.

Zombam de ti, prenuncia de morte.

A tua escuridão não faz lembrar sepulturas nem pavores da noite infinita.

Tu dás as cortinas ao leito do crime. Os recâmos scintillantes do teu pavilhão reverberam nos lamaçaes onde se espojam deleitosamente mais d'um poeta que te canta, mais de uma virgem que te contempla e te agradece a puresa da sua fama.

O' noite, é Deus que te manda?

Se é, vae, e dize-lhe o que viste.

V

A's vezes estallejava no ar uma coisa funebre como de estertor.

E eu não via nada a meus pés, nem por sobre os cabellos hirtos da minha cabeça.

Devia de ser crocitar de ave que me coava um terror frio até ás entranhas.

Mas eu punha os olhos nas myriades de estrellas e dizia :

Quem vos fez ?

Que fazeis ahi ?

Pois este globo é a sentina onde escoaram as fezes dos mundos superiores ?

O grande espirito fez-se homem, fez-se victima de suas creaturas, fez-se mãos e pés para a cruz, fez-se cabeça para os espinhos, fez-se coração para a lança, fez-se fibra dolorosa para o latego.

E deixou o arminho e o farrapo onde os encontrou.

Deixou ao ardil e á espada as glorias da terra;

E á pobresa inerme a miseria repulsiva.

E foi dentre nós com o segredo da perfeição da nossa especie.

Dizei-m'o vós, estrellas!

— Como desceu elle d'esses páramos até este esterquilinio?

Respondia-me o silencio, esta coisa medonha, este escarneo inexoravel que tem visto espedaçarem-se gerações á conta de Deus.

O silencio que vê esquartejarem-se os indios sob os carros dos deuses.

O silencio que viu as carnificinas piedosas das Crusadas.

O silencio que viu arder os christãos embreados nas noites luminosas de Nero.

O silencio que viu arder os hebreus defronte do palacio dos nossos monarchas.

VI

A flor da minha mocidade era assim queimada por estas meditações, em quanto a algidez das noites de dezembro me branqueava os cabellos e me enrugava o rosto.

Eu nunca tive seio de mãe onde encostar a cabeça.

Eu nunca tive a quem dissesse: «Ensina-me a orar.»

Nem amante que me dissesse «Hei de ensinar-te a crer.»

— Ensina-me a morrer — dizia eu ao tedio dos meus dias, á minha fatigada alma profundamente solitaria.

VII

Era noite de maio aquella em que o bote, sulcando o Tejo com a rapidez da serpente de Tenedos, aproou ao caes.

Alvejava a capa branca de uma mulher, e o rosto d'ella resaltava do alvor do capuz.

Contemplei-a com a fixidez d'olhos onde a alma toda se reconcentra a enxugar-se de suas lagrimas a um primeiro raio tepido de vida. Se uma seta silvasse contra meus olhos, eu não poderia desvial-os do rosto d'aquella mulher.

Eu nunca tinha visto outra.

Como todos os meus olhares mediam o insondavel do meu abysmo, lá, na profundesa d'elle, o que eu tinha visto era o homem — a escumalha negra que o creador ahi despejara depois dos sete periodos da creação.

E á volta do abysmo trilavam as aves e rugiam os leões; ramalhavam as florestas e roncavam as ondas nas suas cavernas socavadas; e por cima do abysmo faiscavam relampagos, flammejava o sol,

tremeluzia serenamente a estrella, e adormecia a lua sobre o frouxel dos cedros do Lybano estendendo o seu leito de esmeralda pelos almargens em flor a vaporarem aromas de suas urnas.

A torpesa, a ignominia, a podridão das entranhas vivas, o nascer e morrer infamado ou infame é só do homem.

E só elle se vê em seu gôlphão como condemnado em oratorio na penunbra do castiçal que alumia o altar — aquella proterva zombaria que ata a piedade á forca! Ali um Christo como a dizer ao padecente: — Se eu houvesse sido divino, se eu te houvesse remido, não terias assassinado o teu irmão, nem os teus irmãos a esta hora estariam martellando nos barrotes do teu patibulo.»

VIII

E eu não tinha visto outra mulher.

Orphão aos doze annos, sete em vida claustral, quando entrei ao mundo, trazia ainda o luto molhado com as lagrimas da desesperação.

Eu não conhecia ninguem.

Ninguem me conheceu.

A alcôva onde meu pae expirou foi a minha.

A' mesa, junto da qual eu via a minha cadeira de creança, sentei-me eu sósinho a olhar para a cadeira de minha mãe.

Defronte de mim estava em pé um ancião que se quedava fixo nos meus olhos e dizia:

— Estão no céo.

No céo!

Na leiva denegrida de sangue putrido é que elles estavam.

No céo!

Quem os viu de lá, quando elles, na florescencia da vida, em nome do seu pequenino filho, supplicavam a Deus que os deixasse viver?

No céo!

A peste que no mesmo dia amortalhou meu pae e minha mãe desceu de lá?

No céo!

Bemaventurado ancião que choras! Não sabes que entre o céo da sciencia e o céo do mytho está o limbo da tua ditosa ignorancia!

IX

E eu nunca tinha visto outra mulher.

Os meus sonhos haviam sido todos tristes.

Sonhava com minha mãe.

Era formosa e branca; vestia um manto alvissimo: surgia-me d'umas trevas cerradas; parava, contemplava-me, chorava e passava.

Imagem nenhuma de mulher se inclinara ao meu coração a dizer-lhe:

— Acorda, que começa o teu dia. Acorda, que já os calices das flores se abriram a perfumar as auras. Acorda, que já as auras resoam seus cantares nas harpas das florestas. Acorda, que longo tempo has dormido sem mim. Tens vinte annos, e não amaste ainda. Acorda.

E acordei n'aquella noite funebre, a mais funesta hora da minha noite eterna.

Porque não resvalou então o meu pé no lodo da morte?

Fria como os gelos tinha sido a minha vida.

Aquelle amor, como lava que golphou subita da caverna, degelou-me o coração; mas anniquilou-m'o.

Eu amava, e tinha saudades da minha solidão.

Eu via Celestina nos salões esplandecentes, e tinha saudades das minhas trevas.

Porque eu sentia enroscarem-se-me no peito em suave attrito umas sensações deliciosas; mas a espaços sentia todo meu sangue coar-se ás veias palpitantes da serpente que m'o bebia dos labios.

Aquella poesia das noites e do mar, a minha melancholia, a saudade do expatriado, o scismar, e o chorar nunca mais volveram.

Uma noite, fui lá, passadas muitas noites de theatros, de bailes, de embriaguez e riso.

Fui. Não me conheci.

As lufadas do mar eram frias e fétidas. As nuvens tôrvas e algidas apagavam a luz das estrellas.

Os limos das pedras ressumavam uma gomma pegajosa e nauseabunda.

A frialdade das areias dava-me torvações e calefrios nervosos.

Voltei olhos á cidade onde lampejavam as scintillações dos candieiros, das salas orientaes, e musicas e perfumarias, aquelle estremecimento febril da vida que se debate a rir, a suffocar e a morrer entre os aromas homicidas das flores.

Olhei com um sorriso de zombaria para as lagrimas do meu rosto das noites amadas e choradas.

E fui para o salão.

E como eu ia triste!

Ella sentou-se entre mim e sua mãe.

E eu fallava da minha, quando Celestina se levantou amparada no braço de um homem alegre.

E perpassou vinte vezes escarlate e offegante em vertiginosa valsa.

E eu continuava a fallar em minha mãe, em quanto ella repassava a crepitar suas azas de gaze e fitas e flores, com os caracoes soltos a serpejarem-lhe nas espaduas.

Ergui-me, e fui para onde se ajuntavam uns homens pallidos da maceração das orgias.

Eram homens que tinham vivido, e fallavam como ebrios, saudando com hurras cada garrafa que cuspia a rolha contra os lustres.

E eu convidado por elles a ver o lado bello da vida pelo prisma da embriaguez, tripudiei, sentindo no meu peito e na minha cabeça uma alegria satanica.

Depois tive pejo da minha sombra, e, recolhido á consciencia que me repellia, quiz debalde chorar. Voltei para os homens pallidos, que já tinham vivido, mas eu ia pensativo.

— E um d'elles disse, sorrindo:

— Que estás ahi pensando? Homem que pensa é um animal depravado, disse Rousseau.

— Quem me dera morrer— disse eu.

E elles exclamaram:

— Pobre scismador! a tua rasão naufragou no vinho. Acaso viste no banquete o esqueleto de prata que assombrava os festins de Nero? Sabe, dom donzel, que o esqueleto apparecia em fim para lembrar aos convivas a rapidez da vida, e por tanto a necessidade de multiplicar os deleites. Lê Petronio: não leias Lamartine. Se tens de ser philosopho

vota pela materia universal de Spinosa, e sopra os fumos ideaes de Berkeley.

Voltei ao salão, e vi Celestina que pulava, rossando com as espiraes dos cabellos o rosto de um homem pallido da maceração das orgias.

....

E eu não pude chorar.

Ai dos que não podem! As lagrimas represadas são a peçonha mortal do coração.

....

A CRUZ DO CORCOVADO

Hei de ir a Elvas quando puder. Assim que lá chegar, hei de pedir que me guiem ao norte, fóra da cidade, e me mostrem a quinta dos Redemoinhos e a do Pinheiro, ao pé de Caya. Se ninguem me der noticia da quinta dos Redemoinhos, assim chamada em 1630, póde ser que m'a saibam indicar sob outro nome. «Terra dos Sequeiras» se chamava já essa casa solarenga ha cento e cincoenta annos. Depois hei de ver se alguem me diz, no peior caminho que ligava estas quintas a Elvas, onde seria a Fonte de Ruy de Mello e por onde passaria uma azinhaga que conduzia á «Horta de Montarroyo» a qual, muitos annos volvidos, se chamou a «Quinta do vedor geral de artilheria.» Ora, pontualmente n'esta azinhaga, é que eu procuraria uma cruz de pedra, chamada do *Corcovado*, a qual em 1740 ainda ahi se levantava entre duas ribanceiras, á beira do caminho excavado, coberta de musgos e pregoeira de um lance funesto que ahi passara.

Aqui vae o caso sem o minimo toque de pincel romantico.

Mem Rodrigues de Vasconcellos, fidalgo dos mais antigos de Elvas, teve umas testilhas de rivalidade de amores com outro fidalgo de egual porte, chamado Lopo Vaz de Sequeira. Mem era tanto ou quanto rachitico: não obstante, as flechas de Cupido, como lhe não iam apontadas á corcóva, feriam-no em pleno peito, sem impedimento de se haver matrimoniado com sua prima a sr.ª D. Theresa de Vasconcellos.

Lopo Vaz provavelmente feriu o rival na parte mais sensivel e visivel, aguçando epigrammas que lhe desfechou contra as costas, e o corcovado, máo de genio como todos os do seu feitio, injuriou-o com uma bofetada. Os affrontados, n'aquelle tempo, e mórmente os portuguezes de raça, tinham em conta nenhuma a prova do duello. A robustez pessoal prevalecia ás artes e manhas da esgrima. O offendido Lopo não se julgaria desforçado, recebendo em leal desafio uma cutilada sobre a injuria. Tempos selvagens. Hoje em dia o insultado vae ao campo da honra, morre ás mãos do insultador e... vinga-se. Os mortos devem este beneficio ao progresso das luzes. E realmente cumpria que as luzes fossem muitissimas para que se visse em tamanho absurdo a honra, a coragem, e, o que mais é, a desafronta!

O rude Lopo Vaz de Sequeira não podia ver taes coisas em 1620, ás 3 horas da tarde do dia 7 de abril, quando acompanhado de uns facinorosos de Campo-Maior, se encontrou, na travessa que liga a rua do Padrão á do Touro, com Mem Rodrigues e

seu pae André de Azevedo de Vasconcellos. Travou-se a lucta entre os sicarios de Lopo e os lacaios do Corcovado; André de Azevedo, porém, que ao tempo contava cincoenta e seis annos ainda robustos, rompeu de rosto contra Lopo de Sequeira e recebeu no peito a bala de um pistolête, desfechado pelo inimigo de seu filho. O valente velho encostou-se ao cunhal da chamada «Porta do relogio» e morreu. Pagou o pae com a vida a bofetada do filho. Má jurisprudencia! Bem se vê que Deus fez o homem e deixou-o.

As duas familias Sequeiras e Vasconcellos, em guida, sairam de Elvas, e foram habitar as quintas que então se chamavam dos Redemoinhos e Pinheiro, compromettendo-se mutua, bem que tacitamente, a se matarem onde quer que se encontrassem.

Por espaço de dez annos não se encontraram. De crer é que os dois inimigos cautelosamente se esquivassem sem indignidade á occasião do perigo.

Porém em 1630 adoeceu o bispo de Elvas D. Sebastião de Mattos e Noronha, aquelle imprudente politico que, sendo arcebispo de Braga, conjurou com o marquez de Villa Real e duque de Caminha contra D. João IV; d'onde lhe resultou ser encarcerado na Torre de S. Julião, em 28 de julho de 1641, e morrer ahi, passados mezes, envenenado por peçonha ou por paixão, que tudo é um.

Antes o infeliz prelado tivesse morrido quando Assenço de Sequeira, filho d'aquelle Lopo Vaz, e seu tio Antonio Lopo do Quental o visitaram.

Cumprido o dever de bons fidalgos com o seu

bispo, sairam os inimigos dos Vasconcellos, seguidos de seus lacaios, exceptuando um, que ficara em Elvas ferrando o seu cavallo.

A' saida da cidade, o previsto Antonio Lobo lembrou a seu sobrinho que bem podia acontecer os Vasconcellos irem a Elvas visitar o bispo; e, portanto, convinha deixarem a estrada e emboscarem-se no atalho da azinhaga para se não encontrarem.

Conveio Assenço no discreto alvitre e assim se fez. Porém, ao mesmo tempo, saíam da quinta dos Redemoinhos Mem Rodrigues de Vasconcellos e seu cunhado Luiz Mendes, no intento de visitarem o prelado.

Abalados pelo mesmo receio do encontro, concordaram em metter pelo atalho da azinhaga, sem ainda assim, se dispensarem de afivellar nos arções das sellas os chamados então pistolêtes, que eram pouco mais ou menos os bacamartes de hoje. N'estas cautellas não se avantajavam elles aos Sequeiras.

Por maneira que ao mesmo tempo convergiam os dois grupos para a azinhaga que corria entre a «Fonte de Ruy de Mello» e a «Horta de Montarroyo» —Tanto erram os juizos dos homens!—escreve, ao respeito, o chão genealogico d'onde vou extractando esta passagem escripta ha bons cento e trinta annos.

Conta elle, pois, que principiava a escurecer quando Antonio Lobo do Quental, que ia na vanguarda do apertado quinchoso, ouvira cantar, e, voltando ao sobrinho, lhe dissera : «Mem Rodrigues

é comnosco e vem cantando». Ao que Assenço de Sequeira respondeu: «E Luiz Mendes tambem canta.»

Olharam a um lado e outro. As ribanceiras, por muito altas, não permittiam ladear por modo que o desencontro não parecesse covardia.

Já os inimigos se tinham entrevisto.

Antonio Lobo aperrou a arma e disse ao sobrinho: «Para elles começarem, comecemos nós.»

Estavam ao alcance da bala: desfecharam.

De um lado caiu o filho de Lopo Vaz; do outro o filho do assassinado André de Vasconcellos.

Lopo apeou-se: chamou os lacaios para que o ajudassem a levantar o corpo do sobrinho. Luiz Mendes, ao mesmo tempo, chamava os seus para erguerem o corpo de Mem Rodrigues. Não viram ninguem que lhe acudisse: os lacaios tinham fugido.

Antonio Lobo conseguiu levantar o sobrinho, cavalgal-o na sella e saltar para as ancas do cavallo. Apertou contra o peito o moço, que parecia desfallecer, tomou de redea e galopou para a quinta. Luiz Mendes, porém, não pôde solevar o corpo do cunhado, porque era cadaver.

Passada meia hora, chegou ao sitio do desastre muita gente de Elvas, alvoraçada pelo rebate dos lacaios fugitivos. Em meio da multidão reconheceu Luiz Mendes o valente criado dos Sequeiras que ficara na cidade ferrando o cavallo. Assim que o viu, sevou o seu pistolête, e, no desaccordo da sua rancorosa angustia, atravessou o lacaio á queima-rou-

pa. «Pouco respeitadas deviam ser as justiças d'aquelle tempo!» considera o geanologico d'estas illustrissimas familias, que não se dedignavam de sujar as aras das suas hecatombes com o sangue dos lacaios.

E, ao outro dia, no ponto onde caiu morto Mem Rodrigues de Vasconcellos, a piedade erigiu uma cruz, que ainda cento e dez annos depois se chamava *A Cruz do Corcovado*. Existirá ainda a cruz? Se este livro chegasse ao conhecimento de quem pudesse esclarecer-nos...

Assenço de Sequeira, feito o primeiro curativo, saiu no dia seguinte com seu tio para Arronches, onde tinha couto seguro entre os seus poderosos parentes.

A justiça com apparatosa alçada entrou a devassar do crime. Seguiram se longos pleitos, em que ambas as casas estiveram a pique de completa destruição. Os processos volumosos continham retaliações de deshonra para as duas familias, em que as innocentes damas eram as mais golpeadas.

Já dissemos que o Corcovado tinha esposa, que ficou com quatro filhos: André que succedeu nos vinculos; D. Brites e D. Florenca, que professaram nas Claras de Elvas; e Antonio, que, estando no goso de um morgadio de 3:000 cruzados de renda, que n'elle instituira seu tio o correio-mór Antonio Gomes da Matta, foi assassinado na flôr dos annos com uma pedrada, n'uma das ruas de Elvas.

Disseram que o mandante d'este assassinio fôra o proprio irmão, com o fim de lhe succeder no vin-

culo do correio-mór — suspeitas fundadas nas porfiosas demandas que corriam entre elles.

Este André de Azevedo de Vasconcellos foi muito rico. Durante a guerra da acclamação mudou para Lisboa a sua faustosa residencia. Fez-se capitão de cavallos e governador do Crato. Esta governança teve-o em grandissimo risco de vida, com muita honra, se morresse. Fôra o caso, que resistindo á entrega da praça, D. João de Austria mandou que lhe vestissem a alva e o enforcassem. Valeu-lhe um fidalgo castelhano que havia sido seu hospede. Despiram-lhe a alva; e como era preciso justiçar alguem, chamaram o sargento-mór (coronel), vestiram-lh'a e enforcaram-no. Coisas dos hespanhoes.

Os descendentes d'este André de Vasconcellos adelgaçaram consideravelmente os grandes haveres que lhes transmittiu o faustoso filho do Corcovado. Um seu filho casou em França com D. Hypolita Çáfaro, irmã do marquez de Çáfaro (*Sic* D. João de Aguilar, insigne genealogista).

Assim, com varia fortuna, foi derivando a descendencia de Mem de Vasconcellos até ao sr. D. Luiz do Carvajal, doutor na faculdade de direito, sujeito de grande illustração, ha poucos mezes fallecido em Heubac onde residira, como perceptor do sr. D. Miguel de Bragança. Foi este fidalgo casado com sua prima a sr.ª D. Maria Clara de Azevedo Mendes e Vasconcellos, a qual, ha dois annos, se sepultou em Lisboa na valla commmum. Conheci esta dama no recolhimento de S. Christovão de Lisboa, onde a tinham levado revezes do coração e desven-

turas que desbotam os matizes da mocidade, antecipando a velhice e a morte. Tambem ha poucos annos falleceu o irmão d'esta illustre dama, o sr. Luiz Mendes de Vasconcellos, antigo deputado e addido de embaixadas.

O dom que usava o intelligente perceptor do filho do finado infante bragantino creio que lhe proviera, mais ou menos juridicamente, de seus quintos avós D. Gonçalo Ulhoa e D. Joanna Stephania de Carvajal y Moscoso, familias muito antigas da Extremadura de Castella.

N'esta pagina triste de historia, que ainda está por fazer (e bom é que não se faça), figuram outras familias, hoje representadas pelo conde de Martinho (Sequeiras), marqueza de Penafiel (Gomes da Matta), e outras casas de notavel representação por virtudes, bens de fortuna ou sómente pela antiguidade de sua origem.

UMA CARTA DE IGNACIO PIZARRO

O author do *Romanceiro portuguez* foi sepultado, ha poucos dias, em Chaves.

A imprensa ligeiramente deu signal de se haver apagado uma luz que resplandeceu muitissimo quando eu era moço.

O' saudade das horas que passei embevecidas nas trovas do *Romanceiro!* O' castello de Aguiar, quantas vezes em tuas ruinas, ha vinte e seis annos, eu declamei as doridas coplas do alferes da bandeira de Affonso V! Quem poderia então desconvencer-me de que o decepado Duarte de Almeida se debruçara no peitoril do balcão d'aquella derrocada fortalesa dos templarios! E uma vez que eu me embrenhei no mattagal subjacente e descobri entre urzes o enferrujado esporão de um acicate, como já os havereis visto nas armaduras do seculo XV, recompuz com elle, á imitação de Cuvier com um osso, um d'aquelles agigantados cavalleiros do Salado, se é que o esporão não era a cópia do mesmo que eu via encravado nos ilhaes do cavallo do

valente alferes do Tóro, segundo a estampa do livro, no acto em que o pulso lhe era cortado cerce e a bandeira arrebatada.

E, depois, o gentil retrato do author! Que bello, sem a desgraça de parecer feminil! Que insinuante, meditativo e intelligente aspecto! Trinta annos seriam então os de Ignacio Pizarro. E' bem de crer que as suas trovas tão sensibilisadoras e amorosas ganhassem muito com a maviosidade que reluzia do inspirativo retrato, e que o retrato se aperfeiçoasse de toques ideiaes por influxo da poesia. As damas, que então florejavam na primavera do primeiro amor, hão de lembrar-se d'aquelle retrato; que eu não admitto que uma alma em flor e amor, n'aquelle tempo, deixasse de recitar de cór as canções apaixonadas da castellã de Aguiar e Magdalena de Vilhena.

No estio de 1864, vinte e quatro annos depois que eu lera o *Romanceiro* e entalhara para sempre na memoria o retrato do author, vi no Bom Jesus do Monte um velho, sentado nas escadas do hotel da Boa Vista, conversando e gesticulando calorosamente com os criados. Impressionou-me a loquacidade vertiginosa d'aquelle sujeito de semblante doentio, barba branca e pouco esmerada, á proporção do trajo negligente e desalinhado. Avisinhei-me com disfarce e pude perceber que elle dizia coisas eloquentes, mas descabidas na comprehensão dos seus ouvintes. E pelo tanto, de mim para mim imaginei que o romeiro do Bom Jesus, quem quer que fosse, era uma pessoa com grandes faculdades in-

tellectivas em começo de desordem, a não ser um singular temperamento de homem.

Perguntei ao sr. Barros, proprietario do hotel, se conhecia o seu hospede. Disse-me que era Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento.

Entre aquelle velho e o meu espanto interpoz-se o retrato que eu conhecia. Todas as linhas physionomicas do poeta de 1840 sairam a confronto com as rugas, as cãs, a decomposição, a curvatura do sujeito que me diziam ser Ignacio Pizarro.

Ali estava o galhardo, o formoso, o namorado, o bardo galan da minha mocidade. Era aquelle ancião precoce que alli se estava carpindo, em linguagem primorosa, do chouto de um macho de recoveiro que o trouxera desde Chaves pelas Alturas de Barroso até á montanha do Senhor do Monte. E, n'este invectivar contra estradas e machos homicidas, o author de *Lopo de Figueiredo*, concentrado em sua justa ira, parecia monologar um nervoso artigo de fundo, com admiração do auditorio, que eram os criados, e eu, cá de longe, onde o espanto me tinha como impedernido.

Aquelle era o author do *Romanceiro!* Vejam que tristesa ia n'isto!

Abriu-se occasião de me apresentar a Ignacio Pizarro. Acolheu-me com fidalga cortezania, encarecendo a valia de uns livros meus com que elle costumava feriar-se de leituras proveitosas. Rara entreaberta me deu para o dialogo. Pizarro fallava incansavelmente, encadeando os assumptos menos correlativos com prodigiosa dicacidade sem desafi-

nar do tom da alta eloquencia, por vezes poetica e sempre digna de silenciosa attenção.

Quiz-me parecer que o illustre escriptor não teria sido sempre assim. Depois me affirmou um conterraneo d'elle que Ignacio Pizarro, uma vez alanceado por enorme angustia que todo coração lhe trespassára, introvertera-se largo espaço em exulação tristissima, e, quando voltara á sociedade, se havia operado n'elle um referver de idéas, cuja expansibilidade violenta rompia n'aquelle fallar incessante, nem sempre bem concertado.

Eu, por mim, não pude entrever momentos menos lucidos na sua vertiginosa eloquencia.

Contou-me largamente da sua vida politica e litteraria, gloriando-se de alguns actos obscuros da sua missão em côrtes e remoçando por momentos em recordações dos jubilos de poeta, que prendiam á edade propria d'elles. Pertenciam a este periodo de contentamento, amor e gloria, alguns poemas francezes de sua lavra que me recitou com emphase e estremecimentos de saudade, porventura. A mim dava-me para sentir mais pena do que admiração, ouvindo-o. Não havia despintar-se-me do espirito o retrato do author do *Romanceiro* — o meu poeta dos quinze annos. Aquelle que ali estava recitando versos juvenis figurava-se-me que tinha do outro apenas algumas memorias, o nome e a suprema desgraça de recordar-se.

Cultivei com esmerada solicitude a amisade d'este estimavel cavalheiro nos poucos dias que convi-

vemos na floresta, em Braga e no Porto. Por aquelle tempo me affirmaram que Ignacio Pizarro se casava com uma dama bracarense na flor dos annos. Isto contristou-me, por ver que assim o distincto escriptor ia justificar os que duvidavam da sanidade do seu entendimento. Com melindroso disfarce e muito por leve toquei o assumpto. Ignacio Pizarro sorriu-se de um modo triste. Pareceu-me ser aquelle sorriso a linguagem do coração que chorava.

Deteve-se o poeta no Porto até fim de dezembro d'aquelle anno de 1864. Em principio de 1865 me escrevia de Chaves:

«... Em hora má comecei a minha jornada a 23 «de agosto. Era uma terça-feira e vespera de S. «Bartholomeu. O epilogo foi a vinda de Villa Real «para Chaves em uma liteira, a unica de Traz-os-«Montes em serviço activo. Que liteira! As corti-«nas não uniam; o vento coado por cima da neve «cortava-me a cara. Os caminhos, desde o Amezio, «eram precipicios, atoleiros e abysmos. E além de «vir doentissimo, vinha só: não tinha um *Antonio* «*Joaquim*, nem eu era C. C. Branco[1]. Dois dias de «liteira, só, em dezembro, por caminhos intransita-«veis e retalhado de dôres! Dei a satanaz o minis-«tro das obras publicas (bom presente!) que nos «deixa moer os ossos e esvasiar as bolsas. Por no-«ve leguas de liteira seis libras! Viaja-se a Europa

[1] Allusão á novella «Vinte horas de liteira.»

«com pouco mais, acho eu. Eu quizera poder pa-
«rodiar a imprecação de Camilla nos «Horacios»
«de Corneille, para a lançar á face do governo.

> Quizera ver os ministros
> Mettidos n'uma liteira,
> Ouvindo os guizos sinistros
> Na descida da Gralheira.
> Quizera vel-os transidos
> De susto, horror e de frio,
> N'uma liteira mettidos,
> Atravessando o Mesio.
> Quizera ver despenhada
> A liteira... Oh! isso não!
> Bastava vel-a atolada
> E elles na lama. . onde estão. etc.

Ao mesmo tempo que assim gracejava metricamente, contorcia-se o poeta em dôres lancinantes. «Tenho a desventura de me parecer com Montaigne sómente pela naturesa das dôres que o mataram e me vão matando» — me dizia Pizarro, sentindo como o moralista francez os tormentos incuraveis da cystite.

Bosquejei n'esse tempo a biographia do estimado escriptor [1]. Encontrei os seus primeiros ensaios no *Panorama* de 1838, em um romance intitulado *Mestre Gil;* e na *Revista litteraria do Porto* um artigo chamado *Memorias do dia 28 de dezembro de 1838.*

Como dramaturgo distincto entre os da escola

[1] «Esboços de apreciações litterarias». Porto 1865.

d'aquelle tempo, produziu *Lopo de Figueiredo ou a côrte de D. João II* e *Diogo Tinoco.* No theatro do Porto foi muito visto e applaudido o drama *Henriqueta ou o proscripto.* N'este ultimo, em verso heroico, vingou o author caprichosamente manter as tres unidades aristotelicas, n'uma crise revoluciva de toda a legislação antiga, quando os conjurados levavam Garrett como caudilho. O esforço para tanta ousadia influira-lh'o a leitura conscienciosa dos classicos francezes, dilectissimos amigos da sua mocidade.

O primeiro tomo do *Romanceiro* appareceu em 1841. Foi enthusiasticamente apreciado este livro de doutos e indoutos, sem que os descuidos e incorrecções lhe desluzissem o valor. Era livro para damas, todo de proesas e amores. Nascera, por isso, bem fadado e com todas as estrellas a influir-lhe prosperidades. Era livro tambem para os entendidos, pois que florecera com seiva de historia patria e todo se envidava em não desdizer das chronicas, romanceando os lances de summo patriotismo realçados por tristesas de tragedia, bons para ganhar os corações, onde o espirito se não saboreasse.

Em 1845 saiu de estampa o segundo tomo, egual no merito e no acolhimento.

Lembrei-me na precipitada biographia o *Engeitado*, romance em prosa que o sr. Ignacio Pizarro publicou em 1846, e o *Cantaro de Agua* e *A filha do sapateiro*, comedia que aprazivelmente lemos no *Pirata*, periodico litterario do Porto. Não me es-

queceu então attribuir ao insigne litterato as primeiras tentativas do folhetim humoristico publicadas anonymamente na *Revolução de Setembro* de 1841 com o titulo *Scenas da historia contemporanea.*

A novidade, o assumpto e a graça d'aquellas satyras urbanas, e ao mesmo tempo picantes, deram ao author o renome que sete annos depois, por egual motivo e analogia, celebrou os folhetins tão apregoados do actual visconde de Soutto Mayor no *Estandarte.*

Em assumpto politico não temos noticia de obra sua, salvo o *Memorandum de Chaves*, historia do movimento popular de 1846, em que o sr. Pizarro teve parte e d'elle acceita honrosamente a responsabilidade que lhe cabe em quanto a paixão facciosa não transpoz a balisa da justiça. Os escrupulos do morgado de Bobeda em politica deviam de parecer singulares n'este paiz! Como fosse deputado em 1837, contando trinta annos, quando as ambições mais impellem e a rasão póde menos contra ellas, o sr. Ignacio Pizarro, sósinho contra os desatinos governamentaes, depoz nas mãos do soberano o mandato, retirou-se da camara e nunca mais quiz acceitar procuração a côrtes. Facto original e unico.

O ponto da biographia que deixei menos tratado foi o da stirpe nobre do sobrinho e herdeiro do general Pizarro, visconde de Bobeda. Menos propria é hoje a occasião para incorporar entre virtudes reaes as do nascimento pouco menos de chimeri-

cas, já agora que tanto monta como não tel-as, se as adquiridas não renovam o fôro da fidalguia herdada, ou — e melhor será — se o dinheiro as não dispensa todas. Como quer que seja, Ignacio Pizarro é morto: o ramo que bracejou em flores e fructos de illustre e honrado tronco está sêcco. Não vale nada á sua memoria o engrandecimento pelas commendas, que lhe não deram tanto lustre como a somenos trova do seu *Romanceiro*. Que elle procedesse do celebre Pizarro conquistador do Perú dizem-n'o os tratadistas genealogicos; eu, porém, se lhe procurasse os avós, ser-me-ia mais grato encontral-os entre os Sás de Miranda, Bernardes e Andrades.

Assim que o meu amigo falleceu reli as suas cartas e em uma datada em Chaves aos 8 dias de maio de 1865 encontrei os seguintes periodos:

«.... Só o ignorante póde dizer em seu coração «que não ha Deus. E essa ignorancia é a maior de «todas as enfermidades, porque priva da melhor de «todas as medicinas — a Esperança; porque affu«genta o melhor dos medicos — a Caridade.

«Crer, esperar e amar é a trindade do coração; «é o espelho da trindade de Deus.

«V. biographou-me como amigo das lettras; en«careceu os meus pobres trabalhos litterarios; con«trahiu quasi obrigação de completar a minha bio«graphia, quando lhe chegar a noticia do meu pas«samento. Quero dar-lhe apontamentos para en«tão.

«Fui educado até quasi oito annos em Villa do

«Conde em casa de minha virtuosa tia D. Luiza «Pizarro, por um padre francez emigrado aos furo-«res da revolução, Mr. Philippe Joseph Bellardant. «Aprendi a ler pela biblia portugueza e pela fran-«ceza o francez. A biblia franceza era illustrada «por magnificas gravuras, que elle me explicava ao «passo que eu lia a pagina correspondente, e não «me deixava ver as gravuras seguintes sem primei-«ro ter lido o texto. Com que anciosa curiosidade «eu desejava ver as gravuras todas! E era tanta a «bondade e paciencia d'aquelle santo confessor, «que, quando me levava a passear ás praias do «oceano, com a ponta da bengala desenhava na «areia o esboço da gravura que eu tinha visto na «ultima lição. Ainda me lembro com as lagrimas «nos olhos de um d'esses desenhos na areia: a mor-«te de Saul.

«Este sacerdote não completou a minha educa-«ção, porque me mandaram aos oito annos para o «collegio dos nobres, de Lisboa, porque me desti-«navam á universidade e elle pronunciava o latim «á franceza. Educou elle depois o actual conde da «Graciosa e seus irmãos. Dignos discipulos.

«A educação no collegio dos nobres era, n'esse «tempo, desde 1815 a 1820, tempo que lá estive, «o mais religiosa possivel. Fui em julho de 1821 «para Coimbra; e, como só tinha treze annos, fui «entregue a um padre, bastardo da minha familia, «que, apesar dos seus poucos annos, era o modelo «dos padres. Ali, até 1826, li muitos livros maus.

«As crenças da infancia foram abaladas, mas não

«destruidas. Felizmente, a leitura de Chateaubriand «veio pouco depois restituir-me a fé, descendo da «cabeça ao coração onde nascera. Depois, não tem «entibiado. Creio; e a minha fé provei-a em todos «os meus pobres escriptos. O *Engeitado*, dediquei-o «ás irmãs da caridade. Em 1837 votei, como Cha-«teaubriand em 1816, ácerca da dotação do clero. «Em 1841, nos folhetins da *Revolução de Setembro*, «expuz o quadro da morte de um *Egresso*, *expulso* «como V. lhe chama. O *Pagem de D. Diniz* cele-«bra a virtude de Santa Isabel, etc. Se fui severo «contra os jesuitas, no *Martim Affonso de Lucena* «não fui injusto: segui a opinião do conde da Eri-«ceira, no seu *Portugal restaurado*. Se mil desgos-«tos me não tivessem estalado as cordas do alau-«de, teria escripto para os meninos o *Romanceiro* «*da Infancia*. Em logar das fabulas de Lafontaine, «vertidas por Curvo Semedo, dar-lhe-ia as biogra-«phias dos santos portuguezes — elches em Marro-«cos —, cujo martyrio nos conta singela mas ele-«gantemente Duarte Nunes de Leão na sua *Des-«cripção do reino de Portugal*, obra rica de noti-«cias.

«Desculpe, meu bom amigo, a extensão d'esta «carta: é o meu testamento religioso, e n'elle qui-«zera instituir por herdeiro universal o genero hu-«mano e a V. por meu testamenteiro. Se um não «acceita a herança, estou certo que V. não regeita «a testamentaria...............»

A 8 de maio de 1865 me enviava estas ingenuas

palavras o bom e leal coração que deixou de pulsar no dia 17 de maio de 1870.

Affastara-se cedo dos pontos de luz onde a admiração ou a inveja fita os olhos. Sobrava-lhe capacidade para hombrear na primeira plana dos homens uteis: não quiz. Escondeu se, apalpando a escuridão da morte, que já lhe tinha envolto o nome nas sombras do esquecimento. Alguns correspondentes de Chaves deram a noticia do seu trespasse. Parte da imprensa, se não ignorava quem fosse Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento, tinha os typos todos, e as tarjas, e os emblemas mortuarios occupados nas magestosas descripções do funeral do actor Tasso.

Não importa, meu honrado amigo. Quizeste a vida obscura: assim te foi a morte. Dizem-me que os pobres choram por ti. Santas e magestosas exequias são essas das lagrimas que te recompensam a caridade com que enchugaste muitas.

8 de julho de 1870.

LEITURA CONSOLADORA

I

Um amigo meu, de temperamento melancolico e intermittencias negras de tristesa, disse-me que, em uma d'essas crises abafadoras, se consolara, lendo e meditando os proverbios de Salomão.

Ora eu, que sinto sobre a alma, naturalmente, o gravame de um corpo que se desarticula e desfibra, bastas vezes me tenho soccorrido dos livros em apertos de amargura, e não me lembro se alguma hora acalentei as insomnias terribilissimas do espirito ou sequer descondensei a neblina lenta e suffocante que me dava aos pulmões o ambiente interior de sepulchro onde refervessem herpes nas cavidades dos craneos.

Creio que não; salvo a *Imitação de Christo* em tempo que eu levantava para o céo os olhos com as lagrimas da fé, e não tinha ainda resvalado ao sopé da ladeira onde uns tufões malditos rojam e varrem as cruzes em que as santas mães penduravam as lampadas da nossa crença.

Suave infortunio deve ser aquelle que deixa calar do entendimento ao coração balsamos refrigerantes! Leve é a cruz, se repartimos o peso d'ella com o hombro d'outro infeliz que nos deu a provar o travor das suas lagrimas, e assim nos insinua a paciencia e a hombridade nos revezes.

Mas eu sei que ha o calix intransitivo que o anjo do horto derramou sobre o genero humano. Figura-se-me que no fel d'esse calix cairam gotas de sangue de Jesus, se contemplo, vinte seculos depois da paixão redemptora, as raças, aspergidas pelo suor sanguineo do martyr, a recravarem-se como ebrias de rancor as presas, e a desentranharem-se os corações cancerados.

Ha desgraças inconsolaveis, se outra vida não preluz ao homem que, inventariando as consolações d'este mundo, apenas uma lhe vê sorrir: a morte.

Morrer: trevas sem consciencia, sem esperança; eternas; *fim* — a palavra que nos assalta quando temos no collo um filho amado; o brado que nos sôa no dobrar plangente d'um sino, quando aspiramos os perfumes d'uma campina; o carro funerario que nos surprehende a alma arrobada no recordar, no esperar a dôr lancinante que subito nos vara o coração e nos resumbra na fronte um suor frio... Morrer! O' noivas felizes, ó doidos da alegria do amor, vêde que ha o morrer!

II

Quando hontem esta idéa esmagadora se ajuntou á nevrose que me sarjava os seios do cerebro, lembrou-me a leitura consoladora do meu amigo, a Biblia, e nomeadamente os *Proverbios de Salomão*.

Li com a ancia do infermo que bebe a haustos soffregos o inculcado medicamento.

Introverti-me a cada versiculo. Recolhi-me como um anachoreta da Isthria, a instillar bem dentro da alma o succo d'aquellas idéas santas. Então era o invejar a recommendavel coragem de Origenes, quando a idéa me confundia a rasão escurentada por assombros de ignorancia. Sopesava as rebeldias da minha rasão impondo-lhe a de Tertulliano, que votava especialmente pelos absurdos. Emfim, ao cabo de duas horas de escuresas e relampagos, a minha vida era melhor, porque o Salomão me disse o seguinte:

«Não sejas sabio a teus proprios olhos... Pois isto será saude para o teu umbigo, e a regadura dos teus ossos [1].»

---

[1] *Proverb.*, cap. III, vol. 7 e 8.

E, posto que eu não padecesse do umbigo, os ossos acreditava eu que estivessem seccando; e, se por desventura n'alguma hora me remirei no espelho da minha sabedoria, protestei burrificar-me quanto em mim coubesse, e me ensinsese o exemplo de sujeitos que destillam chorume dos seus ossos.

E, no tocante a ossos, cumpre defendel-os das mulheres que exercem sobre elles acção putrida, como consta do seguinte conselho:

«A mulher diligente é a corôa de seu marido: e a que obra coisas dignas de confusão, far-lhe-ha apodrecer os ossos [1].»

No dizer do sabio, ha outra coisa que apodrece os ossos:

«A saude do coração é a vida da carne: a inveja é a podridão dos ossos [2].»

Mas, em compensação, ha outra coisa que os faz engordar:

«A luz dos olhos alegra a alma; a boa reputação engorda os ossos [3].»

Esta gordura, porém, é combatida por um mal que os mirra:

«O espirito triste secca os ossos [4].»

Em materia ostheologica, o sabio rei de Israel

---

[1] *Proverb.*, cap. XII, v. 4.
[2] *Id.*, cap. XIV, v. 30.
[3] *Id.*, cap., XV, v. 30.
[4] *Id.*, cap. XVII, v. 22.

conclue asseverando que «a doçura da alma é a saude dos ossos [1].»

A medicina tem que aprender n'este mirifico livro da Biblia. Actualmente cura-se a carie dos ossos com sanguesugas, cataplasmas de fecula, emplastos de sicuta, etc. Não usam os medicos receitar uma dóse de boa reputação para engordar os ossos, nem me consta que elles attribuam á inveja as necroses, ou dôres esteocopas.

A sciencia medica actual não vae muito além da algebra. Endireita-se uma costella, solda-se uma fractura; mas ninguem engorda um osso com uma dóse de boa reputação.

Tambem a medicina ignora o processo de engordar a alma; e a psychologia duvída que ella seja capaz de envolver-se em tecido cellular.

Salomão é que sabia como esta essencia immortal se estofava com sádias enxundias:

«A alma dos que trabalham engordará [2].»

Quando cheguei a esta altura do livro consolador, como que senti estar-se engordando o meu osso á compita com a minha alma.

E então cheio de intuições biblicas, comprehendi que as almas felizes são aquellas que mais afogadas e aboboradas se rebalsam nos seus toicinhos.

Bem hajas tu, Salomão que me explicaste a felicidade d'esta vida pela gordura physica e moral!

---

1 *Proverb.*, cap. XVI, v, 24.

2 *Id.* cap., XIII, v. 4.

III

Salomão foi o homem que lidou com maior numero de senhoras de portas a dentro. Parece que eram mil as amadas d'este sabio. Cantou algumas, aturou-as todas, reinou conspicuamente, e ainda lhe sobejava tempo para resar. «Eu ouvi a tua oração» disse-lhe o Senhor uma vez [1].

Era de esperar que um sujeito com tamanha familia, mais ou menos atanazado pelas desavenças de tantas damas, não chegasse ao termo da vida com um osso são. Pois chegou. Não direi que morresse de perfeita saude; mas viveu muito e satisfeito. E' claro que elle sabia lidar com as mil, melhor do que o leitor honesto com duas ou tres.

Que as elle conhecia é fóra de duvida. Não admira: dez centos de mulheres parecem-nos sufficientes para um naturalista applicado. Os escriptores d'hoje em dia parvoejam ácerca das senhoras por falta de exemplares.

---

[1] *Paralipomenos*, cap. VII, v. 12.

Salomão era um perfeito cavalheiro quando escrevia as suas observações. Tambem não admira. A convivencia com uma dama discreta pule, civilisa e adoça os sentimentos. Que faria com tantas! Eu por mim, póde ser que me engane, mas, se me visse na posição do marido das trezentas, com mais setecentas supplementares, levaria a minha cortezia até ao extremo de publicar um compendio de civilidade.

Cantou elle especialmente de uma Sulamite, que a leitora encontrou no «Cantico dos Canticos» quando lhe disseram que a Biblia é livro bom para meninas. Acho que é. A morigeração das inglezas, a meu ver, deve-se ás copiosas leituras d'este livro dos »Cantares»—não desfazendo nas objurgatorias de Ezequiel que são ainda melhores.

Raras vezes o filho de Bethzabée (excellente senhora!) desmente a sua proverbial delicadesa escrevendo das damas. Parece que as tôlas não lhe eram muito agradaveis, consoante se colhe da seguinte sentença:

«A mulher formosa e insensata é como um annel de oiro na tromba de uma porca [1].»

E' bonita imagem. A formosura é o annel; a insensatez é a focinheira suina.

Respeitador dos amores alheios, mais do que David seu pae, impropera a prevarição da esposa com estes termos severos:

«A bocca da mulher alheia é uma cova profunda:

---

[1] *Proverb.*, cap. XI, v. 22.

aquelle contra quem o Senhor está irado cairá n'ella [1].»

Tirante o versiculo 16 do capitulo XXX, que a decencia dos nossos habitos prohibe de transcrever, e tambem o que se trasladou com referencia aos ossos no outro folhetim, o sabio por excellencia catou ao bello sexo a mais louvavel cortezia.

Contra o vinho é que elle troveja de modo que me obriga a olhar com horror para os armazens.

«O vinho é uma coisa luxuriosa, (diz elle) [2].»

E ajunta com azedume:

«A quem se dirá: Desgraçado de ti? para quem serão as bulhas? para quem os precipicios? para quem as feridas sem causa? para quem a nevoa dos olhos? Para quem, senão para aquelles que levam o tempo a beber vinho e tem o seu gosto em despejar os copos [3]?»

Isto é rasoavel; e mais n'aquelle tempo os vinhos generosos de Engaddi bebiam-se puros, como Noé os bebera da mão das filhas. Ainda então os vinhos não sophisticados eram apenas luxuriosos. Actualmente não são isso, graças aos taverneiros que, matando o estomago, salvam a castidade.

Salomão dá a entender que bebia em termos habeis. Lindissimas imagens tira elle da cêpa quando poetisa a esposa, ou a esposa lhe responde em meigas estrophes.

---

[1] *Proverb.*, cap. XXI, v. 14.
[2] *Id.*, cap. XX, v. 1.
[3] *Id.*, cap. XXIII, v. 29 e 30.

Uma vez lhe dizia elle:

«A tua garganta é como o melhor vinho [1].»

Outra vez lhe dizia ella:

«O meu amado é para mim como um cacho de Chipre [2].»

Depois volta elle:

«Os teus peitos são mais formosos do que o vinho [3].»

Depois replica a trigueirinha:

«Elle me faz entrar na adega, onde mette o seu vinho [4].»

No auge dos seus eroticos jubilos, o rei-poeta consente que os seus vassalos bebam até cair:

«Bebi o meu vinho com o meu leite; comei, amigos, bebei e embriagai-vos, carissimos [5].»

Aqui o poeta dos «Cantares» deixa ver o invez do moralista dos «Proverbios». A critica não tem rasão. Todo o homem tem um ou dois lances de vida em que uma ou duas turcas não serão de mais, especialmente quando se é do oriente. A seriedade tem limites, para além das quaes começa a parvoice. Esta opinião é tambem d'elle, como se colhe do *Ecclesiastes, cap.* VII, v. 17:

«Não sejas muito justo, nem sejas mais sabio do que é necessario; para que não venhas a ser estupido.»

---

[1] *Canticos dos canticos*., cap.. VII, v. 9.

[2] *Id*., cap. I, v. 13.

[3] *Id*., cap. IV, v. 10.

[4] *Id*., cap. II, v. 4.

[5] *Id*., cap. V. 1.

Esta doutrina está por tanta maneira descurada entre nós, que todos, mais ou menos, peccamos de estupidos por excesso de sabedoria. A justiça em Portugal tambem não é lida em Salomão. Os juizes injustos e estupidos ao mesmo tempo ultrapassaram pelos modos a balisa da justiça e da sapiencia.

Continuando no assumpto vinhateiro, o real auctor dos *Proverbios* não quer que os reis bebam vinho:

«Não dês, ó Lamuel, não dês vinho aos reis: porque não ha segredo onde reina a bebedice [1].»

Este preceito não quadra aos monarchas do nosso tempo. Hoje os reis reinam, bebem e não governam. Obedeciam a Salomão os nossos reis antigos que bebiam nos seus repastos frugaes agua pura em canecas de Extremoz. No declive das gerações ao avisinhar-se o systema representativo, os reis, a passo que iam perdendo do direito divino iam ganhando nos direitos humanos, bebendo como homens. D. João VI não se compenetrou mal d'esta metamorphose. Os seus filhos serenissimos não se dignaram de favorecer as industrias viniculas, e, segundo sôa, o escanção dos paços actuaes de certo se não chama Lamuel, como aquelle a quem Salomão ordenava que não désse vinho aos reis. Lamuel, se hoje servisse reis, havia de ter mui grossa *nevoa nos olhos*, como diz acima o sabio.

Ha, todavia, um lance em que Salomão manda beber até chegar com o dedo:

---

[1] *Id.*, cap. XXXI, v. 4.

«... Dá aos que estão afflictos um licor capaz de os embriagar, e vinho aos que estão em amargura do coração: para que elles bebam e se esqueçam da sua pobresa e percam para sempre a memoria da sua dôr[1].»

E' portanto permittida a bebedice aos pobres e aos afflictos. Mas a policia, conforme se vê no registo das suas proesas, prende os ebrios, se elles são pobres, convertendo-lhes o vinho em vinagre que lhes verte na chaga da sua afflicção. Hoje é tudo ás avessas do que prescreve Salomão. Aos reis, sobre quem os povos chovem oiro, dá-se-lhes o regalo de nos fazerem saber cá fóra quantas iguarias lardearam a betarda que lá se comeu e a qualificação dos vinhos que regalaram os reaes intestinos; em tanto que o pobre que se embriaga para esquecer a sua pobresa e afflicção, é preso.

Basta, o meu espirito está triste; e, como diz Salomão, «o espirito triste secca os ossos.»

[1] *Prov.*, id., id., v. 6 e 7.

EM VINTE ANNOS!

I

O carnaval de ha vinte annos na cidade do Porto! n'este Porto já agora tão decadente e melancolico! Quem te viu, ó princesa do Douro, galhardeando tafularias, estrepitando nas calçadas com as tuas caleches, ondeando harmonias que golphavam dos teus salões, reluzindo nos coruscantes camafeus e abotoaduras diamantinas dos teus cinco mil brasileiros! Como vieste, no dobar de tão poucos annos, a esta decrepidez, ao esmaiado amortecido da atonia, ao abatimento cachetico de enfermidades que te esphacelam as entranhas!

Como tu eras môça, bisarra, doida e rica, ha vinte annos, n'estas gentillicas baccanaes!

Que é feito dos teus filhos que se vestiam de principes, e das tuas filhas que intrudavam innocencia de pastoras, quanto se deixava entender das pernas rubidas de pudor, e dos pés grandes creados com liberdade pastoril?

Que mavioso espectaculo e contacto era o acote-

velar-se a gente com aquelles principes trescalando ás libações mal cosidas, e com estas pastoras que vos diziam ao ouvido coisas de infinito lyrismo perfumadas das especiarias da forçura guisada com que aforçuravam a energia do coração expansivo!?

Lá vae tudo!

Fez-se um progresso que parece uma pobresa. A mocidade, antes de florecer, infruteceu uns fructos sorvados que caem de podres antes da sasão. Os filhos d'estes anciãos, que, ha vinte annos, eram rapazes alegres, estouvados, temiveis, devorantes de ostras e mulheres, devorados de absyntho e credores, que fazem? quem os vê? em que regaço de Phrines submergem os seus patrimonios? que paixões os sacodem pelas cabelleiras incalamistradas? que tristesas álgidas de poetas lhe estão geando cãs e empedrando o coração nas cavernas do peito?

Pois a geração nova é uma pleiade de meninos rosados e pubescentes que se aquecem ao sol das duas horas na Praça de D. Pedro com o ar grave de orphãos collegiaes em passeio? São estes os encarregados de conflagrarem o peito dos centenares de cálidas Evas que apenas podem imaginar a tentação do paraiso, se n'algum museu toparem com serpente embalsamada? Faz-se realmente mister que a conservação da especie não careça mais alma e amor que as industrias fabris para que o genero humano se não estanque, e o planeta dos Lovelaces e Saint-Preux não fique devoluto ás ternuras da raça felina — unica, a meu ver, que ainda se manifesta escandecida nas suas estrophes miadas.

Verdade é que ainda ha theorbas e bardos, ainda ha brochuras em 8.º com poesia a froixo; mas que monta isso? Desde que o poeta começou de chamar-se artista, o poema é artificio, é industria, é manufactura que se vende ao subscriptor benigno, ou se envia intacta á posteridade.

Esta descabida digressão desviou-me das lastimas que eu vinha contando d'este Porto de hoje em dia, tão sorna e tristonho na festiva e donosa das suas feições — o carnaval.

Mas, ha vinte annos, o que foi isto! Que saudades, que desenganos, que historias tão lagrimaveis derivaram com estes velhos que eu ainda contemplo espantados de verem que o sol lhes dá de frecha e lhes não côa um raio através do pano-piloto do casaco!

Que quereis vós, almas intangidas, se o calorico que referve as drogas de que resaltam as piscas do fino oiro do amor não rompe as flanellas, as lãs e tecidos com que affrontaes os catharros!

O' meus amigos, se o rheumatismo vol-o consente, vinde enxugar as lagrimas com o exemplo da minha resignação; e eu, se o sexto calix de kumell me der alento, contar-vos-hei uma historia que principiou ha vinte annos e acabou hontem.

II

Era em 1850, segunda-feira de entrudo.

Entrei no theatro de S. João, de braço dado com um amigo que dois annos depois pereceu no naufragio do vapor «Porto». Era José Augusto da Silveira Pinto, um dos mais gentis e galãs mancebos d'aquelle tempo. Trajava elle um riquissimo costume de Richelieu, com o qual ia distinguir-se n'aquella noite no baile da «Assembléa». Eu vestia uma rôta e suja casaca de 1810 que alugara por doze vintens, e completava o disfarce com um chapéo de castor branco que o meu creado me emprestara magnanimamente. O contraste impressionou as damas. Não sei até se a democracia christã do duque de Richelieu, prestando o braço a um maltrapido simulacro de mestre-escola com tres mezes de atrazo, fez marejar nos olhos do publico as lagrimas d'uma piedosa compuncção!

A's dez horas o meu amigo foi para o baile e eu

fiquei no theatro embevecido n'um primor de olhos divinos que ha vinte annos me seguem, e me vão precedendo no curto caminho da cova, que breve me ha de remir, mas eu sei que a luz d'aquelles olhos ha de ir comigo, céo ou inferno dentro, ou como estrella que entra na sua constellação, ou como lagrima luminosa d'um anjo caido no abysmo.

O' formosos olhos, nunca puderam prantos apagar-vos essa luz immorredoura! Se eu diria n'aquella noite de segunda-feira de entrudo...

III

Mas a historia é outra, e... menos triste. Regale-se quem lê. A scena é das mais vulgares da comedia humana. Dos personagens essenciaes não morre ninguem no conto. Ha uma coisa n'ella, porém, peor que a morte: é viver. Vivem os personagens mas por dentro cinza, como os pomos de Pentapolis, e por fóra rugas, tabidez macilenta da herpes que lavra fóra depois de haver carcomido todo o interno peito.

IV

Reparei eu então que o meu amigo Alvaro de Aboim, galhardo provinciano, passeava de casaca, luva branca e chapéo de pasta com um gracioso corpo de mulher involto em dominó de setim preto. Abeirei me d'elle e quiz apertar-lhe a mão; elle, porém, medindo-me perpendicularmente fez um gesto de fidalgo enojo, como se as minhas vestes sebaceas lhe tresandassem o fartum do seu sapateiro.

— Não me incommodes, mascara. — disse elle — Deixa-me passar.

— Passagem ao trigesimo oitavo neto de Pelagio! — disse eu, e affastei-me arqueando-me quanto o equilibrio me consentiu.

Alvaro quedou-se a olhar para mim, reconheceu-me, e disse-me bisarramente:

— Apruma-te, mesteiral, e abraça a ultima reliquia goda!

E abraçámo-nos com grave prejuizo do seu cole-

te de setim branco mareado pelas lapedas da minha casaca unctuosa.

— Vae para o baile que é meia noite — lhe lembrei eu. — Estão lá fulanas e cicranas...

E nomeei-lhe uma dezena de rainhas em competencia, rainhas dos bailes d'aquelle tempo, e do coração d'aquelle rapaz, cujo peito robusto podia com uma dezena de thronos, e suspirava ainda por outro amor, por outra mulher que elle esperava lhe caisse do céo na cauda de uma estrella.

— Não vou — disse elle — e logo te direi porque. Fallaremos.

— Dar-se-ha caso —repliquei relançando um olhar ironico ao dominó — que o anjo caisse da cauda de alguma estrella de carnaval?

— Até logo — volveu elle sorrindo, e afastou-se.

Por volta das duas horas da manhã, Alvaro de Aboim referiu-me o seguinte, pouco mais ou menos:

— Aquelle dominó, que viste, encobre uma bella rapariga, dezeseis primaveras como as do paraiso terreal, um rosto sem a macula d'um beijo, e um coração com todas as flôres ainda virgens da aspiração d'um...

— D'um nariz — atalhei eu, vendo o meu amigo embaraçado na redondez do periodo. — Não é isso coisa vulgar em baile de entrudo do theatro, especialmente se a pessoa não manchada por labios ou nariz de homem vem ao theatro sósinha.

— Não veio sósinha — acudiu Alvaro, avincando a fronte á galhofa das minhas reflexões indicativas

de alma um pouco menos virginal que a da menina. Veio com a mãe e com as irmãs. Se promettes corresponder á seriedade com que te vou fallar d'ella, sentirei o prazer de te confessar que me sinto feliz.

— Conta lá — disse eu, tirando o grande nariz da mascara para ouvil-o melhor.

— Esta mulher — proseguiu elle — é uma formosa e desconhecida menina que eu vi duas vezes na missa da Lapa, modestamente vestida de luto. Segui-a até ao fim da rua da Rainha, vi-a entrar em uma casa de pobre apparencia, esperei debalde vel-a na janella, e retirei-me ferido no coração e na vaidade. Tornei á Lapa no proximo domingo e não a vi. Passei-lhe á porta em diversas horas de cada dia inutilmente. Lancei, a final, inculcas e alcancei os seguintes esclarecimentos: que a menina se chamava Rosalinda; que era filha d'um capitão já fallecido; que vivia da sua grande habilidade de florista e mais as irmãs; que estava para casar com um alferes de infanteria.

Esta ultima informação explicou-me o natural e honesto despreso das minhas teimosas solicitações.

Decorreu um anno, ao cabo do qual a pessoa, por quem eu me informara, accrescentou que o alferes casara com uma estanqueira, despresando a atraiçoada menina, quando ella preparava, doida de jubilo, o seu enxoval de noiva.

Renasceu o affecto, posto que esta noticia me encontrasse o coração intallado entre seis peitos amorosos de damas que tu conheces.

— Muito bem; mas eu não sabia que estavas assim intallado. Rogo-te o favor de não figurares muito orientalmente o estylo, porque eu não quero commetter o peccado venial de me equivocar. Linguagem chã, amigo Aboim. Estamos no Porto, onde perigam as mulheres, se as inflorares com a poetica dos bardos do Iran. Em prosa chilra, como convem ao assumpto, queres dizer que amavas seis damas quando te avisaram da vagatura da outra. Isto é derreado estylo, confesso; mas eu, quando me mascaro, é para ser natural, e ser eu. Anda lá, conta; voltaste á rua da Rainha, e viste-a...

— Não vi, senão passados muitos dias, e depois de enviadas e não respondidas quatro cartas em que eu cheguei a ser eloquente porque era verdadeiro. Nunca escrevi com tão apaixonada poesia e com tanto medo e pesar de não ser percebido.

— E foste?

— Fui. Um dia recebi uma resposta em tres palavras, resposta que se avantajava ao sentimento, á sublimidade, á poesia dolorosa de todas as minhas cartas. Eram tres palavras que se gravaram em uma lamina virgem da minha alma, lamina onde se não havia ainda espelhado uma tal imagem, entre as muitas que eu conhecia do amor. As tres palavras eram: «Agradeço-lhe a vida». E mais nada. Agradecia-me a vida, porque as minhas cartas a haviam a pouco e pouco levantado do leito onde a prostrara mortalmente o villão...

— Se permettisses um entre-parenthesis na tua maviosa historia...

— Que é?

— Disseste, pouco ha, que a menina do dominó não tinha na face a mancha de um beijo...

— E não tem.

— Convenho em que o alferes lhe não profanasse a epiderme do rosto; mas pelo que toca aos aromas da alma, é justo desconfiar que alguem, antes de ti, lh'os respirou; o alferes que ella amava, por exemplo.

— A observação é bastantemente psycologica — retorquiu triumphante o meu amigo — e por isso mesmo é vã e chôcha. As almas são como os bolbos das flôres. Desabrocham uma florescencia que os ardores do estio requeimam e atomisam. Segue-se uma apparente atrophia vital, uma simulada morte. Depois, subito, abrolha a raiz, reflorece a alma, rescendem flôres novas, o coração inhala umas fragrancias da primavera resurgente: eis os novos amores em refundida alma, eis...

— Está bom; estou satisfeito: podes continuar.

V

— Seguiu-se uma correspondencia regular—proseguiu Alvaro — por espaço de tres mezes. Nunca pude conseguir que me ella ouvisse, sequer da janella, nem me fallasse um instante na rua. Convenci-me então de que afinal encontrara a virtude...

— Contra o parecer de Bruto...

— A virtude que é mais que um nome, sim; a mulher obscura como a perola retrahida na sua concha, a sensitiva que só do sol de Deus se deixa tocar e aquecer. Eu não sei como é isto de sentir-se a gente involuntariamente descorçoar quando as tentativas do coração se baldam rebatidas pela constancia da mulher, que pede o nosso respeito em troca de seu amor. Ou isto é aleijão do peccado original, ou eu estou mais corrompido que o meu trigesimo quarto avô...

— Pelagio, duque de Cantabria...

— Justamente.

— Não succedeu isso ao Gardingo que amou tua tia-avó D. Hermengarda. Inquestionavelmente nós, tu e eu e o alferes que casou com a estanqueira, estamos bastante mais putrefactos; entretanto, se queres, guardemos a philosophia para o fim, e conta-me a historia.

— Dizia eu, pois, que, desanimado pela resistencia de Rosalinda, deixei de escrever-lhe; mas, de vez em quando, lá passava, porque de longe a longe me deixava vencer da saudade. Ella apparecia-me com semblante magoado e ao mesmo tempo affavel; sorria-me como querendo disfarçar as lagrimas, e respondia ás minhas cartas com o mesmo affecto, sem queixar-se nem arguir-me; bem que aos periodos mais substanciaes não respondia.

Emfim, enviei-lhe um adeus em phrases tão polidas quanto ironicas; e, contente de mim mesmo, esqueci-a.

Isto acabou ha cinco mezes. Hoje, porém, quando aqui cheguei tencionando ver quem estava e sair logo para o baile da «Assembléa,» aproximou-se de mim um *dominó*, e deu-se-me logo a conhecer. Era ella, vi-lhe o rosto, ouvi-lhe a voz, senti no meu braço as palpitações acceleradas do seu coração, quando me contava as angustias da saudade em cinco mezes de esperanças malogradas, e a desesperação que a obrigou a supplicar á mãe e ás irmãs que a levassem onde pudesse ver-me e fallar-me.

— Tem estylo? — perguntei eu sem ironia, porque, n'aquelle tempo, o estylo era uma coisa em

que eu trazia apontadas as faculdades todas da minha alma.

— Exprime-se correctamente, respondeu Alvaro. — Tem a linguagem desenfeitada do coração que ainda não carece de supprir com palavras a falta de idéas. Tem a eloquencia do amor, ungida da verdade, e silenciosa quando as lagrimas acodem á pobresa da expressão. Juro-te que a amo. Não me recordo de ter amado nem com mais vehemencia, nem com tão honrados designios.

Pouco mais palestreámos sobre o vulgar assumpto. A galante menina não me inspirava a mim paciencia proporcionada ao lyrismo com que reflorecia a imaginação do meu amigo.

VI

Alguns mezes passados, ouvi contar que Alvaro de Aboim, açor de sevas prêsas, empolgara uma pomba da rua da Rainha, e se alara com ella para o reconcavo d'uns montes penhascosos onde o neto de Pelagio tinha o seu solar, na Beira-Alta.

Pretextando queixumes do seu silencio sobre o desenlace da ligeira comedia que eu vira começar, escrevi-lhe com o mais polido recato, de modo que a Eva me não imaginasse algum delegado da eterna serpente, que lhe enviava na carta recordações do Porto, tentações de voltar a este jardim de maçãs reinêtas, as quaes, n'aquelles saudosos dias, eram tantas que cada homem, olhando para a arvore, poderia sentir-se Newton aparando uma ou duas no nariz.

Respondeu-me Alvaro em termos seccos e melancolicos: «Este viver não quadra ao meu temperamento.—escrevia elle—Enganou-me o coração; ou antes gastei-o com o immoderado uso. O amor, que

durar seis mezes sem intercadencias de tedio que o restaurem, será absurdo, se não fôr milagre. Estou fatigado. Todo o meu organismo se resente da atonia da alma. Durmo muito e acordo triste. Parece que o cerebro se me está petrificando e que o sangue me regorgita na cabeça. Preciso viver... ou morrer de fastio, etc.»

Como tudo isto é trivial, leitor pio!

Não muitos dias passados, Alvaro estava no Porto.

—Que é d'ella?—perguntei-lhe.

—Ficou lá: espera-me d'aqui a dias; mas eu vou desenganal-a. Tenho resolvido. Vou dotal-a para que se case ou recolha em um convento. Que faz um conto de réis mais ou menos na minha fortuna?!

—Que bom homem és tu!—exclamei edificado. —Ainda tens a magnanimidade de avaliar n'um conto de réis a felicidade d'uma mulher! Parece-me cara de mais uma alma que te ama e que se despenha! Economisa, rapaz, economisa que tens de infeirar muitas d'essas almas. A offerta é muito maior que o pedido; e, quando constar que tu pões duzentas e tantas libras sobre o combalido peito d'onde arrancaste um coração, á volta de ti hão de ser tantos e tão bastos os dominós que te sentirás morrer como Sardanapalo entre as roscas abrazadas dos braços das amantes e as lavaredas do incendio da sua opulencia.

O meu amigo sorriu-se, justamente como o leitor, e passou; mas o leitor é que não passa. Ha de ouvir isto até ao fim. D'estes marneis fetidos da novella é que não foge quem quer.

VII

Ahi por 1853, certa pessoa mostrou-me n'um camarote do theatro de S. João uma apparatosa mulher arreiada de setim e pedras, de tranças e fitas, com uma immensa formosura afogada pelos atavios.

— Aquella, — disseram-me — é uma Rosalinda que ha tres annos fugiu da mãe para o teu amigo Aboim. Como sabes, o teu amigo, casando com uma viuva que colhia 250 carros de cereaes, deu a Rosalinda alguns punhados de oiro. Tu has de saber esta historia...

— Sei até ahi; e depois?

— Depois, a rapariga foi bater á porta da mãe. Já não morava na casa da rua da Rainha pessoa alguma de sua familia. A mãe tinha morrido; e tres irmãs que a fugitiva deixara a chorar-lhe a sua perdição, perdidas estavam, se é perdição estar uma mulher recostada n'uma othomana de seda, com os

pés sobre a flacida almofada, calçados de setim branco, e os braços enroscados de pulseiras, e as palpebras descaidas na languidez afadigada do gôso.

N'estas condições encontrou Rosalinda uma das suas tres irmãs, e depois as outras, que eram todas lindas, e tinham tido estrella boa que as encaminhasse a uns homens, cujos corações saíam das algibeiras empapeladas em notas do banco.

Rosalinda, espantada da desgraça de suas irmãs, chorou sete dias e sete noites; ellas, porém, sorrindo e dando aos hombros, perguntavam-lhe:

—Porque choras?! Tu eras a mais virtuosa... e caiste primeiro. Tu tinhas mãe e tinhas o pão de cada dia e perdeste-te. Nós cahimos quando a fome nos quebrou o amparo da vergonha. Esperámos que a Providencia nos enviasse almas caritativas que nos sustentassem entre a pobresa e a honra; esperámos; mas quem chegou até á pobre casa, onde nós tiritavamos de frio á falta de cobertores, foram uns homens que nos passaram da indigencia para esta riqueza. Se a Providencia os mandou, movida aos nossos rogos, graças lhe sejam dadas; se esta vida é infame e deploravel, não estava em nossa mão escolhel-a melhor. Chora por nós em paga do que chorámos por ti.

As lagrimas de Rosalinda estancaram-se. O chorar longo tempo é dos phylosophos tristes e antigos. Modernamente o phylosopho não chora mais que as mulheres abysmadas. A mulher que se transviou do trilho que leva ao céo tocando nos portos

do desamparo e da fome, não se chora, nem agradece a quem a lastima. A' piedade vã dos moralistas já ella respondeu, inscrevendo no limiar da sua porta: «Aqui se vende uma alma».

Interrompi este sujeito, esmagando-lhe as theorias com os pesados argumentos que o leitor sabe; mas, como todo o meu empenho era a historia da amante d'Alvaro, não consegui convertel-o como era de meu dever, se estivesse de vagar.

Ajuntou o socialista de má morte que Rosalinda, nada afeiada pelo peccado, antes aprimorada por uns diabolicos realces da desenvoltura e garridice, seduzira não só o coração, mas todos os toucinhos adjacentes d'um João José Dias, ou coisa assim rica e bruta.

O camarote, os setins, os diamantes, a mulher, a caleche e a parelha que a esperava vinha a ser tudo do supracitado João José Dias, n'aquelle anno de 1853.

Em 1856 encontrei a mesma mulher, um tanto esmaecida, menos tafula, mas ainda galante. João José Dias tinha sido atraiçoado, e substituido por um general de brigada, homem de aspecto invalido, rouquejando como se nas goelas lhe pendessem concreções vitrias de agua-ardente de 15 graus.

Depois, nunca mais a vi.

Agora, direi de Alvaro d'Aboim.

A viuva com quem elle se matrimoniara, senhora de annos, e espirito bastante silvestre, pegou de rabujar com ciumes, aggravados pelo espelho e por uma herpes incommoda que lhe nasceu na es-

pinha — flagellos conjurados a assanhar-lhe a condição ruim. O marido, de natural rebelde e imprudente, não se emendava nem sequer acautelava. As rivaes de D. Felizarda eram creaturas que andavam estadeando o escandalo com uns rapazes gordos e vermelhos ás cavalleiras, dizendo que Alvaro era o pae d'elles: do que eu não duvido.

A esposa, forte da sua justiça, e defraudada em seus direitos, constituiu-se em permanente diabo caseiro. Alvaro, atiçoado pelos olhos ardentes da velha, considerou-se bode expiatorio de si mesmo, e mais completo bode seria, se a esposa não estivesse já fóra do alcance da serpente. Infernado, porém, até mais não poder, o meu amigo, depois de seis annos que o avelhentaram e incalveceram, deixou D. Felizarda no goso dos 250 carros de cereaes, e fugiu a unhas de cavallo para o Porto.

No correr de doze annos uma ou outra vez encontrei Alvaro d'Aboim, no Porto ou em Lisboa. Encarava-me com uma tristesa correspondente á idéa triste que me elle espertava: «Como nós envelhecemos!» dizia eu de mim para mim. Depois, se conversavamos, parece que ambos fugiamos de recordar. Trocavamos apenas um sorriso, falsa expressão do desgosto incomparavel que melhor se expressaria em torrente de lagrimas, se lhes não fosse impedimento a miseria de nos querermos esconder um do outro.

Uma vez, porém, ageitou-se o ensejo de lhe eu perguntar:

— Que será feito de Rosalinda?

— Não sei!—respondeu elle tirando pelas espessas guias do bigode listrado de cabellos brancos.

— Desde quando não sabes?

— Desde que a esqueci. E tu?

— Eu não a vi ha muitos annos; mas lembrome de ter ouvido dizer a não sei quem do nosso tempo que a tinha visto muito infeliz.

— E' logico—concluiu Alvaro com a circumspecção d'um mestre de syllogismo.

E mais nada; senão que eu andei muito tempo a scismar com aquelle «é logico» e a concluir logicamente que nas entranhas dos homens de hoje lateja mais pus do que é permittido suppor que cancerasse os habitantes das cidades malditas que Jehovah cauterisava com chuva de fogo.

CONCLUSÃO

N'este anno da graça de 1871, fui eu a um baile de mascaras ao Palacio de Cristal.

O tedio da minha alma, n'aquelle estridulo vozear de gentio esfalfado a fingir que a vinolencia era graça portugueza, só póde comparar-se a uma dôr ingente de callos.

A's dez horas levantei-me para sair, e tornei a sentar-me obrigado por coisa maravilhosa. E' que Alvaro de Aboim passava dando o braço a uma mulher de dominó, a qual pisava com feiticeiro donaire e se bamboava de quadris com requebradas inflexões.

Passou e repassou muito attento e todo embevecido no que ella dizia.

Assaltaram-me memorias amarissimas—analogias de vinte annos antes.

Tive vontade de lh'o lembrar, e cedi ao impulso. Fiz-me encontradiço com elles, e disse a Alvaro:

— Tal e qual como ha vinte annos, ó Aboim! Recordas-te?...

Elle sorriu, e passou rapido como quem diz o mais delicadamente que póde: «deixa-nos.»

Não sei o que me entreteve até á meia noite. Quando eu saía, vi na ultima cadeira do salão Alvaro de Aboim com os cotovellos nos joelhos e o rosto entre as mãos.

Aproximei-me, e disse-lhe:

— Vamos embora?

Alvaro olhou para mim com estremecimento de susto. Vi-lhe o rosto lavado em lagrimas.

— Que tens?!—perguntei.

Levantou-se de salto, travou-me do braço, e levou-me para o mais escuro do jardim.

— Viste aquella mulher que andava comigo? — disse elle abafadamente.

— Vi.

— Era...

— Quem?

— Era... O' meu Deus, o que eu vi!... Fallou-me muito tempo em segredos da minha vida; ás vezes as suas palavras pareciam convulsas de lagrimas; outras vezes vibrava umas risadas de escarneo ou de loucura. Embriagava-me e dilacerava-me o coração ao mesmo tempo. Pedi-lhe que me deixasse viver na esperança de a conhecer; quasi com as mãos postas lhe pedi que me deixasse amal-a... que me deixasse sentir a felicidade de ter um coração piedoso por mim.

Escutou-me a tremer... eu sentia-lhe o tremor

do braço, quando ella me levou arrebatadamente para o mais sombrio do salão e arrancou a mascara, exclamando:

— Aqui tens uma formosa digna de ti, Alvaro!

Recuei com pavor.

Parecia-me entrever não sei que feições de Rosalinda, quando ella disse com terrivel energia:

— Olha a mulher de ha vinte annos: Olha bem para mim... Queres o meu coração para a tua felicidade? Queres-me assim? Aqui me tens, Alvaro! Vem, desce ao abysmo onde me despenhaste, e leva-me. Eu te contarei devagar como fui descendo uma e uma as escaleiras da perdição, desde que tu me disseste: «afoga-te n'essa lama!»

Alvaro susteve-se soluçante; e, apoz longa pausa, proseguiu:

— Olha... Rosalinda tem os cabellos quasi todos brancos, e os ossos descarnados cobertos de manchas e rugas. Oh! tu não imaginas que terror e lagrimas faz aquelle semblante!... Eu escutei-a empedrado em quanto ella quiz fallar. Não sei que ultimas palavras lhe ouvi... Sei que a vi, afogada pelos gemidos, desapparecer, com um gesto de repulsão quando eu lhe offerecia o meu *porte-monnaie*...

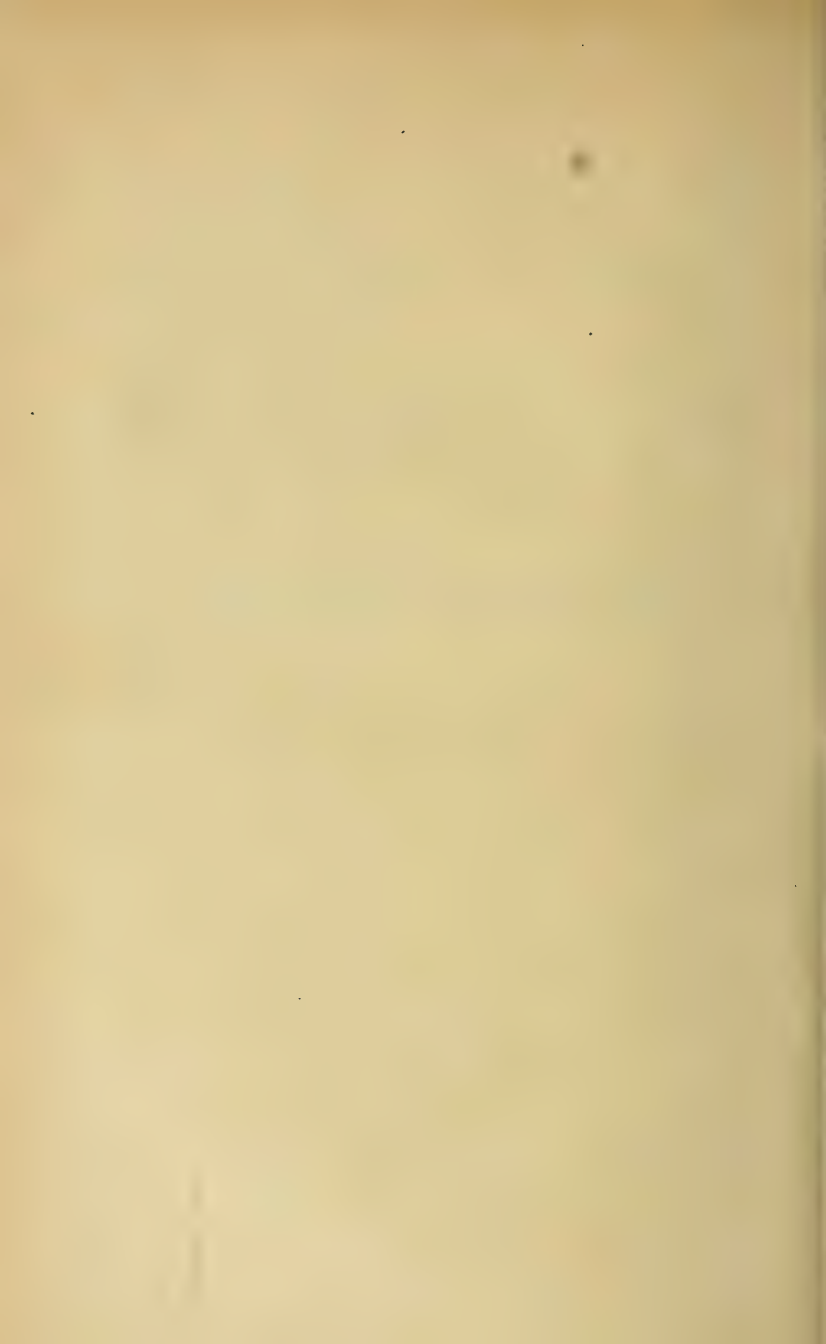
— E não pudeste offerecer-lhe senão dinheiro, Alvaro?! Que santissima caridade seria a tua se achegasses do teu seio o rosto da pobre mulher, e lhe dissesses: «chora!» Como Deus seria teu amigo, se lhe désses um leito na tua casa, e lhe dissesses: morre ahi; que eu antes quero que me vejas e

odeies á cabeceira d'este leito, do que ser-te lembrado e maldito no catre do hospital.»

—Não me atormentes!—atalhou Alvaro—Com o terrivel grito do remorso te peço que me ajudes a procurar Rozalinda...

....

Ha oito dias que procuramos Rosalinda. Na lista d'aquellas para quem Victor Hugo implora commiseração não ha tal nome. Isto não desanima as nossas diligencias. Se ella apparecer, saber-se-ha.

PATARATAS EM 1858

PATATARA PRIMEIRA

O mundo não vai mau. A gente ri-se,
Depois que estuda bem o que isto é.
Quem toma a sério o mundo faz sandice
Que o torna semsabor e parvo até.
Não sei qual grande sabio foi que disse
Ser suprema sandice a boa fé.
Na boa fé do tolo medra o esperto;
E o logro do velhaco é sempre certo.

Eu fui outr'ora um lerdo choramigas;
Nos olhos tinha sempre uma cebola!
Que lagrimas chorava!... tu que o digas,
Ingrata, a quem chamei fagueira rola!
Caretas me fizeste, e talvez figas,
Em quanto uma elegia acerba e tola,
Em versos, quasi todos aleijados,
Eu fiz e publiquei por meus peccados!

A cantaros chovia algumas vezes,
Ai! e eu, em guta-percha encadernado,
Andei na rua d'ella uns cinco mezes
Sempre cheio de lama, e encatharrado.
Galhofas supportei, risos soezes
Da visinha, que estava sempre ao lado,
Conversando com outra, a quem dizia:
«Já viram tolo assim? Forte mania!»

E quem, oh justos céus! quem era ella,
Que assim zombava d'este amor violento?
Quem pensam que era a candida donzella?
Namoro escandaloso d'um sargento,
Que uma escada de corda na janella
Ingatava, alta noite; e, em quanto o vento
Me regelava a subida faceira,
A visinha... provava a minha asneira.

Comecei a descrer, desde esse dia,
Da honra das visinhas, sobretudo;
Em consequencia do que, outra elegia
Mandou para o jornal meu estro agudo.
Ao mundo fiz saber que dôr bravia
Gerava o meu cynismo façanhudo;
E prometti beber sangue do povo
Como quem bebe orchata ou sorve um ovo.

E' certo que me fiz terror das damas!
Se entrava nos salões, era um phantasma!
Sabiam-se de cór os meus programmas
De asphyxia, medonhos como a asma!
Meus beiços, ao fallar, vibravam chammas!
Ao som da minha voz a gente pasma!
«E as mães que o som terribil escutaram
«Aos peitos os filhinhos apertaram.»

(Os dois versos finaes são emprestados;
Escreveu-os Camões. Sinceridade!
Ha por ahi uns poetas deslavados
Que pilham quanto podem sem piedade!
Camões tambem pilhava os seus bocados,
Assim por distracção, isso é verdade.
Virgilio fez um verso d'uma idéa;
Camões fez dois, mostrou mais rica veia.)

Vinguei-me das mulheres com usura!
(Parece prosa o verso!) Corrompi!
Grinaldas virginaes com mão impura
Das frontes arranquei, pisei, cuspi!
A prantos não vergou minh'alma dura,
Fiz coisas que ninguem fez por ahi!
Ninguem póde escutar a sangue frio,
Tropelias que fiz no mulherio!

Depois fez-se em minh'alma um grande tedio
D'estes gosos sandeus da sociedade.
Custava-me a soffrer o longo assedio
De escravas a pedir minha piedade!
Uma d'estas,—ai d'ella!—atroz remedio
Buscou no suicidio... Oh crueldade!
Matou-a pena extrema e verdadeira!...
Consta que era excellente cosinheira!

Que victimas illustres immoladas
Da vingança nas aras fumegantes!
Que cegas mariposas abrasadas
Na luz d'estes meus olhos fulminantes!
Era um destroço! esposas adoradas
Desleaes aos legitimos amantes!
E muitas, por notaveis celebreiras,
Chegavam a fugir pelas trapeiras!

Terrivel! fui terrivel! mas agora
Mais espinhas minh'alma tem que um savel,
Espinhas de remorso que por fóra
Ninguem me vê na cara impenetravel!
Recolho-me constante áquella hora
Chamada das gallinhas; e é notavel!
Em quanto o mundo folga e tripudia,
Resono bestialmente inda ao meio dia!

E o fado, ainda assim, não satisfeito,
Com mais cruentas maguas me castiga;
Devoro alarvemente, e sinto o effeito
Nos tumidos refegos da barriga;
Pendurada do queixo sobre o peito
Escarlate papeira se impertiga;
Sobre os olhos a carne se me engrossa,
E a gorda estupidez de mim se apossa!

Chegado a este excesso de desgraça
Não tento contra a minha triste vida,
Que sou christão; porém, não sei que faça
Durante uma existencia tão comprida!
O mundo para mim já não tem graça,
Namoro-me da cova appetecida;
Mas, se a parca não busca a sua presa,
Vou-me casar!... Venceste ó natureza!

PATATARA SEGUNDA

Vou-me casar!... E' boa! Pelos modos
Não é mais que dizer: *Vou-me casar!*
Eu tenho visto, e vejo os parvos todos,
Buscando, rebuscando, e nunca achar.
Empregam n'essa empresa os vís engodos
Que ensina a desvergonha; e sempre o azar
Lhes torce a vocação, sempre a desgraça
Os lança ao riso mofador da praça.

Josino, amigo meu, velho incontricto,
Ha trinta annos conheço em cata d'uma,
Que tenha coração, e algum saquito
D'aquillo com que a vida mais se arruma.
E' velho o meu Josino, mas bonito,
E bem conservadinho; inda se apruma,
Quando vê na janella da visinha
A desnalgada moça da cosinha.

Nos bailes, faz-me inveja o seu meneio,
E os tregeitos que faz co'a perna fina,
E o garbo, que lhe empresta o bom recheio
Do tumido algodão com que fascina.
Do cume da gravata, em doce enleio,
Contempla as graças da gentil menina,
Já neta d'uma avó que foi devéras
Namoro de Josino em outras eras.

Já tem um pouco os olhos desvidrados;
Porém, não sei que graça tem se os pisca!
Eu, se fosse mulher! ai! meus peccados!
Caia n'este anzol de antiga isca!
Ha homens tão fataes e endiabrados
Que mal sabe a mulher quanto se arrisca,
Se cavaco lhes dá! Ai! da mesquinha!
E' a historia do sapo e da doninha.

Mas que importa o poder que tens no peito
Das candidas donzellas, velho audaz!
Tu consegues fazer com manha e geito
O que a natureza perfida desfaz.
Já consta por ahi que tu és feito
De prodigo algodão, mumia fallaz!
Suspeita-se tambem ser de algodão
A coisa a que tu chamas coração.

Josino, ainda assim, já não fraqueia;
Ousa dar-se o valor d'uma antigalha,
Camafeu de Herculanum ou de Pompeia.
Que no mundo não tem mulher que o valha.
Isto diz muita vez á bôca cheia
A' rabujosa tia, se lhe ralha,
Porque ella, mulher de sã lisura,
Se ri, quando elle põe a dentadura.

Josino tem caleche e tem cavallo
Que aos triumphos d'amor lhe presta ajuda.
Quando silva da pita o agudo estalo,
Donzellinha não ha que não sacuda
A ceroula do pae para espreital-o,
Tingida do pudor que o gesto muda;
Em quanto elle lhe mostra o dente amante
Que outr'ora adorno foi d'um elephante.

N'estes mezes de inverno, o rheumatismo
Costuma arrelial-o, e elle affecta
Que está n'uma estação de scepticismo,
E não sente d'amor a doce séta.
Diz que o seu coração é fundo abysmo,
Onde guarda uma crença predilecta,
Por mulher que ha de vir; e á vista d'isto,
Presume-se que vem c'o Anti-Christo.

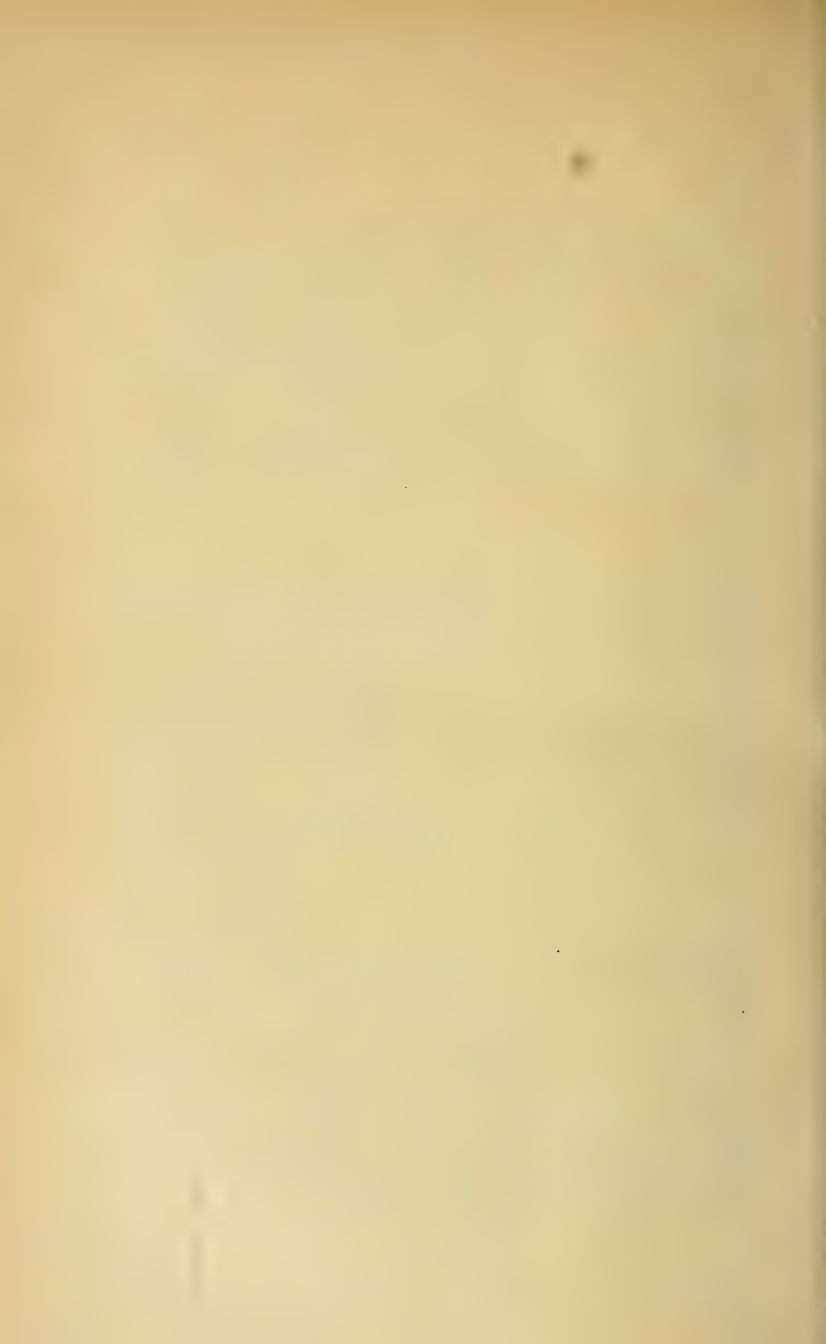
Mas apenas renasce a primavera,
Esparzindo matiz de lindas flores,
Josino sáe da cama, onde gemera,
E remoça nutrindo outros amores.
Ludibrio miserando da chimera,
Que o tolhêra no leito d'agras dôres,
Eil-o de novo, em coração repoisa
De donzella que pese alguma coisa.

Não cuida que perdeu do seu quilate
Emquanto pode as rugas rebocar;
Diz sempre que lá dentro ainda lhe bate
O quer que seja que precisa amar.
Assim como quem diz um disparate,
Pergunta se será nescio em casar:
Conta os logros que fez, nunca sabidos,
E teme a providencia dos maridos.

Sem embargo, porém, d'este palpite,
Josino vae pedir a mão de esposa,
A formosa menina das do *elite*
Que a detracção abocanhar não ousa.
Annue o pae ao digno convite,
Que é passaro bisnau, velha raposa,
E vira um vulto de homem presumivel,
Sair do quarto d'ella (oh vista horrivel!)

Josino, alfim, casou, e partiu logo
(Ah! que não sei de nojo como o conte!)
Todo ancia e paixão, ardor e fogo,
Com ella para o Bom Jesus do Monte.
Ai! que lua de mel, que desafogo,
De candente paixão ao pé da fonte,
Que trepida repete em mago anhelo,
As fallas que murmura o *Esganarelo*.

Esganarelo, sim!... (Se saber quer
Alguem quem foi ou seja aquelle heroe
Procure-o, que ha de achal-o em Molière,
Ou lá na visinhança.) O caso foi,
Que, extincta a lua incasta do prazer,
A esposa diz que já n'alma lhe doi
Saudades do theatro italiano,
E do primo doutor... grande magano!

Meditei longamente a triste sina
Do meu pobre Josino, e... nada feito!
Não sei se a dura sorte me destina
Sabida pena com que não me ageito.
Chamam-lhe de Talião; mas a menina
Que não sabe quem seja este sujeito,
Bem é que, sem saber, tal me não faça:
E em quanto a me casar... era chalaça!

PATARATA TERCEIRA

Para a menina discreta
E' a poesia um feitiço.
Bella coisa é ser poeta,
Quando se tem um derriço,
Que nos faz andar pateta.

Eu cá por meu alvedrio
Amo em rima harmoniosa.
Amar em prosa! isso é frio;
Já ninguem namora em prosa
Se tem um pouco de brio.

Com versos, mesmo aleijados,
Fazem-se grandes conquistas
De corações bem formados;
Emquanto os chôchos prosistas
Fazem cruzes, mal-fadados!

Paes de familia, cautela
Com menestreis de luneta
Que vos fitam a janella,
E vos chamam *Julieta*
A' filha sem aduella.

Eu já fui rapaz do tom,
E, com pesar de o ter sido,
Resolvi fazer-me bom;
E ao mundo, que hei offendido,
Em paga, faço-lhe um dom.

Dos meus collegas é certo
Que os artificios traidores
Hei de mostrar bem de perto.
Quero pôr a descoberto
Seus planos seductores.

Quando a victima não canta,
(Quero dizer a donzella)
Chilreando em tom de flauta,
Lança á noite da janella
Cartinha escripta por pauta;

O bardo ancioso entra em casa,
Devora, sôffrego, a impada;
E, se não é maré vasa
De inspiração desgrenhada,
Bate do estro a negra aza.

O que primeiro lhe acode
Não é o ardente dizer
Que pintal-o melhor póde;
Primeiro cumpre saber
Se ha de ser canção ou ode.

Vai, depois, pondo em fileira
As regrinhas desazadas;
Arrepella a cabelleira,
Roe as unhas mal lavadas,
E, por fim, troveja a asneira.

Borra a pintura que fez,
E novos versos maquina;
Lembra-se d'outros que ha um mez
Mandára a certa menina
Que com elle amava tres.

Nova edição incorrecta
Da cataplasma damninha
Impinge o chôcho poeta
A' analphabeta visinha
Que ingole os versos e a peta.

Ingole, digo, pois quando
Ella, com custo, os soletra
Parece estal-os mascando;
E admira não vêr *setra*,
Com dois corações sangrando.

Repete os versos á amiga
Que diz nunca os vira iguaes;
Mas, não sabendo o que diga,
Em resposta a mimos taes
Manda-lhe velha cantiga.

Os diques da inspiração
Rompem-se alfim em torrentes
De fructos de maldição;
Não são versos, são candentes
Lavas de accêso vulcão.

Já começa a dar gemidos
A imprensa pouco honesta
Com os versos nunca lidos,
Que o leitor grave detesta,
Porque os fins são bem sabidos.

E não leva a bella a mal
Que o mundo diga que é ella
Quem figura no jornal,
Disfarçada em nivea estrella
Com promessas de immortal.

A' inveja de certa amiga
Nem isto quer que se esconda;
E, soberba, se impertiga
Vendo-se em letra redonda,
Do pae cruel inimiga.

Já o vate excelso abarca
Um pensamento profundo:
Vem-lhe á memoria Petrarca,
Que deixou cá n'este mundo
Laura zombando da parca.

E est'outra Laura tão sua
Quer fazel-a eterna em verso;
E, quando pensa que actua
Na admiração do universo,
Não no conhecem na rua.

Trinta cadernos aprompta
De pavorosa escriptura;
Tira prospectos por conta
De equivoca assignatura,
Que por um terço desconta.

Sáe a lume, e em trevas morre,
O parvo-filho do amor,
Livro que insomnias soccorre;
Mas quem risco amargo corre
E' de certo o impressor.

Entretanto, a virgem meiga
Os versinhos, doce prenda,
Cada vez mais n'alma arreiga,
A tempo já que na tenda
Se embrulha n'elles manteiga.

Vive na fé, todavia,
Que do amante a loquaz fama,
Que até aos astros a envia,
Já seu talento proclama
Muito além da freguezia.

E, convicta d'isto assim,
Já tida em conta de eterna,
Julga ser mistér ruim
Cozer ceroula paterna,
Ou remendar o carpim.

Infeliz pae, que afflicções
Não tens tu de amargurar
Ao tirar dos gavetões
A meia sem calcanhar,
E a camisa sem botões!

Em velhice desditosa,
Doe-me ao vêr-te submerso!
Em quanto a filha radiosa
Se fez immortal em verso,
Morres tu em chilra prosa.

Paes de familia, cautella
Com menestreis de luneta,
Que vos fitam da janella,
E vos chamam *Julieta*,
A' filha, sem aduella.

Mas, ó patusca poesia,
Tu és vara de condão,
E's, no deserto, agua fria,
E's tabua de salvação,
E's pharol que á praia guia!

Sem ti, doce companheira,
Amiga, socia fiel,
A fabrica da Abelheira
Não venderia o papel,
Nem teria premio a asneira;

Nem seria a mulher rôla,
Nem celeste o seu sorriso;
Talvez fosse menos tola,
E tivesse mais juizo,
Mas isso de que consola?

Bella coisa é ser poeta,
Quando uns olhinhos amenos
Nos fazem andar pateta.
Se ama os sonetos pequenos,
Viva a menina discreta!

PATARATA QUARTA

Musa séria, que me has dado
Mais gloria que dinheiro,
Dá-me hoje estro sublimado:
Para assumpto galhofeiro
Guarda o acre apimentado.

Que o assumpto é serio e vasto,
Pois cantar quero os fidalgos
De Cabeceiras de Basto,
Que tem cadellas e galgos
E trazem pôtros no pasto.

Por lá disse o bom Miranda
Que pardáos vira correr.
Inda a roda não desanda;
Peor agora, a meu ver,
A fidalguia trezanda.

O' bisnetos veneraveis
Dos heroes de Ceuta e Fez:
O' progenies respeitaveis
D'aquella gente que fez
Heroismos memoraveis!

Palavra d'honra, declaro
Que não respeito o que sois,
Nem serei menos avaro
De respeitos aos heroes
D'onde o nome haveis preclaro.

Vossos avós que fizeram?
Que é dos padrões d'essa gloria,
Que mercenarios lhes deram
Na venal mentida historia,
Que mãos servis escreveram?

Se dizeis que alguns piratas,
Defraudando estranha gente,
Vos legaram honras gratas,
Tereis logar excellente
No livro das *pataratas*.

Quando o indio inerme e pobre
No seu torrão vegetava,
Ou com seu trabalho nobre
Alguns bens accumulava
Sob o colmado que o cobre;

Quando ditoso vivia
Amando os filhos e a esposa,
E adorava o Deus que via
Com mão terna e dadivosa
Dar-lhe o pão de cada dia;

Vossos illustres avós
Por esse tempo o que eram?
Que serviços, dizei vós,
Que industria nobre tiveram
Que transmittam honra a nós?

Homens de força brutal,
Inhumanos salteadores,
D'esses que a historia immoral
Nomeia «conquistadores»
E glorias de Portugal;

Homens forçados á guerra,
Heroes á força, sem arte
Para achar na propria terra
O que natura reparte
Por todo o ente que encerra:

Taes eram esses que a fama
Sanguinaria celebrava,
E hoje o orgulho proclama
Sobre um padrão que desaba
Amassado em sangue e lama.

E, sacrilegos, diziam
Que derramavam a luz
Entre povos, que não viam
O estandarte da cruz
Que elles de sangue tingiam!

E era seguro o tropheu
N'esta santa e pia guerra
Que o selvagem converteu:
Tiravam-lhe os bens da terra,
Mas davam-lhe os dons do céu.

E, depois, ricos nas prezas,
Que para a patria traziam,
Allegavam gentilezas,
E mercês pingues pediam
Em premio d'altas proezas.

Taes façanhas praticavam,
(Sabei-o, pedantes broncos!)
Esses que a patria mancharam:
Vossos celebrados troncos
D'esta ruim seiva medraram.

Gosai os bens da victoria
De torpe pirataria:
Mas não nos sirvam de gloria
Façanhas de barbaria
Falsificadas na historia.

Esse orgulho é parvo e vão;
Essa empafia inoja e insulta;
Esse arrogante brazão
Diz que muita infamia inulta
Teve honroso galardão.

PATARATA QUINTA

Da ôca ostentação as vans negaças,
E os tantos seus ridiculos tamanhos,
Fazem chorar e rir.
O' eras primitivas dos rebanhos,
O' tempos patriarchaes,
Passastes, não tornaes de certo a vir!

A filha de Labão enchia a bilha,
Penélope, a rainha, ensaboava
As piugas conjugaes;
Lucrecia com a roca serandava,
E muito grandes damas
Faziam tudo aquillo, e muito mais.

Mas era um gosto vêr como ellas tinham
As casas petrechadas, trastejadas,
Moirejadas, varridas!
Curavam ellas mesmas as meadas,
Teciam suas têas,
E tinham sempre as arcas bem fornidas.

Ao domingo, depois de ouvirem missa,
Cuidavam do jantar á portugueza,
D'arroz, sopa e cosido;
Depois, para ajudar a natureza,
Iam dar um passeio
Impando o buxo gravido e intoirido.

Ao lusco-fusco, as portas se trancavam
E marido e mulher, n'uma só alma,
E n'uma cama só,
Resonavam em sorna e doce calma,
E tinham sonhos doces
Qual toicinho do céo ou pão de ló.

Ao romper da manhã, subtil e lesta,
Desvelada se erguia a esposa meiga,
E o almoço fazia.
A chicara do chá, pão com manteiga
Lobrigava o marido
Se o olho crasso e remelado abria.

Em dias festivaes, em dias d'annos,
Era a pitança mais choruda e gorda:
Os anjos invejavam
Aquella appetitosa e pingue açôrda
Que os conjuges radiosos
Nas festivas barricas emborcavam.

O' tempos patriarchaes! Com que saudade,
Eu, filho d'estes tempos pataratas,
Invejo os meus avós!
Vivieis penduradas dos rabichos,
Virtudes portuguezas;
O rabicho cahiu, cahistes vós!

Agora... ai! que miserias, que toleimas,
Que gente, que nação, e que costumes
Os teus, ó Portugal!
Se ha civilisação, é só nos lumes,
Nos lumes-promptos só;
E, se teimam que ha luz, é infernal.

Vão ver o que se passa em cada casa,
Das que vivem á lei da grã nobreza
E tantos festins dá;
Se é jantar, o talher que está na mesa,
O usurario o dera
Em troca do serviço que é do chá.

Se é baile, vae em troca do serviço
A superflua baixela do jantar,
E assim se faz figura;
E se é jantar e chá, vão-se alugar
Ao sordido judeu
Ambas as coisas que absorve a usura.

Ha familias do tom mais miserandas:
Aquellas são que tem sege e cocheiro,
E seu guarda-portão;
Mas dos riscos de giz do mercieiro
Deduz-se que a barriga
Não sabe o que é soffrer indigestão.

São moda agora uns fofos vaporosos
Omelettes soufflées denominados,
E *omelettes sucrées*.
São éthereos de mais estes bocados,
E mesmo incompativeis
C'o estomago sincero portuguez.

Ha quem diga que as raças se depuram
Ao passo que a tintura vermelhaça
Dos semblantes se some;
Dizem que a pallidez distingue a raça;
Mas eu, de mim, não creio
Que seja perfeição; acho que é fome.

FIM

INDICE